
CPAD
MANTENDO A FÉ
NA UNIVERSIDADE
Instruções para a defesa da sua fé no *campus* universitário
J. Budziszewski


CPAD
MANTENDO A FÉ
NA UNIVERSIDADE
Instruções para a defesa da sua fé no *campus* universitário
J. Budziszewski

MANTENDO A FÉ NA UNIVERSIDADE

Instruções para a defesa da sua fé no *campus* universitário



Um presente para:

De:

Filho meu, se aceitares as minhas palavras e esconderes contigo os meus mandar

“O livro de J. Budziszewski é para o estudante universitário que deseja permanecer cristão ao longo de toda a sua caminhada, sem vacilar e vender-se a outras filosofias. Ele coloca a barra na altura certa e dá a você toda a ajuda para saltar sobre aquela barra”.

— Phillip E. Johnson, Professor de Direito, Universidade da Califórnia, Berkeley

“Este livro é o melhor manual impresso para a sobrevivência espiritual na universidade. E ele foi escrito por uma pessoa que está lá no meio de tudo, que participa da universidade e a sabem o melhor das coisas.”

— Norman L. Geisler, PhD, deão do Southern Evangelical Seminary, Charlotte, Carolina do Norte

“Todo estudante universitário cristão sério precisa desse livro como uma referência de mesa, ao lado da sua Bíblia”.

— David C. Ness, PhD consultor ministerial para o Ensino Superior

“Toda igreja deveria entregar este livro aos seus secundaristas formandos que estão em vias de entrar para uma Faculdade ou universidade, porque estas instituições podem ser uma zona de guerra para os estudantes cristãos”.

— Dean Halverson, editor geral do The Compact Guide do World Religions [Guia Compacto Para as Religiões Mundiais]

“Pense neste livro maravilhoso como uma espécie de ‘acampamento na selva’ que preparará os seus filhos para a guerra de ideias que lhes aguarda na universidade”.

— William A. Dembski,

autor de The Design Revolution [A Revolução do Design]; professor adjunto da Baylor University

“O livro de Budziszewski arrebenta com os mitos por trás do secularismo empobrecido que domina os campi universitários nos dias de hoje”.

— J. Frasier Field,

Diretor Executivo do Catholic Educator’s Resource Center

MANTENDO A FÉ NA UNIVERSIDADE

Instruções para a defesa da sua fé no *campus* universitário

J. Budziszewski

Traduzido por Marcelo Siqueira

1ª Edição

CPAD

Rio de Janeiro
2018

Todos os direitos reservados. Copyright © 2018 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembleias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Título do original em inglês: How to Stay Christian in College

NavPress, Colorado Springs, EUA

Primeira edição em inglês: 2004

Tradução: Marcelo Siqueira

Preparação dos originais: Cristiane Alves & Miquéias Nascimento

Capa: Nathany Silvares

Projeto gráfico e editoração: Elisangela Santos

Produção de ePub: Cumbuca Studio

CDD: 240 - Moral cristã e teologia devocional

ISBN: 978-85-263-1619-5

ISBN digital: 978-85-263-1806-9

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso site: http://www.cpad.com.br.

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso site: http://www.cpad.com.br

SAC — Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800-021-7373

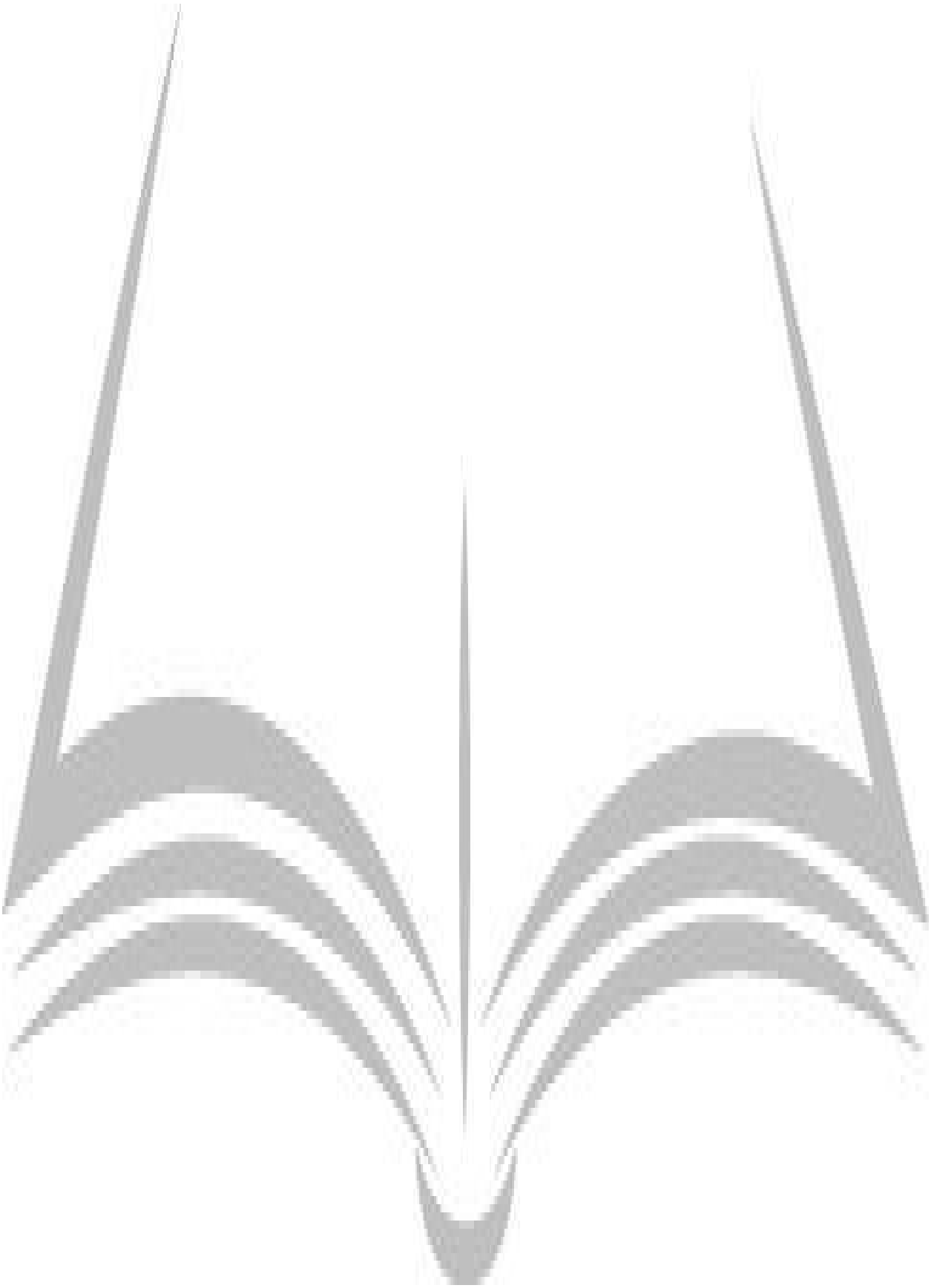
Casa Publicadora das Assembleias de Deus

Av. Brasil, 34.401 – Bangu – Rio de Janeiro – RJ

CEP 21.852-002

1ª edição: 2018

AGRADECIMENTOS



Devo os meus sinceros agradecimentos à minha esposa e auxiliadora, Sandra, que me ajudou na elaboração deste livro e trabalha como a minha melhor consultora; à minha filha Alexandra, que terminou o Segundo Grau bem na época em que terminei de escrever a primeira edição e que me forneceu muitos detalhes e muitos conselhos; e à minha filha Anastasia, que continuava na universidade na época e analisou todas as minhas declarações com base na sua própria experiência no campus.

Sou profundamente grato pelo incentivo dos meus bons amigos e companheiros de jugo em Austin: Robert Koons, Dave Geisler e Dave Ness, respectivamente, do Departamento de Filosofia da Universidade do Texas, em Austin, Grad Resources, um ministério de apoio ao campus universitário; e ao Christian Leadership Ministries, uma missão cujo campo de atuação é o Ensino Superior. Bill Dickson também nos deu o seu apoio eletronicamente e por suas orações.

Embora eu não consiga mencionar todos os estudantes cristãos que compartilharam as suas dúvidas, problemas, ideias e histórias de sobrevivência comigo ao longo dos anos, uma menção especial deve ser feita a David Crockett, Matthew Furgiuele, Lynda Olman, Steven Barracca e Michael Bailey (muitos dos quais acabaram, eles mesmos, tornando-se professores também). Estou seguro de que o nome dos outros estão escritos no céu. Algumas histórias também chegaram até mim por e-mail, graças aos esforços de Michael Sorgius, um representante do Christian Leadership Ministries em Gainesville, Flórida; e Marvin Olasky, do Departamento de Jornalismo da Universidade do Texas, que fica em Austin.

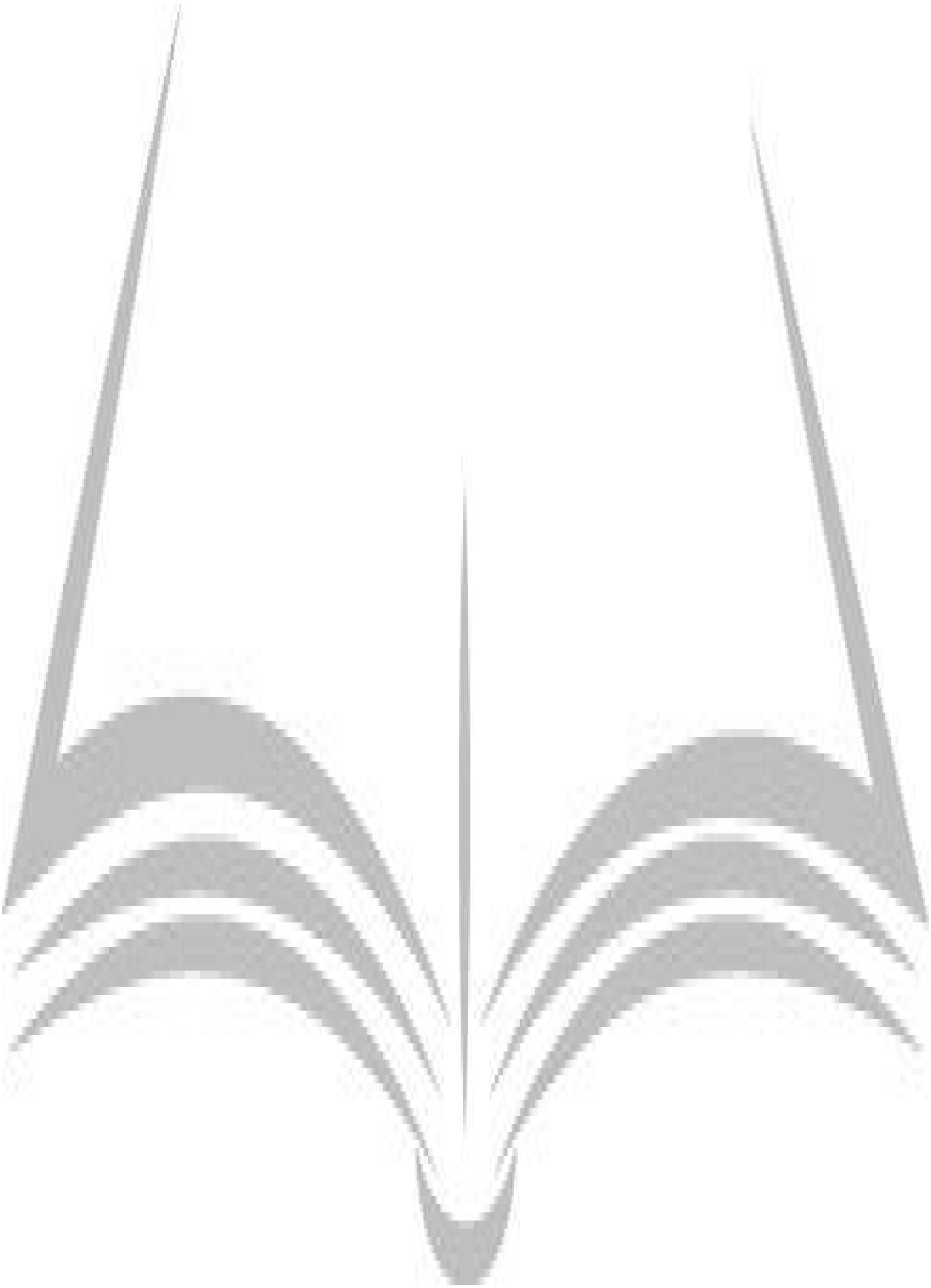
Brad Lewis merece menção especial pelo seu apoio editorial e zelo, e tenho prazer em fazê-la. Cara Iverson trabalhou arduamente para aprontar esta versão atual.

Já escrevi sobre alguns assuntos desse livro anteriormente, e seria maldade da minha parte não agradecer a todos os jornais nos quais essas opiniões apareceram. Minha história pessoal, no capítulo 1, foi tirada de uma palestra que já foi anteriormente publicada em mais detalhes no Real Issue e no Regeneration Quarterly e que também saiu no The Revenge of Conscience (segunda edição, Eugene, OR.: Wipf e Stock, 2010). Vários parágrafos do capítulo 4 foram tirados — com leves mudanças — do livro “Opening Your Neighbors’ Eyes” [Abrindo

os Olhos do Seu Próximo], Citizen, Vol. 12, Nº 1 (Janeiro de 1998) e “What We Can’t Not Know” [O Que Não Podemos Deixar de Saber], Human Life Review, Vol. 22, Nº 4 (Outono de 1996). O capítulo 7 faz uma adaptação de ideias que são expressas com muito mais detalhes nas obras “The Problem with Liberalism” [O Problema do Progressismo] e “The Problem with Conservatism” [O Problema do Conservadorismo], First Things: A Monthly Journal of Religion and Public Life, Números 61 e 62 (Março e Abril de 1996). Como o material do First Things está disponível na Internet, todos que desejarem ter acesso ao texto completo sobre Progressismo e Conservadorismo poderão encontrá-los no endereço http://www.firstthings.com.

Minha maior dívida, porém, é com o meu Senhor Jesus Cristo, que me achou há mais de 20 anos no acampamento do inimigo e deu-me uma nova mente e um novo coração.

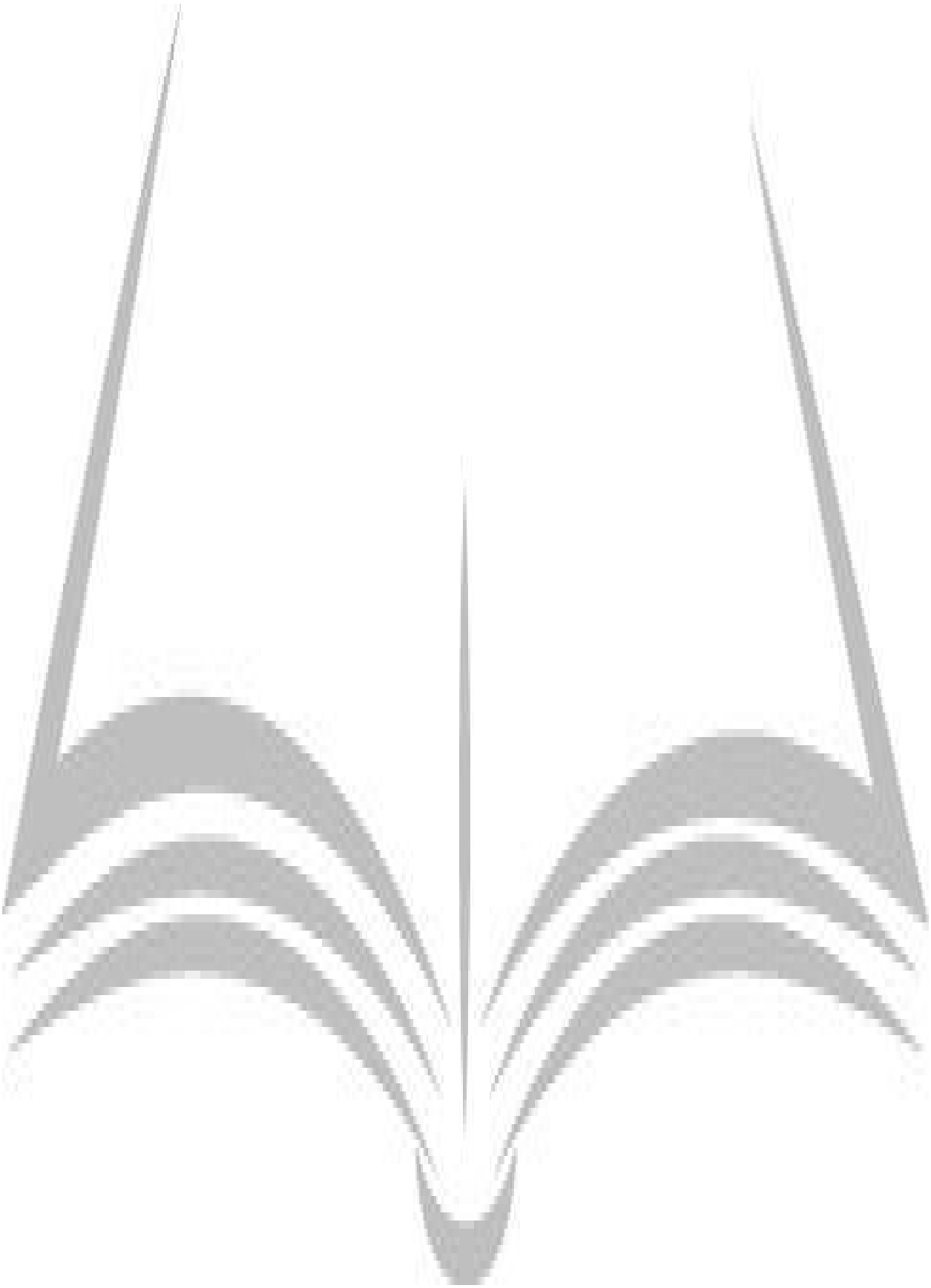
DEDICATÓRIA



Aos meus alunos

Para meu Senhor

SUMÁRIO



Agradecimentos

INTRODUÇÃO

Capítulo 1: A Universidade como outro Mundo

Por que este Livro É Necessário?

A minha História Pessoal

Para quem este Livro É Destinado

A Solidão Completa

Subitamente, um Adulto!

Vida num outro Planeta

Sob Pressão

Como este Livro Pode Ajudar

COSMOVISÕES

Capítulo 2: O que Deus Pensa acerca do Mundo

Deus

Criação

A Má Notícia

A Boa Notícia

Você

Capítulo 3: O que o Mundo Pensa de si Mesmo

O Areópago

Naturalismo

Pós-modernismo

Espiritualidade no Estilo Faça Você mesmo

Gotas de Verdade

Capítulo 4: Como Conversar com Amigos Não Cristãos

Como Começar

Como Lidar com as Perguntas

Como Lidar com Conflitos acerca do Estilo de Vida

Quem Influencia Quem

MITOS DO CAMPUS

Capítulo 5: Mitos acerca da Busca pelo Conhecimento

Uma “Batata Quente"

Direto ao Ponto

Mitos Gerais

Mitos do Ceticismo

Mitos do Relativismo

Guerra

Capítulo 6: Mitos sobre Amor e Sexo

Miséria

Mitos Gerais

Mitos das Moças

Mitos dos Rapazes

Não por Acaso

Capítulo 7: Mitos sobre Política

Envolva-se com Intensidade

Direto ao Ponto

Mitos Gerais

Mitos Progressistas

Mitos Conservadores

O País Real

COMO CONVIVER

Capítulo 8: O Convívio na Vida Social do Campus

"Como Fazer para..."

Amigos e Conhecidos

Namoro e Casamento

Clubes e Atividades

Lembretes

Capítulo 9: O Convívio com a Vida Religiosa do Campus

Isso não É Possível

O que Acontece

O que Devo Procurar

O que Devo Evitar

Com o que Não Devo Ficar Preocupado

O Corpo de Cristo

Capítulo 10: O Convívio na Sala de aula

Raios de Luz

O Aperfeiçoamento da Mente Cristã

A Prática do Discernimento

Como Manter a sua Compostura sem Ser um Tolo

Como Lidar com Professores Hostis

Como Encontrar Apoiadores Intelectuais

CONCLUSÃO

Capítulo 11: O Sentido da sua Vida

Como Incorporar Cristo à sua Vida

Como Incorporar a sua Vida a Cristo

O Restante do Tempo na Universidade

O Restante do Tempo da sua Vida

O Restante da Eternidade

Notas

Sobre o Autor

INTRODUÇÃO



1

A UNIVERSIDADE COMO OUTRO MUNDO

POR QUE ESTE LIVRO É NECESSÁRIO?

Certa vez, uma aluna procurou-me no fim de uma aula. Ela parecia estar quase chorando. “Na preleção de hoje, o senhor mencionou que é cristão” — disse ela. “Eu nunca ouvi isso antes de nenhum outro professor, e cada dia que passo nessa universidade, sinto que a minha fé está sob ataque.”

Eu sabia exatamente como ela se sentia. As instituições contemporâneas de ensino superior têm mudado dramaticamente nos últimos cinquenta anos, e desde o momento que os estudantes pisam, pela primeira vez, no campus universitário, nos dias de hoje, as suas convicções e a sua disciplina cristã são atacadas. “A fé não passa de uma muleta” — ouvem eles dos seus amigos e mestres. “A Bíblia não passa de mitologia.” “O Cristianismo é julgador e intolerante.” “A moralidade é diferente de lugar para lugar.” “Cada pessoa precisa encontrar a sua própria verdade.” “Eu posso ser uma pessoa boa sem Deus.” “Jesus não passava de um homem que morreu.” Não é de nos surpreendermos que muitos acabam perdendo a sua fé! Logo depois da minha própria entrada na universidade, acabei perdendo a minha fé, e só encontrei o caminho de volta para os braços de Jesus Cristo doze anos mais tarde. Essa experiência, junto com mais de vinte anos de magistério, sensibilizaram o meu coração para as lutas de todos os estudantes cristãos no campus universitário dos nossos dias.

Só que aqui vai uma boa notícia: O ensino superior não precisa ser uma batalha perdida. Com um pouco de ajuda, os estudantes cristãos poderão ver que a universidade como um canal das bênçãos de Deus, em vez de uma armadilha espiritual. Milhares estão descobrindo isso. Na verdade, durante os seus anos de universidade, milhares de estudantes redescobrem a Cristo ou o encontram pela primeira vez.

É isso o que desejo para você.

A MINHA HISTÓRIA PESSOAL

Vinte e quatro anos atrás, eu estava diante da direção da Universidade do Texas para apresentar a minha preleção, que tinha por objetivo justificar o motivo de uma possível contratação. Recém egresso de um bacharelado, eu queria ensinar sobre ética e política, por isso eu estava apresentando à faculdade os meus dotes. O que eu disse a eles? Primeiramente, que nós, seres humanos, simplesmente construímos as nossas próprias definições daquilo que é bom e daquilo que é mau e; em segundo lugar, que, mesmo assim, nós não somos responsáveis por aquilo que fazemos. Por essa razão, fui contratado para lecionar naquela instituição.

Eu nem sempre acreditei naquelas coisas. Com dez anos, entreguei a minha vida a Jesus Cristo e fui batizado. Na adolescência eu não fui um crente maduro, mas, com certeza, fui um entusiasta da fé. Por que havia me desviado da fé? Por muitas razões. Uma delas é que eu fui pego pelo movimento de política radical, popular no meio estudantil no fim da década de 1960 e no início da década de 1970. Eu tinha as minhas próprias ideias a respeito de como redimir o mundo, e as minhas crenças políticas se transformaram numa espécie de religião substituta. Durante os meus anos como estudante também havia cometido alguns pecados dos quais não queria me arrepender. Como a presença de Deus me tornava cada vez mais desconfortável, comecei a procurar razões para a não existência de Deus. Então, novamente, depois que me afastei completamente de Deus, as coisas começaram a desandar na minha vida e a descrença nEle me pareceu uma boa maneira de retornar a Ele. Só que, por outro lado, se Deus não existia, eu não poderia retornar a Ele, por isso esse parece um jeito estranho de ser um descrente. Porém, a maior parte da incredulidade ocorre dessa forma.

Outro motivo que me levou a perder a fé foi o fato de ter ouvido, ao longo de todo o período escolar, que os seres humanos é que haviam criado Deus à sua imagem e semelhança e que, até mesmo as ideias mais básicas sobre o bem e o mal eram arbitrárias. No ensino superior, acabei sucumbindo ao feitiço do escritor alemão do século XIX, Friedrich Nietzsche, que cunho a famosa frase “Deus está morto”. Num certo sentido, acabei tornando-me mais “nietzscheano” do que o próprio Nietzsche. Enquanto ele ensinou que em função da falta de

significado nas coisas, não havia mais nada a se fazer senão rirmos ou ficarmos calados, eu reconhecia que nem mesmo o riso ou o silêncio nos haviam restado. Nós não tínhamos nenhuma razão para fazer ou deixar de fazer qualquer coisa. Isso é algo horrível de se acreditar, mas assim como Nietzsche, eu imaginava a mim mesmo como um dos poucos que conseguia crer em tais coisas — que poderia caminhar sobre o topo das montanhas, onde o ar é leve e frio.

Tudo isso transmite a você uma ideia do principal motivo por que perdi a minha fé em Deus: um orgulho irracionalmente teimoso. Eu não queria que Deus fosse Deus, eu queria que J. Budziszewski fosse Deus. Hoje entendo isso. Só que, na época, não era assim.

Hoje creio que tudo acaba dando errado sem Deus. Isso é verdade, inclusive a respeito das coisas boas que Ele nos deu, como, por exemplo, a nossa mente. Uma das coisas boas que recebi é uma mente mais forte do que a média. Não faço essa observação para me vangloriar, porque os seres humanos receberam dons diversos para servir a Deus de diferentes maneiras. O problema é que uma mente forte que recusa o chamado para servir a Deus acaba encontrando o seu próprio jeito de se desvirtuar. Quando algumas pessoas fogem de Deus, elas podem optar por roubar ou matar. Quando outras fogem de Deus, elas podem optar por orgias que envolvem drogas e sexo. Só que quando fugi de Deus e não fiz nenhuma destas coisas — a minha forma de fuga foi tornando-me uma pessoa estúpida. Embora o que vou dizer pareça surpreendente para os intelectuais, existem algumas formas de estupidez que exigem da pessoa um alto nível de inteligência e educação. Deus mantém-nas no seu arsenal, a fim de desbancar o orgulho teimoso, e eu acabei descobrindo todas essas coisas.

Era agonizante. Você não pode imaginar o que uma pessoa precisa fazer a si mesma — bem, se você for como eu era, talvez possa — para continuar crendo no tipo de disparate que eu cria, a fim de lançar fora o Evangelho. Paulo declarou que o conhecimento da existência de Deus é claro a partir das coisas que Ele mesmo criou (Rm 1.19, 20) e que o conhecimento das suas leis está "escrito no [nosso] coração, [na nossa] consciência também prestando testemunho" (cf. Rm 2.15, ARA). Isso significa que enquanto tivermos mentes, não podemos nos esquivar do conhecimento dessas coisas. Muito bem, eu tinha uma determinação incomum em não conhecê-las — por isso eu precisava destruir a minha mente. Por exemplo, eu amava a minha esposa e os meus filhos, mas estava determinado a considerar esse amor com nada mais do que uma preferência subjetiva, desprovida de qualquer valor objetivo. Imagine você um

homem que abre acesso aos painéis da sua mente e arranca todos os componentes que tem em si o carimbo da imagem e semelhança de Deus. O problema é que todos os componentes da nossa mente têm a imagem de Deus carimbada sobre eles, destarte essa é uma tarefa interminável. Independentemente da quantidade de coisas que eu arrancasse dali, sempre haveria mais coisas a serem puxadas. Eu era este homem.

Como foi, então, que Deus me trouxe de volta? E passei, ao longo do tempo, a sentir um horror cada vez maior de mim mesmo — uma sensação avassaladora de que havia algo terrivelmente errado comigo. Por fim, ocorreu-me questionar por que eu deveria sentir aquele horror, se a diferença entre o horrível e o maravilhoso não passava de algo que nós, seres humanos, inventamos. Enfim, acabei tendo que admitir a existência de uma diferença entre o que era horrível e o que era maravilhoso, e aquilo significava que "o maravilhoso" precisava existir, e que ele era a ausência total "do horrível". Assim, os muros do autoengano que eu havia erguido vieram abaixo de uma só vez.

Isso ocorreu quando tomei consciência do Salvador do qual eu havia fugido durante os anos de universidade. Incrivelmente, embora eu o tivesse abandonado, Ele jamais me abandonou. Hoje creio que Deus me atraiu de volta para si na hora exata. Existe um ponto de onde não há mais volta, e eu estava quase lá. Eu havia puxado um componente após o outro, e já estava chegando à placa-mãe.

Os outros anos depois da minha conversão foram como estar num sótão escuro — no qual eu estive por um longo período, porém, uma janela após a outra foram sendo abertas, de modo que raios maravilhosos de luz começaram a penetrar e iluminar os cantos empoeirados da minha vida. Assim, fui recuperando velhas memórias, antigos sentimentos, maneiras completas de entendimento que eu havia bloqueado da minha vida. Quando olho para trás, fico perplexo em ver como Deus permitiu que eu mesmo pudesse contribuir, de alguma forma, com o seu Reino. Porém, Ele prometeu que bastaria que o rebelde se convertesse a Jesus Cristo com arrependimento e fé — abandonando todas as suas reivindicações sobre si mesmo e deixando que este Jesus, este Cristo, tomasse conta da casa — Ele redimiria tudo o que está dentro dele. E foi isso o que Ele fez.

Muitos dos meus alunos relatam-me que lutam com as mesmas influências das trevas que eu, certa vez, sentia na universidade. Espero que ao escrever este livro

eu possa incentivá-lo a buscar a luz — ou melhor, a evitar todas as formas de escuridão.

PARA QUEM ESTE LIVRO É DESTINADO

Escrevi este livro tendo em mente três grupos de pessoas. O primeiro grupo é formado pelos estudantes cristãos que planejam entrar na universidade. O segundo grupo é composto pelos estudantes cristãos que já está lá. O meu objetivo é preparar, equipar e incentivar você a enfrentar os desafios espirituais da vida universitária. Poucos “calouros” das universidades estão preparados para isso.

O terceiro grupo são os pais dos estudantes dos dois primeiros grupos. O meu objetivo é ajudá-los a entender pelo que os seus filhos estão passando na universidade, de modo que possam oferecer apoio espiritual efetivo. Talvez eles nunca tenham frequentado um curso superior. Talvez tenham ido, mas não conseguem mais se lembrar de como eram as coisas. Talvez se lembrem, mas ouviram falar que a universidade de hoje é diferente do que como foi no tempo em que eles estiveram lá.

Este capítulo nos apresenta uma rápida ideia geral sobre aquilo que devemos esperar na universidade. Nós veremos todas essas questões detalhadamente mais adiante.

A SOLIDÃO COMPLETA

A universidade significa deixar muitas pessoas para trás e entrar em um mundo de estranhos.[1] Vejamos aqui o que dois estudantes universitários dizem a respeito desta experiência:

Quando entrei na universidade, eu não sabia o que esperar. Descobri que estava sozinha, mais sozinha do que eu mesmo pensava [que poderia estar]. Inicialmente, eu e a minha companheira de quarto nos demos bem, mas isso durou somente umas duas semanas. Então, comecei a ficar cada vez mais frustrada. Eu havia deixado um namorado na Califórnia, e isso complicava ainda mais as coisas.

Os meus dois primeiros anos na universidade estão, provavelmente, entre os anos mais estressantes da minha vida, mesmo eu já sabendo que a universidade seria estressante. Porém, eu sei também que fiz o melhor que pude para crescer no sentido emocional, físico (inclusive com a comida de dormitório, que me engordou!), mental e, acima de tudo, no sentido espiritual, por meio das provações, da saudade das pessoas que ficaram para trás e da solidão.

Se você já conhece algumas das pessoas da sua universidade, você pode pensar que as coisas não serão bem assim. Por exemplo, talvez alguns dos seus amigos do segundo grau se formaram um ano antes de você e foram para a mesma universidade que você está planejando ir. Eles se alegravam em sair com você quando voltavam para casa nas férias de verão, por isso você pensa que eles também se alegrarão em sair com você quando você chegar ao campus.

As coisas, porém, podem funcionar desse jeito ou não! São boas as chances dos seus amigos parecerem diferentes no campus, do que quando estavam na sua cidade natal. Por um lado, eles, provavelmente, estão mais ocupados. Por outro,

durante o ano na universidade, eles terão criado novos interesses com os quais você não compartilha, bem como terão se juntado a novos círculos sociais, aos quais você será um estranho completo. Eles poderão estar menos interessados em passar tempo com você, do que quando iam para casa. Ou eles podem estar interessados exatamente na mesma medida, mas estão agindo de modo diferente do que faziam quando estavam em casa. Você não esperava esse novo comportamento porque durante as férias de verão eles voltavam a ser aqueles velhos amigos. Mudanças como essas podem dificultar em muito a retomada do seu velho relacionamento com eles. Você os conhece — é claro que os conhece! — só que, de certa forma, eles também são estranhos para você.

Outro motivo que pode levá-lo a pensar que a "solidão" não será um problema é que alguns dos seus amigos estão indo para a universidade com você: Eles se formaram na Escola Secundária junto com você e também escolheram a mesma universidade. Só que você também poderá ficar surpreso ao ver como essa dinâmica também funciona. O mundo do Ensino Médio é menor do que o da universidade. Na universidade há mais pessoas, mais grupos e mais atividades. Há também mais coisas a serem aprendidas e mais oportunidades de se cometer erros. Às vezes, velhos amigos se aproximam na universidade, mas, às vezes, eles se afastam de vez. Não existe maneira de se prever, com antecedência, o que irá se passar.

Portanto, de uma forma ou de outra, com maior ou menor intensidade, a solidão será uma questão que você precisará enfrentar na universidade. Nem todos reagem à solidão da mesma maneira. Por exemplo, alguns se sentem solitários, enquanto outros não (ou, pelo menos, dizem que não!). Estando solitários ou não, todos somos afetados, de alguma forma, pela solidão, porque somos concebidos para viver na companhia de outras pessoas. Deus disse a Adão que não era bom que ele estivesse sozinho, e isso também não nos faz bem.

O importante é procurarmos desenvolver novos interesses e laços, sempre com cuidado e discernimento. Você não precisa entrar em pânico. A universidade é cheia de oportunidades sociais, e a maior parte dos estudantes está mais aberta a formar amizades do que em qualquer outra época da sua vida. Este livro dedica um capítulo inteiro, bem como partes de vários outros capítulos, à vida social no campus.

SUBITAMENTE, UM ADULTO!

Se você foi um adolescente típico, você, provavelmente resmungou durante anos por causa das regras e limites que os seus pais fizeram você obedecer. Pois bem, ninguém fará com que você as obedeça na universidade. Já se foi o tempo em que as faculdades e universidades consideravam a si mesmas numa posição in loco parentis, isto é, "no lugar dos pais". Com exceção de algumas faculdades cristãs, essa noção já não é levada a sério há muitos anos. A menos que você cole, cometa algum crime ou perturbe a vida no campus, a instituição de ensino provavelmente não saberá, tampouco se importará, com a forma que você vive. Ninguém dirá a você para não dormir tão tarde. Ninguém o acordará de manhã cedo, caso você durma demais. Ninguém o dirá a que horas deverá chegar em casa depois de um passeio com o namorado ou namorada. Ninguém fará você ir à igreja. Ninguém o fará lembrar-se de fazer as tarefas escolares, nem lavará a sua roupa ou dirá para você se afastar do sexo e das drogas. Neste período, você será forçado a assumir a responsabilidade pelo seu próprio comportamento.

Ser lançado repentinamente nas responsabilidades da vida adulta poderá parecer um choque. Alguns dos meus alunos me procuram para pedir conselhos a respeito da vida posterior à formatura na universidade. Muitos tiraram notas bem baixas até o ano final. E eu lhes pergunto por quê? "Quando entrei na universidade, eu comecei a aprontar" — disse-me um deles. "Nos três primeiros anos aqui eu organizei muitas festa — disse-me outro. "O senhor acha que isso afetará a minha chance de entrar numa Faculdade de Direito?" Você pode imaginar a forma como eu tenho que responder-lhes.

As pessoas inventam várias formas de se adaptarem à súbita pressão das responsabilidades que vêm com a vida adulta. Algumas maneiras ajudam, outras não. Quando entrei na universidade, um dos rapazes do dormitório disse-me que havia encontrado a maneira perfeita de se motivar a estudar. Ele colocava uma caneca enorme de vinho barato, com sabor de frutas, na sua escrivaninha e, para cada página de tarefa que ele lia, ele se recompensava com um gole. Como você pode imaginar, ele sempre estava um pouco bêbado. Ele sempre terminava as suas leituras, mas se lembrava o que havia lido? Ah, isso é outra história! Eu também não me lembro de tê-lo visto fazer qualquer tipo de anotação acerca das

suas leituras. Acho que ele nem conseguiria levantar um lápis!

A universidade passa mensagens confusas aos estudantes. Embora, de certa maneira, ela lhes trate como adultos, de outras, ela lhes trata como bebês. Você não precisa preparar as suas próprias refeições, porque pode comer na cafeteria. Você não precisa ir ao seu próprio médico, porque pode ir ao ambulatório da universidade. Você não precisa trazer as suas formas de diversão, porque a música, os filmes e outros entretenimentos são disponibilizados na maioria dos campi.Em algumas universidades, os dormitórios inclusive disponibilizam lençóis limpos (embora você continue tendo que colocá-los na cama sozinho). Várias coisas são feitas por você na universidade, as quais você poderia fazer, perfeitamente, sozinho. Essa organização tem algumas vantagens, mas dificilmente incentiva você a lembrar-se de que já é um adulto.

É claro que você realmente é uma pessoa crescida num certo sentido (pois tem responsabilidades plenas de um adulto) muito embora você não seja, de fato, adulto num outro sentido (você ainda não é uma pessoa completamente madura). Que tipo de pessoa você está pensando em se tornar? Não estou falando do tipo de curso que você deseja fazer, nem do tipo de emprego que você deseja desempenhar, algum dia — estou falando das qualidades que você deseja ter. Você deseja ser sábio, justo e honesto — ou insensato, injusto e corrupto? Gentil, leal e confiável — ou mesquinho, fofoqueiro e indigno de confiança? Corajoso, fiel e puro — ou covarde, fraco e ímprobo? Talvez você tenha pense sobre o tipo de pessoa que deseja se tornar, entretanto, não sobre como se tornar essa pessoa. Todo ato, toda decisão, todo pensamento colocará você um pouco mais perto de se tornar esse tipo de pessoa — ou o empurrará para um pouco mais longe.

Quais são as pequenas tentações da sua vida? Para se tornar confiável nas coisas grandes, você precisará praticar a confiabilidade nas coisas pequenas. Para se tornar puro nas coisas grandes, você precisará praticar a pureza nas coisas pequenas. Se você ainda não começou a praticar isso, esta é a hora! Ore por força e comece.

VIDA NUM OUTRO PLANETA

Entrar para a universidade pode ser como se mudar para Marte. A primeira mudança que você perceberá será nos seus arredores físicos. Se você mora no interior, e a sua universidade ficar na cidade, onde você não consegue enxergar o horizonte, a própria paisagem parecerá chocante. Se você está acostumado a ir para todos os lugares de metrô ou ônibus e a sua universidade fica em algum lugar ermo, onde não existe transporte público e você precisa fazer uso de automóvel, a mudança poderá ser um tanto brusca — especialmente se você não tiver um carro!

Comparada com a diferença cultural, todavia, a diferença nos arredores físicos parecerá insignificante. As pessoas na universidade podem falar diferente, socializar-se diferente e até mesmo comer de um modo diferente. Um motivo dessas diferenças culturais, obviamente, é a mudança regional, e quanto mais distante da sua casa for a escola, provavelmente maiores serão estas diferenças. Elas podem ser difíceis de serem absorvidas. Uma razão ainda maior para que a universidade se pareça com Marte é a cultura do próprio campus. Cada escola tende a desenvolver uma personalidade própria. Algumas têm uma boa personalidade — outras não. A personalidade da Escola que um amigo frequentou nos seus dois primeiros anos era neuroticamente intensa e competitiva. Ele jamais se esqueceu de uma das preleções que assitiu durante o seu período de “calouro”. O preletor, um decano, falou sobre o grande número de calouros da escola que cometiam suicídio ou recebiam aconselhamento psicológico. Só que ele não estava alertando os novos alunos — ele estava, na verdade, vangloriando-se disso, porque, na sua concepção, os pensamentos suicidas eram prova de brilhantismo intelectual! Em contraste, já a universidade na qual uma amiga entrou se parecia mais com uma “escola de festas”. No seu dormitório, o piso costumava ser palco de Noites de Bebedeira Progressiva. Os estudantes que participavam iam de quarto em quarto, buscando parceiros para a bebedeira. Algumas garotas do dormitório falavam abertamente que, em certas noites, elas faziam sexo com qualquer homem que se apresentasse na porta do seu quarto. Eram tantos rapazes que se apresentavam que eles precisavam formar filas. A propósito, não pense que a sua universidade terá uma personalidade cristã só porque ela está ligada a alguma denominação cristã, tem um discurso

cristão na sua Declaração de Missão ou tem a palavra “cristão” no seu nome.

Um último motivo para o sentimento de que você aterrissou num outro planeta é que as Faculdades e universidades são imãs que atraem crenças, ideologias e seitas extremistas. Numa universidade, há pouco tempo, as feministas do campus protestaram contra a discriminação sexual com uma passeata em plena cidade em trajes “topless”. Em outra, os homossexuais patrocinaram um “beijaço” ao ar livre que tinha por objetivo conquistar a aceitação da sua causa. Eu conheço uma professora de artes que colocou no seu Curriculum Vitae o fato de ela ter ficado amarrada a outro artista, por meio de uma corda, durante um ano inteiro. (Ela afirma que os dois jamais se tocaram.) Outro professor, este de Ciências Sociais, oferece um curso, todos os anos, sobre “Como Criar a Sua Própria Realidade”. (Ele diz que o curso é muito prático.) Eu não estou inventando nada aqui. Tudo isso é real.

A completa esquisitice deste novo ambiente pode levar alguns estudantes ao que os sociólogos chamam de “choque cultural” — ao levar a esquisitice demasiadamente a sério e se tornar profundamente deprimido, ao sentir falta do lar. No outro extremo, alguns estudantes se adaptam assumindo os “costumes nativos do local onde chegaram” — eles perdem completamente o senso de quem são e mergulham no estilo de vida das pessoas ao seu redor.

Quatro dicas simples ajudarão você a manter os seus pés firmes no chão:

1. Pesquise a personalidade da universidade com antecedência e certifique-se de que você está escolhendo a que atenderá as suas expectativas.

2. Lembre-se de que é normal sentir-se, de certa forma, estranho e com saudades de casa em qualquer lugar novo e que esses sentimentos, normalmente, passam.

3. Lembre-se de que um pouco de saudades de casa e certo sentimento de não pertencer a todo aquele mundanismo pode ser espiritualmente bom para você. Isso é um lembrete de que os cristãos sempre são estranhos neste mundo, pois nós somos cidadãos do céu.

4. Continue fazendo as suas disciplinas espirituais. Com isso, me refiro à oração diária, ao estudo frequente da Bíblia, à adoração, ao evangelismo, ao serviço ao próximo e a lembrança constantemente a si mesmo da presença de Deus. Se você permanecer concentrado em Cristo, Ele fará até mesmo com que o deserto dê flores.

SOB PRESSÃO

Relembremos da aluna que mencionei no início deste capítulo, que havia me dito que, a cada dia, na universidade ela sentia que a sua fé estava sob ataque.

Os cristãos da Igreja Primitiva corriam o risco de sofrer morte e tortura por causa da sua fé. Alguns eram crucificados, outros decapitados. Outros ainda queimados, mortos a flechadas ou lançados para serem comidos por animais selvagens. Um imperador romano, Calígula, queimava os cristãos para servirem de iluminação para as festas que ele fazia no seu jardim. Em vários países, os cristãos ainda sofrem tortura por Cristo. Na verdade, segundo Richard John Neuhaus, "mais cristãos foram martirizados neste século, do que em todos os séculos anteriores, se somados. No mundo inteiro, cerca de 300 mil pessoas são levadas à morte, anualmente, em razão da sua fé".[1] Milhares são vendidos à escravidão ou enviados para "campos de reeducação". Mesmo assim, a causa de Cristo continua a se propagar.

Estaria a minha aluna sofrendo este tipo de ataque? Não. Ela estava, meramente, numa atmosfera que fazia com que a fé cristã parecesse ridícula. E era só isso? Sim. E esse tipo de coisa é suficiente para explicar porque as universidades modernas se reverteram ao Paganismo? Aparentemente, sim!

Como isso é possível?

A resposta não é complicada de se entender. A perseguição violenta faz com que a mente se concentre no fato de que o reino deste mundo é inimigo do Reino de Deus. Quando faz muito tempo que se vive sem perseguição — como na nossa parte do mundo — muitos cristãos começam a nutrir a expectativa de que o mundo é nosso amigo. E, dessa forma, passam a procurar a aprovação do mundo, em lugar da aprovação de Deus. Só que quando o mundo nega essa aprovação — quando o professor dá uma risadinha com desdém ou alguns outros estudantes lhe dão um olhar de desprezo — o alunos cristãos se sentem vazios por dentro.

Como permanecer firme? Tenho certeza de que você não se surpreenderá se eu disser que é preciso se apegar às disciplinas cristãs. Passe tempo com Deus em

oração, estude a sua Palavra, fale aos outros sobre Deus e demonstre misericórdia para com as pessoas em necessidade. Só que é difícil fazer tudo isso sozinho, não é mesmo? Porém, tenho boas notícias para você. Deus não o deixou sozinho. Ele providenciou a igreja para você. Procure os seus parceiros na fé e mantenha comunhão frequente com eles. Ore, estude e demonstre misericórdia, sim, mas não faça isso sozinho — faça-o com os seus irmãos e irmãs em Cristo. Você percebe? Deus nos fez seres sociais — por isso, que reagimos tão rapidamente às pressões de grupo. A pressão para adequação num grupo pode ser positiva caso se trate do tipo certo de pressão, que parte do tipo correto de pessoas. O seu grupo real de companheiros é a comunhão dos santos, a família de Deus.

Esse é o grande segredo. Não estou dizendo que Deus esteja ocultando essas coisas, mas sim que muitos estudantes cristãos não sabem disso. Eles tentam viver a sua fé na solidão e acabam desanimando. E não é de se surpreender! Não foi este o jeito que Deus planejou para a nossa vida de fé.

Hoje, percebo que a aluna que falou comigo, que estava sob ataque, ainda não tinha descoberto o segredo que acabei de revelar a você. Eu gostaria de poder reencontrá-la novamente para que pudesse dizer-lhe isso. Não existe cristão solitário. Se você sair para o mundo sozinho, você será tragado por ele.

COMO ESTE LIVRO PODE AJUDAR

Você poderá utilizar este livro de três maneiras. Em primeiro lugar, você poderá lê-lo por completo. Se você ainda não chegou à universidade, não se preocupe se nem tudo o que você ler fizer sentido de forma imediata, porque algumas partes somente farão sentido depois que você entrar numa universidade e ver com os seus próprios olhos do que estou falando.

Em segundo lugar, você poderá levar este livro consigo para a universidade e utilizá-lo como um manual. À medida que for enfrentando os tipos de problemas e situações sobre as quais escrevo, você poderá abrir nos capítulos e estudar como fazer para superá-los.

Em terceiro lugar, você poderá compartilhar este livro com os seus amigos. Eu mesmo não acabei de dizer que não existe cristão solitário? Você precisa deles, mas eles também precisam de você.

Deus nos incentiva, nas Sagradas Escrituras, a renovarmos as nossas mentes, para vermos todas as coisas do mesmo modo que Ele as vê, o que significa: vê-las de modo verdadeiro (Rm 12.2). Para ajudá-lo a entender a vontade de Deus, os próximos três capítulos tratam das “cosmovisões” que competem no mundo.

No Capítulo 2, veremos “O Que Deus Pensa do Mundo”. A concepção de Jesus que você recebeu quando criança é preciosa para Deus, mas ela, talvez, não seja suficiente para ajudar na sua sobrevivência aos desafios da universidade; como um jovem adulto, além do leite espiritual, você também precisará de carne nutritiva. Este capítulo é uma apresentação mais madura acerca do que trata as Boas-Novas — do pecado humano e da resposta de Deus a ele.

No Capítulo 3, veremos “O que Deus Pensa de Si Mesmo”. A universidade contemporânea está profundamente alienada de Deus e é hostil à fé cristã; portanto, para permanecer centrado no Evangelho, você precisará conhecer as

cosmovisões não cristãs que, normalmente, são encontradas no campus. Este é o objetivo deste capítulo.

No capítulo 4, aprenderemos sobre “Como Conversar com Amigos não Cristãos”. Tanto os não cristãos como os cristãos não convictos têm várias objeções à vida e à cosmovisão cristã. Este capítulo explica como conversar com esses dois grupos — e o que dizer depois de iniciada a conversa.

O apóstolo Paulo declara: “Examinai-vos a vós mesmos se permaneceis na fé; provai-vos a vós mesmos. Ou não sabeis, quanto a vós mesmos, que Jesus Cristo está em vós? Se não é que já estais reprovados. (2 Co 13.5)”.

Para ajudá-lo a examinar-se a si mesmo e manter-se afastado de ilusões, a segunda parte desse livro trata dos “Mitos do Campus”.

O Capítulo 5, trata dos “Mitos Acerca da Busca Pelo Conhecimento.” As falsas ideias sobre a relação entre fé e razão abalam a confiança de muitos cristãos na universidade e estimulam outros estudantes a se tornarem hostis ao Cristianismo. Este capítulo explica objetivamente como fé e razão estão verdadeiramente inter-relacionadas.

No Capítulo 6, tratamos dos “Mitos Sobre o Amor e Sexo.” Falsas ideias sobre amor e o sexo fazem com que alguns universitários cristãos questionem se manter a pureza sexual realmente vale a pena. Ela vale, e nesse capítulo você aprenderá todas as facetas envolvidas na pureza sexual.

No Capítulo 7, abordaremos os “Mitos Sobre Política”. Ideologias política seculares apaixonadas afastam alguns universitários cristãos da sua identidade em Cristo. Neste capítulo você verá onde os elementos cristãos estão ocultos tanto no pensamento da Esquerda, como no da Direita política.

Para despontar como cristão, você precisará conhecer como colocar todas estas coisas em prática; portanto, a última grande seção do livro trata de “Como Conviver” com as outras pessoas.

No Capítulo 8, veremos como deve ser “O Convívio na Vida Social do Campus”. A vida social do campus representará importantes desafios para você, porque ela não se conforma a um padrão cristão. Neste capítulo, veremos como ser fiéis nas amizades, nos divertimentos e no namoro.

No Capítulo 9, veremos como deve ser “O Convívio com a Vida Religiosa do Campus”. Como expliquei anteriormente, a vivência da fé exige apoio mútuo entre os cristãos; o problema é que nem todo grupo “cristão” universitário vive de acordo com o seu nome. Este capítulo explica como encontrar um grupo fiel e saudável de comunhão cristã.

No Capítulo 10, veremos “O Convívio na Sala de Aula”. Apesar dos cristãos terem muito a aprender na universidade, a sala de aula pode ser, às vezes, intimidatória. O objetivo deste capítulo é mostrar como praticar o discernimento intelectual, como se conter num debate, e como lidar com companheiros de classe e professores que consideram os cristãos pessoas estúpidas.

Na conclusão do livro, o capítulo 11, falaremos sobre “O Sentido da sua Vida”. O objetivo de Deus para sua vida é muito mais do que fazê-lo viver eternamente — o objetivo dEle é tornar cada cristão um reflexo do seu júbilo e sua glória. Nada acontece por acaso, e se Deus colocou você na universidade, Ele tem uma boa razão para sua presença naquele local. Quanto maior for a sua compreensão dessa razão, mais perfeitamente você poderá servir a Ele e desfrutar da sua presença.

[1] N. do E.: Nos Estados Unidos, quando um jovem ingressa na faculdade, é comum morar no campus.

COSMOVISÕES



2

O QUE DEUS PENSA ACERCA DO MUNDO

Você, provavelmente, nunca se deu conta disto, mas os professores da Escola Dominical enfrentam um dilema. As crianças amam ouvir sobre Jesus Cristo e fazem perguntas investigativas. Porém, eles precisam dar respostas simples, do contrário as crianças acabam ficando confusas. Os adolescentes também querem saber sobre Deus — e eles são capazes de compreender respostas mais profundas —; porém, captar a atenção deles com todos aqueles hormônios em circulação é outro problema. Qual é o resultado? À medida que os estudantes vão crescendo, o nível intelectual da sua educação cristã, normalmente, decai em vez de aumentar! Muitos deles jamais ultrapassam um entendimento infantil da fé. Eles levam esse entendimento até a universidade, onde, normalmente, ele é estraçalhado.

Quando Jesus disse que para entrar no Reino precisamos ser como os pequeninos, Ele se referia entrar no Reino com a confiança de uma criança, e não com o entendimento de uma criança. Portanto, a ideia aqui é nos nivelarmos. Este capítulo apresentará novamente os fundamentos da fé cristã — só que num nível adulto. Se você é diferente das pessoas comuns e já tem um conhecimento avançado sobre a sua fé, ótimo! Todavia, penso que você também poderia tirar proveito da leitura deste capítulo.

O meu principal objetivo é a clareza; portanto, serei direto. Muitos cultos utilizam palavras cristãs e introjetam significados não cristãos nelas, por isso desejo que você seja capaz de perceber quando isso estiver ocorrendo. Vamos adiante?

DEUS

Deus não se compara a nada que poderíamos imaginar.

Deus é completamente separado de nós — separado num sentido que expressamos com a palavra santidade. Sim, Ele habita dentro de cada cristão, mas Ele não é você. Ele não é o mesmo que você, Ele não faz parte de você e Ele não é um você "mais elevado". Sim, você foi criado à sua imagem e semelhança, mas você não é Ele. Você não é o mesmo que Ele, você não faz parte dEle, e você não é um "pedacinho" dEle — e nunca será. Deus não depende de nenhuma outra coisa, porque Ele é aquilo que tudo o mais depende para existir. Deus não pode ser explicado por nenhuma outra coisa, porque Ele é o que todas as outras coisas precisam para serem explicadas. Embora nós possamos conhecer o que Deus nos ensinou sobre si mesmo, jamais poderemos compreendê-lo completamente porque Ele é maior do que as nossas mentes. Tudo o que Deus desejar, Ele é capaz de fazer. Ele não somente detém o poder supremo, como também o usa. Nada pode derrotá-lo e nada pode acontecer contrário à sua vontade. Deus também é supremamente bondoso — luz, sem qualquer ponta de escuridão. Embora o mal seja real, Deus o detesta e o coloca em juízo. Deus conhece todas as coisas, presta atenção a todas as coisas e nada escapa do seu controle. Deus não é somente um Ente e uma Pessoa, como você e eu, mas um Ente em três Pessoas — um Deus triuno: Pai, Filho e Espírito Santo.[1] Não existe ninguém como Deus. Ele se coloca à parte. Deus é o que Ele é e nunca houve um tempo em que Deus não fosse.

Você quer saber o que a santidade de Deus significa? Então, medite um pouco nestes incidentes. Quando Moisés perguntou a Deus de que nome deveria chamá-lo, Deus respondeu: "Eu Sou o que Sou. Disse mais: Assim dirás aos filhos de Israel: Eu Sou me enviou a vós" (Êx 3.13,14). Então, Moisés pediu para ver a Deus face a face e Deus disse "não" porque isso levaria Moisés à morte (Êx 33.18-20). Quando Isaías teve um mero vislumbre da glória de Deus, ele disse: "Ai de mim, que vou perecendo!" (Is 6.5). Quando a glória de Deus entrou no antigo Templo, homens fortes vieram caíram (1 Rs 8.10, 11).

Por outro lado, Deus é completamente íntimo de nós — íntimo num sentido que

se expressa com a palavra amor. Deus é o nosso Pai. Deus é nosso Mestre. Deus é nosso irmão. Deus é nosso pastor. Deus é nosso amigo. Se você pensa que essas são “apenas figuras de linguagem,” não tem problema. Porém, lembre-se de que figuras de linguagem são sempre meras sombras daquilo que elas, na verdade, representam.

Você quer saber como Deus nos ama? Então, medite um pouco sobre o que Ele diz em Cantares 4.11-12: “Favos de mel manam dos teus lábios, minha esposa! Mel e leite estão debaixo da tua língua, e o cheiro das tuas vestes é como o cheiro do Líbano. Jardim fechado és tu, irmã minha, esposa minha, manancial fechado, fonte selada”.

Eu disse, anteriormente, que Deus não se compara a nada que poderíamos imaginar. Nós jamais poderíamos ter imaginado a sua santidade. Jamais poderíamos ter imaginado o seu amor. E mesmo que pudéssemos, jamais poderíamos ter imaginado essas coisas na sua totalidade. Você já percebeu que, quando as pessoas ficam irritadas com a santidade de Deus, elas, às vezes, esquecem-se do seu amor; e quando ficam irritadas com o seu amor, elas, às vezes, esquecem-se da sua santidade? E isso simplesmente nos mostra que não entendemos nem a sua santidade, nem o seu amor.

Junte esse amor e essa santidade e você terá conseguido o que você mesmo poderia ser tentado a chamar de um “fanático”. Talvez você não queira que Deus seja assim tão santo. Talvez você não queira ser amado com tanta intensidade. Talvez você não queira ser amado com tanta intensidade por algo assim tão santo, pois o nosso Deus é fogo consumidor. Nada disso faz uma fagulha de diferença para Ele. Embora possamos rejeitar a sua busca amorosa por nós, Deus é incansável, inexorável e completamente livre na sua busca por nós. Ele se esvazia, derrama-se por nós, a ponto de morrer, queiramos nós ou não a Ele. Deus é nosso amigo esmaga o nosso pecado. Deus é nosso amigo é completamente oposto a qualquer coisa que nos coloque em oposição a Ele. Deus é nosso amigo e quer que nós sejamos santos, que sejamos separados para Ele. Deus é nosso amigo e espera que gostamos disso! Nós temos um mandamento — você ouviu isso? — o mandamento para nos alegrarmos com isso. Que ousadia!

A Bíblia é a história destas interações de Deus com o seu povo: desde o princípio, até o presente, e no futuro, até o fim.

CRIAÇÃO

Quando você estava no jardim de infância e desenhava um gato cor de rosa com asas azuis, a sua professora poderia elogiar você, dizendo: “Puxa vida! Que belo desenho você criou!”. Um elogio assim é demasiadamente generoso para os seres humanos! As pessoas inventam coisas novas, obviamente, porque Deus nos deu imaginação. Só que apenas um ser pode criar, e esse ser é Deus.

De que maneira o que nós fazemos é diferente daquilo que Ele faz? Pense novamente naquele gato. O que fez do seu desenho diferente é que você nunca tinha visto um gato cor de rosa com asas azuis antes. Foi você quem o criou. Só que você não o criou por completo, afinal você já viu gatos antes, e também já viu asas antes, você já viu a cor rosa antes, e também já viu o azul antes. Nós, meramente, recombinamos coisas velhas de jeitos novos — já Deus, realmente, cria coisas novas a partir do nada. Este é o significado de criar. Somente Deus, na verdade, cria coisas.

Você pode misturar o azul e o amarelo e criar o verde, mas foi Deus quem inventou as cores. Você pode comer a sobremesa antes ou depois do jantar, mas foi Ele quem inventou o tempo. Você pode construir a torre ao lado, em vez de colocá-lo no alto da igreja, mas foi Ele quem inventou o lugar. Ele inventou a matéria e a energia, os corpos e os espíritos, qualidades e propriedades — tudo o que há. Nós somente reorganizamos as coisas.

Um estudante, certa vez, disse-me que queria criar a sua própria moralidade. Porém, nós não podemos inventar novas leis morais — somente podemos guardar ou quebrar aquelas que Deus já nos deu. Como você poderia tornar falsa uma lei moral que já era verdadeira anteriormente? Como você poderia tornar verdadeira uma declaração moral que já era falsa anteriormente? Outra pessoa me disse que são os pais que criaram os seus filhos. Porém, tudo o que os pais podem fazer é oferecer os seus corpos como ocasião para a criatividade de Deus. O pai não modela os genes que fornece. Tampouco a mãe modela os genes que fornece. Nenhum deles inventou o ato sexual que combina os seus genes, e nenhum deles inventou o processo que forma o bebê. Você também pode chamar de “criação” o ato de uma criança misturar o chá com adoçante para fazer chá

doce.

Todavia, permita-me dizer-lhe algo surpreendente: Deus não precisava criar nada, e nada o obrigou a criar as coisas. Deus não sentia falta de nada, tampouco precisava de nada. Alguns estudantes imaginam que Deus, talvez, estivesse sentado, desanimado, na penumbra antes da Criação, não fazendo nada e na solidão. Eles pensam que Deus elaborou a criação para que tivesse alguém com quem conversar ou alguém para conhecer. Essa é uma visão subcristã de Deus. Se o Deus infinito pudesse estar solitário, então a sua solidão seria uma infinita. Criaturas finitas como nós não poderiam remediá-la. Porém, de qualquer forma Deus não estava sozinho. E como isto é possível? Lembre-se de que Deus é tripessoal, um Deus em três pessoas, um Ente em três personalidades. Você e eu precisamos de outras pessoas para nos socializarmos, porém Deus se socializa pela sua própria natureza. Ele tem para si a melhor companhia que existe.

Você fica magoado ao saber que Deus não precisa da sua presença? Talvez isso, signifique que Ele não o ame. Não, você entendeu o contrário. Isso significa que Ele ama você ainda mais do que você pensava. Verdade! Eu até que poderia suspeitar que a minha esposa não me amasse se ela dissesse que não precisava de mim. Só que isso ocorre porque o amor humano não pode ser separado da necessidade. Nós amamos não somente para suprir as necessidades das outras pessoas, mas também para suprir as nossas próprias necessidades. E isso é correto até certo ponto, porque Deus nos criou cheios de necessidades. Só que o seu amor de Deus não é como o nosso. O amor dEle não é um amor baseado em necessidade, mas um amor que recebemos como presente, de graça. Mesmo Ele não precisando de nada da nossa parte, derramou-se por nós. Nada o forçou a nos criar, mesmo assim Deus o fez.

Toda religião tem mitos sobre as origens, mas somente na Bíblia nós encontramos a representação de uma Criação real — um alguém eterno que faz as coisas a partir do nada. De acordo com todas as outras religiões, as coisas simplesmente evoluem para coisas similares ou, talvez, permanecem imutáveis. Por exemplo, algumas afirmam que o Universo “fez surgir” ou “deu à luz” Deus. Outras dizem que algum tipo de deus ou substância divina “fez surgir” ou “deu à luz” Deus. Outras, ainda, dizem que Deus e o Universo são a mesma coisa ou que um contém o outro. Daí você percebe que elas, na verdade, não têm uma ideia da Criação, por isso que essas religiões, verdadeiramente, não conseguem separar Deus daquilo que Ele criou. É, por isso que elas adoram as coisas criadas em vez do próprio Criador — seja na forma de um indígena que constrói um

ídolo de pedra, um poeta que faz um ídolo dos seus sentimentos ou um homem rico que faz um ídolo das coisas que ele pode comprar. A Bíblia chama essas coisas de pecado.

Deus é distinto da sua criação. Ele não faz parte dela, nem ela faz parte dEle. Ele não “surgiu” a partir dela, nem ela surgiu a partir dEle. Deus falou e onde não havia nada, se fez.

A MÁ NOTÍCIA

A princípio é surpreendente saber que temos más notícias já que tudo o que Deus criou é bom. Algumas pessoas pensam que Ele criou tanto o bem, quanto o mal ou que um deus bom criou todas as coisas boas, como a luz, a saúde e a virtude, e um deus mau criou todas as coisas ruins como a escuridão, a doença e o pecado. Só que isso não faz sentido. E, por que não? Porque o mal não é criado — ele não foi feito a partir do nada.

De onde ele vem, então? A única maneira de obtermos uma coisa ruim é tomarmos uma coisa boa e a estragarmos. Por exemplo, a escuridão não é feita do nada; mas nós a criamos quando bloqueamos a passagem de luz. A doença também não é feita a partir do nada, ela surge quando nós arruinamos a nossa saúde. Observe que isso não funciona no sentido contrário — ninguém consegue a luz bloqueando a escuridão, nem a saúde arruinando a doença. Assim, Deus criou somente coisas boas, só que algumas delas foram estragadas. Isso é verdade, inclusive, quando falamos de Satanás. Ele não passa de um ser criado — um anjo que foi criado bom, mas que se tornou mau. E, mesmo para exercer a sua maldade, Satanás precisa de coisas boas para serem abusadas, como, por exemplo, a inteligência, o poder e a vontade. Essas coisas boas vêm de Deus.

Deus nos escolheu para sermos o bem maior, a joia da sua criação. Ele nos criou segundo a sua própria imagem e semelhança. Isso não significa que somos Deus — como já vimos anteriormente. Porém, significa que somos pequenos retratos dEle. Não da sua aparência — porque Deus é um Espírito — mas das suas qualidades. Nós fomos criados para refletir a glória da sua verdade, para arder com o fogo da sua santidade, e acima de tudo, para queimar com a chama do seu amor.

Tudo isso suscita uma pergunta: Se Deus nos fez para o amor, por que Ele não nos criou de modo que nós tivéssemos que amá-lo? Porque não existe amor imposto. O amor é um compromisso da nossa vontade. Se nós tivéssemos que amar, isso não seria mais amor.

Deus estava contente com a sua obra, mas desde os primórdios, nós a arruinamos. Em vez de ficarmos satisfeitos por sermos criados à sua imagem e

semelhança, quisemos tomar o lugar dEle. Gênesis 3, descreve como nós viemos com as nossas próprias ideias de como poderíamos ser “como deuses,” e passamos a não ter mais paciência de esperar as instruções de Deus. Essa rebelião é chamada de pecado. Inicialmente, ela nos afastou do próprio Deus. Depois, ela azedou o relacionamento entre o homem e mulher, irmão e irmão, nação e nação e do homem com os seres celestiais criados.

Mas isso não é tudo. Ela também arruinou o nosso interior porque embora nós tenhamos nos afastado de Deus, nós havíamos sido criados para viver em harmonia com Ele. Como a nossa mente não o obedece mais, os nossos desejos e emoções não obedecem mais a nossa mente. Sim, pela sua misericórdia, algumas coisas boas ainda subsistem em nós. Porém, nenhuma dessas coisas boas está no seu estado original e saudável — cada uma delas foi fatalmente distorcida. Até mesmo as nossas melhores experiências, como o amor, estão misturadas com o pecado. Tente passar uma semana sem sentir egoísmo, ressentimento ou cobiça carnal. Agora, tente por um só dia. Tente passar uma hora apenas. E isso não será possível, a menos que algo o distraia. Talvez nem mesmo assim.

E não estamos apenas arruinados, o fato é que nós não conseguimos nos consertar a nós mesmos. Você conseguiria fazer uma cirurgia no seu próprio olho ou tratar a si mesmo da loucura? Suponhamos que você tenha amputado os seus dois braços — sem as suas mãos, seria possível voltar a costurá-los no lugar? A nossa propensão ao pecado é algo assim. Nós desejamos ardentemente o puro amor, só que as necessidades do amor baseado em necessidade se tornaram ídolos que nos controlam. Nós podemos muito querer uma vida em santidade, porém a nossa justiça se transformou em justiça própria que nos domina. Nós podemos desejar ardorosamente a reconciliação com Deus, mas não conseguimos deixar de querer ser, nós mesmos, o centro do Universo.

E o pior de tudo é que nós enfrentamos o juízo por causa de nossas escolhas. Um Deus cujo amor é inexorável precisa rejeitar tudo o que é contrário ao seu amor. Apesar do que as pessoas desejam pensar, o inferno é um lugar que realmente existe. Jesus, a mesma pessoa que nos ensinou que Deus é amor, alertou-nos mais sobre o inferno do que contra qualquer outra coisa na Bíblia. Preciso ser cuidadoso ao tocar neste assunto porque alguns pregadores cristãos têm colocado uma ênfase excessiva neste tópico e não falam em outra coisa, e alguns escritores anticristãos acabaram espalhando confusão ao chamar o inferno de algo “cruel” e “sádico”. O importante é lembrarmos o que o céu e o inferno realmente são. O céu é um lugar de comunhão perfeita com Deus, já o inferno é

um lugar de absoluta separação de Deus.

Alguns escritores dizem que as chamas do inferno não são chamas reais, mas meras metáforas para a agonia de sermos deixados por nossa própria conta. Penso que isso, provavelmente, é verdade, mas lembre-se de que uma metáfora é somente uma sombra do acontecimento real — se as chamas forem somente uma metáfora, a agonia, propriamente dita, deve ser muito pior do que as chamas. Outros escritores dizem que ninguém vai parar no inferno a menos que a pessoa mesmo queira ser deixada por conta própria. Como já disse, penso que isso, provavelmente, é verdade, porém ficar sozinhos não é o que todos queremos quando pecamos? No inferno, Deus, meramente nos dá o que nós queríamos o tempo inteiro, e Ele permite que as consequências naturais horríveis das nossas escolhas exerçam todo o seu efeito! Suponhamos que, em vez do inferno, nós fôssemos levados para o céu. (Deus não faria isso, porque Ele nunca terá o pecado perto de si, mas imaginemos...) Na nossa condição de pecadores, o próprio céu seria um inferno para nós. O simples fulgor do seu amor faria a nossa pele descascar.

Por qualquer perspectiva humana, então, essa situação é irremediável. Estamos estragados muito além da capacidade que nós teríamos para nos consertar, caídos muito além da capacidade que teríamos para nos reerguer. Pela nossa própria rebelião, estamos separados por uma distância infinita do nosso Criador, e não temos o poder para retornar até Ele. Cada um de nós tem uma semente do inferno dentro de si, e a cada dia ela cresce um pouco mais — se não houver um milagre, um dia, ela irromperá e acabará nos devorando. Nós não podemos salvar a nós mesmos.

A BOA NOTÍCIA

Por qualquer perspectiva humana, então, essa situação é irremediável, mas não para Deus. Nós não podemos nos salvar a nós mesmos, mas Deus pode nos salvar.

Como isso é possível? Deus não poderia simplesmente desconsiderar o nosso pecado? Bem, Ele, de fato, desconsidera-os por certo tempo — quero dizer que Ele não faz cair sobre nós o seu juízo de uma só vez. Só que isso não resolve o nosso problema. Não podemos ser reconciliados com Deus e ser seus inimigos, ao mesmo tempo, e nós, simplesmente, não sabemos como deixar de ser inimigos dEle. Ninguém pode deixar de pecar simplesmente decidindo nunca mais pecar.

Só que o nosso problema também tem outro lado: Nós somos, simplesmente, culpados por completo. A infidelidade com a nossa família, com o nosso país, com os nossos amigos ou com o nosso cônjuge já são coisas horríveis, mas a infidelidade a Deus é a pior coisa que pode ocorrer no universo. E a pior coisa traz consigo o pior dos castigos. Deus não seria justo se não castigasse a infidelidade.

Não seria possível que nós simplesmente pagássemos esse castigo? Bem, num certo sentido, sim, mas no sentido principal, não. O castigo para o pecado é a morte, e não me refiro simplesmente à morte física, mas também à morte espiritual — não somente a perda da vida, mas a perda de Deus. Deus criou essa penalidade como uma consequência automática do pecado, exatamente da mesma forma que a morte por afogamento é consequência automática quando os nossos pulmões se enchem de água. Suponho que a morte pagaria o castigo por estarmos fazendo coisas erradas de forma definitiva, mas será que ela resolveria mesmo nosso problema? O pagamento jamais seria quitado, e nós continuaríamos mortos.

Será que alguém poderia pagar pelo castigo da morte em nosso lugar, da mesma forma que eu poderia pagar uma dívida por alguém que não tivesse dinheiro suficiente para quitá-la? Essa é uma ideia interessante, mas incrivelmente complicada. Basta pensar: que tipo de pessoa poderia pagar a nossa dívida com

Deus?

Em primeiro lugar, para quitar a nossa dívida com Deus, o pagador deveria ser capaz de pagar aquele tipo de dívida. Ele teria de ser capaz de sofrer a morte humana, e isso significa que ele mesmo teria que ser um ser humano. A dificuldade aqui é que a morte é justamente o problema do qual nós, seres humanos, estamos tentando nos livrar.

Em segundo lugar, para quitar a nossa dívida com Deus, o pagador deveria ser capaz de pagar aquela enorme dívida. Ele teria que ter recursos infinitos porque nós cometemos ofensas infinitas contra Deus. A dificuldade aqui é que o único que tem recursos infinitos para essa quitação é o próprio Deus.

Em terceiro lugar, para pagar a dívida contra Deus, o pagador teria que ser capaz de representar todos os outros seres humanos. Ele teria que compartilhar completamente da natureza humana e ser tão perfeitamente humano como nós, afim de que tudo que o que acontecesse a ele referisse como algo que tivesse acontecido conosco. A dificuldade aqui é que nós já tivemos um representante, certa vez — o primeiro homem, Adão — mas ele foi o causador de todo esse problema.

Em quarto lugar, para pagar a nossa dívida com Deus, o pagador teria que ser, ele mesmo, uma pessoa sem qualquer tipo de dívida. Ele deveria ser totalmente isento de pecado — completamente santo e em perfeita comunhão com Deus. A dificuldade aqui é que todos nós pecamos.

Em quinto lugar, para pagar a nossa dívida com Deus, o pagador teria de pagá-la voluntariamente. Ele teria que se sacrificar por nós, caminhar de olhos abertos em direção à agonia que fizemos cair sobre a nossa cabeça. A dificuldade aqui é que o nosso amor não chega nem perto da marca de um sacrifício assim.

Para resumir essas exigências, a nossa dívida com Deus somente poderia ser paga por um ser humano livre de pecados, que poderia ser contado como um novo representante de cada ser humano, uma pessoa que nos amasse tanto a ponto de estar disposto a se entregar por nós — mas que também fosse Deus, de forma que pudesse entregar-se de forma ilimitada.

Em outras palavras, o próprio Deus teria que suportar a dor em nosso lugar.

Como homem.

E Ele assim o fez.

AquEle que poderia pagar a penalidade, mas não merecia sofrer, pagou por nós que merecíamos pagar, mas não poderíamos fazê-lo. Deus tornou-se totalmente humano para que pudesse derramar-se na cruz de um carrasco, como nosso representante. Esse foi Jesus — Filho de Deus e Filho de Homem, ao mesmo tempo.

E há ainda mais. Lembre-se de que nós não somos apenas culpados, mas também desfigurados. Isso significa que precisamos não somente de perdão, mas de um conserto. Nós precisamos não somente de retificação diante de Deus, mas também de uma transformação. Jesus também assumiu este problema, porque além de morrer, Ele ressuscitou dentre os mortos. E, assim como a nossa velha vida, com os seus pecados, pode ser pregada com Ele na cruz, nós também podemos ser ressurretos com Ele para a vida eterna com Deus. Dessa forma, a nossa culpa é transferida para Ele, e a sua vida é transferida para nós. Por meio dEle, nós, gradualmente nos tornamos capazes de levar uma vida que jamais poderíamos levar anteriormente — obedecendo a Ele mais profundamente do que poderíamos fazê-lo antes.

A vida eterna significa não somente o viver para sempre, mas viver para sempre com uma nova forma de vida. Ela começa com o cancelamento da maldição, mas prossegue para a perfeita santidade. Ela começa com o perdão dos pecados, mas prossegue rumo ao júbilo e à glória. Pense na salvação como uma adoção dentro de uma família. A situação legal, de um estranho para filho ou filha, ocorre instantaneamente. Só que você vai crescer lentamente dentro daquela família e passa a ter direito à herança que o seu novo Pai guardou para você o tempo inteiro.

A boa-nova, portanto, é que em Jesus, que morreu pelos nossos pecados e ressuscitou para a vida eterna, Deus abriu um caminho para que pudéssemos retornar a Ele — um caminho pelo qual nós pudéssemos ser perdoados, consertados e, por fim, glorificados.

VOCÊ

Na universidade — ao longo de toda a sua vida — você ouvirá que há muitos caminhos que levam a Deus. Só que Deus fala outra coisa. Imagine que você está sozinho no fundo de um poço. Esse poço tem quilômetros de profundidade, mas sua largura mal permite que você se mexa de pé. As suas laterais são feitas de vidro frágil e liso, sem nenhuma espécie de apoio para os pés e mãos. A água já está chegando ao seu queixo e continua subindo.

Então, uma voz chega até você do alto do poço. Deus está gritando: “Vou jogar uma corda para você! Basta confiar, agarrar-se nela e aguardar, que Eu tirarei você daí”. Surpreendentemente, existe uma corda bem na sua frente, bem ao seu alcance.

Essa corda é Jesus. E não existe outra corda. Ele mesmo disse isso.

O que significa agarrar e aguardar? Significa ter fé em Jesus Cristo como aquEle que pagou o preço pelos nossos pecados e que nos salva. A fé é mais do que simplesmente uma crença intelectual. Significa que você deixa de confiar em todas as coisas que confiava anteriormente e, em vez delas, passa a depositar a sua confiança em Cristo Jesus. Isso significa que você precisa se admitir como traidor e pecador, e que não poderá retornar a Deus pelas suas próprias forças. Significa que você precisa dizer ao Senhor, de todo o seu coração, mente, alma e forças: “Jesus, sinto muito. Perdoa-me, por favor. Conserta-me por dentro. Mexe em tudo o que precisar. Faz tudo o que precisares fazer. Não pares até que eu esteja do jeito que Tu queres que eu seja. Ajuda-me a te seguir e te obedecer. Eu confio em Ti, a partir de agora!”.

Você não pode nem mesmo fazer essa oração sem a ajuda do Espírito Santo, mas Ele pode. Isso é parte da obra que Ele faz. Comece com a ajuda que Ele já está lhe oferecendo. Seja qual for essa ajuda, aceite-a e peça a sua auxílio para o próximo passo. Se você não estiver realmente arrependido dos seus pecados, pelo menos se entristeça por não estar — depois, peça a Deus, e confie que Ele fará com que você se arrependa pelas outras coisas. Se você não confia realmente nEle para a sua salvação, comece, pelo menos a desejar confiar — pedindo e acreditando que Ele o capacitará a confiar cada vez mais no seu poder.

Se você não quiser abandonar a sua velha vida, deseje, pelo menos, que você pudesse fazer isso — pedindo e confiando que Ele possa fazer você abrir o coração.

Ao longo da sua vida, à medida que Deus puxa para cima a corda de Jesus, você passará por regiões de glória, bem como por regiões de desânimo. Lembre-se de que, ao passar pelas regiões de desânimo, que você está sendo içado através delas pelo próprio Deus, esteja você sentindo a sua presença ou não. Segure ainda mais firme! Lembre-se também de que, ao passar pelas regiões de glória, que o içamento ainda não terminou, mesmo que você sinta que já está fora do poço. Volte a segurar com firmeza na corda!

Um dia, quando o grande içamento tiver terminado, o próprio Senhor o receberá no alto do poço.

3

O QUE O MUNDO PENSA DE SI MESMO

O AREÓPAGO

Desde o momento do primeiro pecado cometido por Adão e Eva, as pessoas sempre idealizaram falsos deuses e ideias ímpias a respeito de como as coisas realmente são. Elas têm feito isso para justificar a sua rejeição ao Deus verdadeiro e ao que Ele diz acerca de como as coisas realmente são. Isso pode parecer uma afirmação chocante, porém a Bíblia não concorda com a ideia de que é difícil conhecermos a Deus. Ela, de fato, afirma que as pessoas complicam as coisas. O apóstolo Paulo escreveu que a verdade sobre Deus era "clara" para os pagãos e que, em certo sentido, eles "conheciam-na", mas que a suprimiam por causa da sua impiedade (ver Rm 1.18-23). Jesus deixou essas coisas mais claras ao afirmar que aqueles que procuram acabarão achando. Se isso for verdade, então aqueles que não encontram não estão procurando de todo o coração — eles apenas estão enganando-se a si mesmos ao dizer que procuram (ver Mt 7.7-8).

No mundo antigo, um dos lugares onde todos os diferentes deuses e ideias eram debatidos era a cidade grega de Atenas. Atenas era cheia de altares dedicados a deuses pagãos como, por exemplo, Atena, Zeus e Ares, bem como os mestres de filosofias pagãs como, por exemplo, o Platonismo, o Estoicismo e o Epicurismo. Mesmo em praça pública, os atenienses gostavam muito de ouvir sobre novos ensinamentos. Eles tinham um lugar chamado Areópago, onde eles passavam muito tempo ouvindo e contando sobre as filosofias, religiões e deuses da sua própria terra e de outros lugares.

As pessoas do mundo todo consideravam os atenienses os mais sábios dentre os gregos; todavia, os próprios atenienses pareciam ter ideias confusas acerca desse assunto. Por um lado, eles sentiam que a sua suposta sabedoria era incompleta — que algo crucial estava faltando nela. Um altar no meio da cidade tinha a seguinte inscrição: "AO DEUS DESCONHECIDO" (At 17.23). Um dos seus filósofos mais famosos, Sócrates, costumava dizer que a única coisa que ele sabia, com certeza, era que ele não tinha certeza de nada.

Por outro lado, os atenienses escondiam as suas dúvidas debaixo de uma capa de orgulho. Muito embora gostassem de ouvir "coisas novas", eles achavam que

ninguém, de fato, poderia ensinar-lhes algo que eles já não soubessem. Como resultado, os debates no Areópago eram, em parte, uma busca pela verdade e, em parte, não passavam de um jogo intelectual. A brincadeira poderia ser chamada de “esconde-esconde”, porque os argumentadores faziam uso de várias filosofias e religiões, tanto para esconder-se de Deus, como para encontrá-lo.

Podemos ter uma ideia deste jogo intelectual no relato que Paulo faz da sua visita a Atenas, contado no Novo Testamento em Atos 17.16-34. Tão logo alguns filósofos ouviram falar da pregação de Paulo sobre Jesus em praça pública, eles pensaram: Temos algo novo! — e correram para o Areópago para ali repetir as suas palavras. Mas assim que o receberam no Areópago, a sua atitude para com Paulo mudou. Talvez eles esperassem que Paulo ensinasse-lhes uma nova teoria a respeito de Deus. Mas, em vez disso, Paulo ensinou-lhes o que Deus, na verdade, havia feito. A ressurreição era um pouco demais para eles; ela ultrapassava a realidade da qual eles queriam tratar. Alguns dos ouvintes zombaram de Paulo abertamente. Outros disseram a ele para retornar numa outra ocasião — teriam ficado eles interessados, ou estavam bocejando? Dessa forma, a cruzada do Areópago não saiu exatamente como uma cruzada de Billy Graham (1918–2018). Mesmo assim, alguns ouvintes creram naquela palavra — por exemplo, a Bíblia menciona uma mulher chamada Dâmaris e um homem chamado Dionísio. Mais tarde, mais pessoas creram. Na verdade, documentos históricos sugerem que Dionísio tornou-se o primeiro bispo da Igreja de Atenas.

No mundo contemporâneo, o continente americano é muito parecido com Atenas, e a universidade é muito parecida com o Areópago. Assim como no Areópago, há coisas importantes a aprender na universidade. Contudo, também há muitos falsos deuses e filosofias pagãs. Assim como no Areópago, tanto alunos como professores sentem que algo está faltando no seu aprendizado. Eles, porém, consideram-se a si mesmos mais sábios do que todas as outras pessoas. Assim como no Areópago, os debates no campus são, em parte, uma busca pela verdade e, em parte, não passam de um jogo intelectual. No entanto, como no Areópago, algumas pessoas também ouvirão e crerão.

Nos dias atuais, no campus universitário, as filosofias e perspectivas anticristãs mais influentes são um bem antigo chamado de “Naturalismo”, uma nova chamada de “Pós-modernismo” e uma atitude religiosa que eu chamarei de “Espiritualidade Faça você mesmo”. Passemos, então, a analisar cada uma delas em mais detalhes.

NATURALISMO

Naturalismo é a crença de que o mundo material natural é tudo que existe, tudo que já existiu e tudo o que sempre existirá — que nada que se possa chamar de sobrenatural é real. Se o Naturalismo for verdadeiro, então Deus não existe. Aliás, se o Naturalismo for verdadeiro, então nada mais existe além de partículas da matéria em movimento. Nada mais é real.

A maioria dos naturalistas também considera que a verdade do Naturalismo é óbvia para toda pessoa racional. Muitos chegam a pensar que o Naturalismo, de certa forma, já foi provado pela Ciência. Essas pessoas concluem que a fé é irracional, que a fé em Deus é superstição e que os cristãos não passam de pessoas que não tem vigor intelectual suficiente para encarar os fatos.

Provavelmente, a maior parte dos seus professores universitários será composta de naturalistas. Como você será capaz de diferenciar? Uma estudante escreveu-me uma vez sobre a sua experiência numa aula de Ética. O livro-texto mencionava duas correntes principais de teorias a respeito da origem da moralidade: a sobrenaturalista e a naturalista. As teorias sobrenaturalistas afirmavam que a moralidade vinha de Deus, e as teorias naturalistas afirmavam que não. Infelizmente, o livro-texto considerava apenas as teorias naturalistas. "Quando eu perguntei à professora por que o livro assumia um ponto de vista tão restrito, ela respondeu: 'Fui informada de que não teríamos tempo para este tipo de superstição e teorias antiquadas'". Como você pode ver, num primeiro momento, a sua professora tentou ignorar o cristianismo. Então, quando a sua pergunta fez com que o desprezo ao cristianismo não fosse mais possível, a professora simplesmente tratou o assunto com repúdio.

A maioria dos naturalistas, porém, prefere uma abordagem mais sutil. Em vez de insultar abertamente o cristianismo, eles elogiam-no em excesso, fazendo o tipo de elogio que se faz a crianças com mentalidade ingênua. Ou, então, fazem uso de afirmações do tipo "como hoje sabemos": "Bem, como nós hoje sabemos, não existe essa de vida após a morte". E essas afirmações costumam ser precedidas por afirmações do tipo "antigamente se pensava que": "Antigamente se pensava que as leis morais foram-nos entregues por Deus ou por deuses, mas, como hoje

sabemos, a humanidade faz as leis morais para si mesma". Toda vez que um professor fizer uma afirmação do tipo "como hoje sabemos", pergunte: "A quem o senhor se refere quando fala em 'nós', e como é que nós 'sabemos'?". Se você não estiver pronto para o debate público, faça essas perguntas para você mesmo e, ao fazer isso, faça-as em voz alta, mas seja educado. O seu objetivo não é mostrar que o seu professor está errado, mas simplesmente mostrar que ele não está levando a sério os argumentos legítimos do outro lado.

Os naturalistas mais agressivos normalmente estão nos departamentos de Biologia darwiniana, onde a crença num criador é completamente ignorada ou definida como não científica. Todavia, não se distraia: Nossa divergência com os naturalistas não se refere a Deus ter levado milhões de anos ou um curto espaço de tempo para formar tudo — você pode crer das duas formas e continuar sendo um cristão. Nossa divergência com os naturalistas refere-se a Deus ter alguma relação com a nossa aparição na cena da vida — se o nosso surgimento foi "intencional" ou "acidental". "Como nós hoje sabemos", dizem os biólogos naturais, "o homem é o resultado de um processo natural sem propósito que não temos em mente".[1] Infelizmente, nesse caso, não basta perguntar ao professor: "A quem o senhor se refere quando fala em 'nós', e como é que nós 'sabemos'?". Ele terá a resposta pronta para dar a você. Ele dirá: "'Nós' refere-se a todas as pessoas familiarizadas com as descobertas da Ciência, e o 'como sabemos' é que as evidências científicas são abundantes para comprovar que Darwin estava correto". Você, entretanto, também terá uma resposta para ele se estiver disposto a usá-la: Um número crescente de cientistas, inclusive os naturalistas, admite que as evidências não provam absolutamente nada![2]

Para superar essa objeção, peça ao seu professor que leia as seguintes palavras de Richard Charles Lewontin, paleontólogo de Harvard.[3] Como todo naturalista, Lewontin acredita que o mundo material natural é tudo o que existe, só que ele também confessa algo que muitos dos seus companheiros naturalistas prefeririam negar. A confissão que ele faz é que todos eles acreditam no Naturalismo apesar das evidências, e não por causa delas. Por exemplo, muito embora as evidências sugiram veementemente que os seres vivos são o resultado do "design inteligente", os naturalistas ficam desesperados para provar que eles não podem ser resultado disso.[4] A maioria de nós chamaria este ímpeto em ignorar as evidências como "preconceito". Estranhamente, Lewontin chama isso de "assumir o lado da Ciência". Veja você mesmo:

Nós assumimos o lado da Ciência apesar do absurdo patente de algumas das suas construções, [...] apesar da tolerância da comunidade científica a estória perfeitamente incomprovada, porque temos um compromisso prévio, um compromisso com o Materialismo. Não se trata dos métodos e instituições científicos, de alguma forma, forçarem-nos a aceitar uma explicação material do mundo dos fenômenos; porém, ao contrário, somos forçados por uma adesão prévia às causas materiais a criar um aparato de investigação e um conjunto de conceitos que produza explicações materiais, independentemente do quão contraintuitivas, independentemente do quão mistificadoras elas sejam para o iniciado. Além disso, o Materialismo é absoluto, pois não podemos permitir nenhum Pé Divino à sua porta.[5]

Essa confissão impressionante é importante porque demonstra que o que os naturalistas chamam de “ciência” na verdade não é ciência — pelo menos, não se “ciência” significar o respeito às evidências! Os naturalistas gostam de pensar em si mesmos como bravos defensores do raciocínio claro, em oposição à superstição irracional, mas, na verdade, o próprio Naturalismo é uma superstição. Ele não está fundamentado no raciocínio, mas, sim, por uma hostilidade cega às evidências acerca de Deus.[6]

Ore para que os seus professores acabem ficando cansados dos seus jogos. Como Blaise Pascal (1623–62) escreveu há muito tempo: “É bom ficar cansado e exausto pela vã procura do bem verdadeiro, para que possamos abrir os nossos braços em direção ao Redentor”.[7]

PÓS-MODERNISMO

O pós-modernismo é a crença de que nada existe em conjunto — de que tudo está aos pedaços. Por exemplo:

O pós-modernista considera que a verdade é fragmentada. Ele não acredita numa verdade que seja a mesma para todas as pessoas — ele acredita em "estórias", ou "narrativas", ou "discursos" que sejam diferentes para cada grupo. Uma raça conta uma história sobre pioneiros que vieram desbravar o deserto e trazer a civilização para o novo mundo; outra conta que uma raça diferente veio roubar as suas terras. Uma religião fala que Deus salva o homem; já outra fala que o homem salva-se a si mesmo. E, se você perguntar: "Mas será que não deveríamos procurar descobrir se alguma dessas estórias é verdade mesmo?", o pós-modernista resmungará algo contra "pessoas que querem impor as suas estórias sobre as outras".

O pós-modernista considera que a personalidade é fragmentada. Ele não acredita numa alma, num ego, num "eu" que guarde a sua identidade e seja responsável por tudo o que ele faz. No máximo, as pessoas usam máscaras e desempenham papeis — diferentes a cada momento. No domingo, você desempenha o papel de santo. Na segunda-feira, o papel de pecador. Na terça, você coloca a máscara de uma moça simpática. Na quarta, a máscara de uma mulher vulgar. E, se você tentar perguntar: "Mas, se eu tentar desempenhar todos esses papéis, não haverá um "eu" que desempenha a todos eles? Não existe um rosto debaixo de todas as minhas máscaras?", o pós-modernista irá lançar um olhar de desprezo e dizer que você não entende o que ele está dizendo.

O pós-modernista considera que a vida é fragmentada. Ele não acredita que a sua vida tenha qualquer sentido, que ela tenha um tema e que ela trata de alguma coisa — e ele pensa o mesmo da sua vida. No máximo, ele considera que a vida não passa de uma série de "projetos" e relacionamentos. Em janeiro, você "está com" uma pessoa. Em fevereiro, "com outra". Em março, você está "numa" atividade. Em abril, "em outra". E, se você tenta perguntar: "Mas não deveria haver algum tipo de compromisso ou continuidade na vida — ela não deveria ter algum fundamento?", o pós-modernista provavelmente mudará de assunto.

O maior problema que os pós-modernistas enfrentam é a falta de significado. Diferentes tipos de pós-modernistas tratam da falta de significado de maneiras diferentes.

Os pós-modernistas valentões dizem: “Pode até não haver significado, mas eu sou corajoso o suficiente para viver, mesmo sem significado”, mas isso não passa de pose. Na verdade, eles não conseguem viver sem significado — o que eles fazem é buscar o significado na ideia de uma vida corajosa. O problema é que eles não têm nada que lhes desperte tal coragem.

Os pós-modernistas pop dizem: “O significado não passa de uma onda — quem é que precisa disso? Eu sou tão ‘descolado’ que gosto da vida sem significado”, mas isso também é uma pose. Na verdade, eles não gostam de levar uma vida sem significado — eles buscam o significado ao simular que gostam da vida sem significado, na vida “descolada”. O problema é que, numa vida sem significado, ser descolado é tão absurdo como tudo o mais.

Os pós-modernistas políticos dizem: “Se eu precisar de um significado, vou descobri-lo no meu grupo. Tudo o que nós dizemos é verdade, é verdade para nós”. O problema é que não existe esse negócio de algo ser “verdade para nós”. Se o grupo dissesse que o estupro está correto, isso tornaria o estupro aceitável? Se o grupo dissesse que os bebês são vermes, eles iriam tornar-se vermes por causa da opinião do grupo? Se o grupo dissesse que um homem e uma cadela estão casados, estariam eles casados mesmo? Aos olhos do grupo, sim — mas, na realidade, não. Não podemos mudar a realidade ao modificar o jeito como falamos; podemos somente fingir que a modificamos.

A maior parte dos pós-modernistas da vida real é uma mistura destes três tipos: um pouco valentões, com uma pitada de pop e com um tempero de políticos. Alguns deles utilizam o rótulo de pós-modernistas com orgulho. Outros minimizam o seu pós-modernismo — eles dizem que somente os pós-modernistas “extremistas” creem não existir significado para a vida e afirmam não ser extremistas. Todavia, a falta de significado está na essência do pós-modernismo; não há muito que se fazer para torná-lo moderado.

Ore para que Deus mostre a seus professores a insensatez de tentar encontrar significado naquilo que não tem significado. Como escreveu o apóstolo Paulo: “[...] Porventura, não tornou Deus louca a sabedoria deste mundo? Visto como, na sabedoria de Deus, o mundo não conheceu a Deus pela sua sabedoria,

aprouve a Deus salvar os crentes pela loucura da pregação” (1 Co 1.20-21).

ESPIRITUALIDADE NO ESTILO FAÇA VOCÊ MESMO

A espiritualidade no estilo “faça você mesmo” é a crença de que cada pessoa desenvolve a sua própria visão a respeito de Deus e da realidade final e de que a melhor maneira de fazer isso é reunindo ideias atraentes a partir de várias fontes — das religiões, das filosofias e até mesmo de filmes e de programas de televisão. Eu quase chamei esta seção de “Sopa Espiritual”, pois a pessoa no estilo “faça você mesmo” funciona como uma cozinheira amadora, que mistura dos seus ingredientes escolhidos e espera que o resultado não seja tão ruim. Um adepto do “faça você mesmo” pode acreditar na reencarnação, em cristais e na astrologia. Outro pode acreditar em anjos, santos e em mediunidade. Outro, ainda, pode ter assistido tantas vezes os filmes da série Guerra nas Estrelas que acredita ter “A Força” dentro de si. Alguns adeptos do “faça você mesmo” são hostis à religião organizada. Alguns pertencem às religiões organizadas, mas escolhem a dedo o que querem crer, e alguns chegam até mesmo a iniciar as suas próprias religiões (foi assim que começaram o Mormonismo, a Ciência Cristã e a Cientologia).

Por causa dessa variedade, não se pode dizer que “todos os adeptos da espiritualidade ‘faça você mesmo’ acreditam nisso”, nem que “todos os adeptos da espiritualidade ‘faça você mesmo’ acreditam naquilo”. Todavia, posso dizer a você algumas coisas que eles normalmente creem, bem como posso dizer a você algumas coisas que eles jamais creem — ou, pelo menos, nunca creem de forma consistente. Primeiro, vamos ver o que eles “normalmente” creem:

Os adeptos da espiritualidade “faça você mesmo” normalmente acreditam que, embora todas as religiões do mundo difiram muito nos seus rituais e formalidades, todas, na verdade, ensinam a mesma coisa. Infelizmente, isso é o oposto da verdade. Como o autor G. K. Chesterton (1874–1936) observou: “As religiões da terra não diferem muito em ritos e formas — elas diferem muitíssimo naquilo que ensinam”.[8] *A prova disso é que as pessoas que alegam que todas as religiões ensinam a mesma coisa têm todas elas diferentes pontos de vista acerca do que seja essa “mesma coisa”!*

Os adeptos da espiritualidade “faça você mesmo” normalmente escolhem

crenças seguindo o critério do "que lhes faz sentir bem", em vez "do que parece ser provavelmente verdadeiro". Por exemplo, eles podem crer na reencarnação porque ela dará mais chances de redenção a eles; podem crer num deus bonzinho, porque tal deus não levará o pecado deles muito a sério; ou podem crer na bondade de todos os seres humanos, porque eles querem levar as coisas do seu próprio jeito.

Os adeptos da espiritualidade "faça você mesmo" normalmente dão pouco crédito ao raciocínio lógico. Embora haja exceções, a maior parte dos adeptos da espiritualidade "faça você mesmo" consideram o raciocínio lógico como uma ameaça porque ele revela as falhas e inconsistências das suas cosmovisões. Para livrarem-se dos desafios lógicos, eles dizem coisas como: "Ah, para de ser tão intolerante", "A realidade é maior do que a lógica", "Duas crenças opostas podem ser verdadeiras ao mesmo tempo", "Isso não diz respeito ao raciocínio, mas à fé", "Já que nada pode ser provado, no fim das contas, qual a utilidade disso?".

Passemos, agora, aos "nunca":

Os adeptos da espiritualidade "faça você mesmo" nunca creem, de forma consistente, que a Bíblia é a verdadeira revelação de Deus. A Bíblia condena este estilo de vida espiritual do "faça você mesmo". Se os adeptos da espiritualidade "faça você mesmo" acreditassem, de fato, que ela fosse uma revelação verdadeira, como poderiam continuar, eles mesmos, a serem adeptos desta espiritualidade "faça você mesmo" de forma consistente? Como eles poderiam justificar consistentemente a elaboração das suas próprias visões acerca de Deus e da realidade final se a verdade sobre elas já foi escrita?

Os adeptos da espiritualidade "faça você mesmo" nunca acreditam naquilo que a Bíblia afirma de fato. Se os adeptos da espiritualidade "faça você mesmo" cressem de modo consistente naquilo que a Bíblia ensina, eles teriam que crer na condenação que ela faz do seu estilo de espiritualidade. Alguns dizem que eles acreditam no que ela diz, mas tiram as suas palavras de contexto e distorcem o seu significado. Normalmente, eles justificam as suas interpretações estranhas alegando ter uma percepção especial que ninguém mais possui. Por exemplo, a fundadora da seita Ciência Cristã, Mary Baker Eddy (1821–1910), alegava ter a "chave" das Escrituras, e o fundador da seita Mórmon, Joseph Smith Jr. (1805–44), alegava ser a única pessoa vivente com uma "tradução correta" da Bíblia.

Os adeptos da espiritualidade "faça você mesmo" nunca creem, de forma consistente, que Jesus era mesmo quem Ele dizia ser. Se eles cressem, de forma consistente, que Ele era quem disse ser, então eles teriam que crer que Ele é o Caminho, a Verdade e a Vida — e isso tornaria impossível e desnecessária o tipo de espiritualidade egocêntrica que eles pregam. Alguns dizem acreditar que Jesus era quem Ele disse ser, mas, em vez de buscar o que Ele quis dizer, eles enchem as palavras de Jesus com os significados que eles mesmos querem que elas tenham. Por exemplo, muitas pessoas, influenciadas pelo Movimento Nova Era, dizem: "Sim, Jesus foi Deus. E todos nós somos Deus". É desnecessário dizer que Jesus nunca ensinou que todos nós somos Deus!

GOTAS DE VERDADE

Vamos rever o caminho que percorremos neste capítulo. Assim como o Areópago, a universidade é cheia de crenças diferentes acerca de Deus e da realidade final. Apesar de o debate sobre essas cosmovisões seguir continuamente, ele é, em parte, apenas uma busca real pela verdade. A outra parte é um jogo intelectual no qual os jogadores fingem estar buscando a verdade, mas, de fato, estão mais interessados em esconder-se dela. Muitos dos nossos professores serão naturalistas — isto é, pessoas que consideram o mundo material natural como a totalidade do que existe. Alguns serão naturalistas metodológicos — pessoas que não acreditam mesmo que a natureza material é tudo o que existe, mas pensam, de forma confusa, que devem agir como se ela fosse tudo. Uma boa quantidade será de pós-modernistas — ou seja, pessoas que consideram que a vida, a verdade e a personalidade são completamente fragmentadas e que nada existe em unidade. Você também encontrará muitos adeptos da espiritualidade "faça você mesmo" — pessoas que misturam e reúnem ideias atraentes de todo tipo de fonte a fim de construir as suas próprias concepções acerca de Deus e da realidade final. Nem o Naturalismo, nem o Pós-modernismo, tampouco a espiritualidade no estilo "faça você mesmo" são compatíveis com os ensinamentos bíblicos.

Obviamente, o Naturalismo contém uma gota de verdade, porque a natureza é real. Todavia, o Naturalismo erra pelo simples fato de que a natureza não é tudo o que há. Maior do que a natureza é Deus, que a criou. E não é só isso; Ele colocou muito mais do que simplesmente matéria na sua natureza. Ele também colocou na natureza coisas como significado, a sua alma, bem como o certo e o errado. É por isso que os cristãos não são naturalistas.

O Pós-modernismo também tem uma gota de verdade, porque, quando tentamos viver separados de Deus, tudo se esfarela mesmo. Porem, o Pós-modernismo erra porque nós não precisamos viver separados de Deus. O Senhor convida-nos a voltar para a comunhão com Ele por meio de Jesus Cristo. Quando aceitamos o seu convite, tudo o que era torto torna-se reto, e tudo o que estava quebrado é consertado. É por isso que os cristãos não são pós-modernistas.

Até mesmo a espiritualidade “faça você mesmo” contém uma gota de verdade, porque, quando ignoramos a própria revelação de Deus, parece que qualquer coisa pode ser mesmo verdade. Mas os adeptos da espiritualidade “faça você mesmo” erram porque não precisamos ignorar a revelação de Deus. Não é necessário criar as nossas próprias visões acerca de Deus e da realidade final, porque o próprio Deus disse-nos a verdade a respeito das coisas de que precisamos saber. E é por isso que os cristãos não são adeptos da espiritualidade “faça você mesmo”.[9]

Antes de terminar este capítulo, preciso fazer uma pequena confissão. Para fins de clareza, apresentei três nomes das principais cosmovisões predominantes nos campi e expliquei-as uma por vez. E, ao fazer isso, posso ter passado duas falsas impressões a você.

A primeira é que as pessoas sabem o que elas são — os naturalistas sabem que são naturalistas, os pós-modernistas sabem que são pós-modernistas, e os adeptos da espiritualidade “faça você mesmo” também sabem ao que aderem. As coisas, porém, não funcionam dessa forma, porque, mesmo na universidade, um número grande de pessoas não faz ideia do que elas, de fato, acreditam.

A outra falsa impressão é que os naturalistas, pós-modernistas e adeptos da espiritualidade “faça você mesmo” são grupos completamente distintos entre si, assim como os gatos são distintos dos cães e dos hamsters. E, também, neste caso, não é assim que as coisas funcionam. Por exemplo, algumas pessoas são meio-naturalistas, meio pós-modernistas; elas pensam: Se nada é real além da natureza material, então nada tem qualquer significado. Outros são meio pós-modernistas e meio-adeptos da espiritualidade “faça você mesmo”; eles pensam: Se nada tem significado, então posso inventar qualquer significado que eu bem entender.

A única rocha firme nessa areia movediça toda é Jesus Cristo. Agarre-se nEle, agarre-se na sua Palavra, agarre-se aos seus irmãos em Cristo, e você estará bem.

4

COMO CONVERSAR COM AMIGOS NÃO CRISTÃOS

Quando Rebecca chegou à universidade, ela foi posta num dormitório com três outras moças. Elas falavam sobre tudo — os assuntos pareciam intermináveis. Danielle disse que era “uma pessoa muito espiritual”, mas não acreditava na religião organizada. Abby era uma adepta da Nova Era que queimava incenso e falava muito no seu “eu elevado”. Amy tinha ido à igreja algumas vezes e “achava que era cristã”, mas acreditava em reencarnação e ouvia atentamente a tudo o que Abby dizia. Quando Rebecca disse que Jesus Cristo era a coisa mais importante da sua vida, as outras todas apoiaram imediatamente, por isso Rebecca pensou que o apoio caloroso delas fosse uma resposta à sua proclamação do evangelho. Só que elas acabaram demonstrando exatamente o mesmo tipo de apoio quando Danielle disse que o ciclismo de montanha era a coisa mais importante da sua vida, quando Abby disse que a sua “bondade interior” era a coisa mais importante da sua vida e quando Amy disse: “Eu acho que todas nós, na verdade, estamos todas falando a mesma coisa”. Rebecca foi estarrecida. Quando Mike teve uma aula de Química orgânica, ele se juntou a um grupo de estudos organizado por dois dos seus colegas de sala. Ninguém mantinha a ordem do debate e, às vezes, a discussão saía dos limites razoáveis. A todo o momento ela passava para o tema da religião. Havia um rapaz chamado Nick que parecia ter tirado todas as suas ideias religiosas de um filme e que falava dos personagens como se fossem pessoas reais. Havia também Todd, o evolucionista, Dan, o agnóstico e Lauren, que não falava no que cria. Certo dia, Mike mencionou que ele era cristão. Os outros simplesmente o desprezaram, por isso ele jamais voltou a tocar no assunto da sua fé.

Você terá muitos amigos e colegas na universidade, e nem todos serão cristãos. Naturalmente, você desejará testemunhar da sua fé com eles. Mas como fazer isso? De certa forma, nos dias de hoje as coisas são muito mais simples do que na época dos seus pais. Naquela época, as pessoas costumavam dizer “estamos num país cristão,” e como resultado, a identidade da fé cristã foi se perdendo. As

pessoas tendiam a assumir que todos eram cristãos — ou, pelo menos, que todos que trabalhavam arduamente e não se envolviam com problemas eram cristãos. Uma das consequências foi que a pessoa poderia viver a vida inteira sem saber que não era cristão, dessa forma, as pessoas não sabiam a quem deveriam evangelizar. Outra consequência foi que o cristianismo parecia ser parte do "Sistema Estabelecido," de forma que, se as pessoas ficassem furiosas com qualquer coisa, elas acabavam ficando furiosas com o cristianismo também. Só que tudo isso mudou. Nos dias de hoje, são poucas as pessoas que declaram "estamos num país cristão". As pessoas que não são cristãs, normalmente, sabem que não são cristãs; portanto, nós sabemos quem devemos evangelizar. Ser cristão não parece mais fazer parte do "Sistema Estabelecido"; na verdade, é uma escolha que parece até ousada e contracultural. Destarte, por todas essas razões, o testemunho da sua fé tornou-se algo mais simples.

Todavia, por outro lado, o testemunho da sua fé também ficou mais complicado. Na época dos seus pais, mesmo as pessoas que nunca tinha colocado o pé numa igreja sabiam alguma coisa sobre a fé cristã. Elas sabiam que a Bíblia tinha um Antigo e um Novo Testamento. Elas sabiam que ela fala que existe um Deus único. Elas sabiam quem era Abraão e Moisés. Elas sabiam quais eram os Dez Mandamentos. Elas conheciam sobre céu e inferno. Elas sabiam que Jesus era considerado Deus em forma humana. Elas sabiam que Jesus, supostamente, tinha nascido no meio de nós como um bebê e que habitou no meio de nós como homem. Elas sabiam que Ele, supostamente, teria morrido na cruz pelos nossos pecados e que teria retornado à vida, depois de três dias. Só que tudo isso também mudou. Atualmente, não podemos mais considerar que as pessoas tenham esse conhecimento básico a respeito do cristianismo. Mesmo as pessoas que frequentaram a igreja durante toda a sua vida (ou dizem que frequentaram) podem ser completamente ignorantes acerca do que os cristãos creem. E mais, o cristianismo contemporâneo, normalmente, é tratado com hostilidade.

Este capítulo é totalmente prático, escrito para ajudá-lo a testemunhar aos seus amigos e colegas da universidade sobre Jesus Cristo. Primeiramente, veremos uma pequena seção com conselhos para os iniciantes. A seguir, apresentaremos uma seção mais longa que trata de como lidar com as perguntas dos seus amigos. O motivo de esta seção ser tão longa é que as perguntas surgem de três maneiras diferentes, e cada uma precisa ser tratada de modo distinto: perguntas diretas, perguntas que levantam objeções e perguntas que são, na verdade, cortinas de fumaça para outras questões que permanecem ocultas. Nós abordaremos também como lidar com conflitos de estilos de vida — o atrito resultante do contraste

entre a forma como você vive e a forma como alguns dos seus amigos pode levar a vida. Por fim, falaremos sobre quem influencia quem — aquele problema difícil sobre como passar tempo com os descrentes sem deixar com que as suas cosmovisões e estilos de vida atropelem você.

COMO COMEÇAR

O melhor conselho que posso dar sobre os primeiros passos é: (1) orar, (2) orar, (3) orar, (4) orar, (5) orar, (6) orar e (7) orar. Ao total temos; portanto, sete vezes "orar". Permita-me explicar o que quero dizer com isso.

Em primeiro lugar, ore por uma oportunidade de compartilhar a sua fé. Alguns anos depois da minha conversão, Cristo acendeu em mim o desejo de testemunhar a outras pessoas sobre Ele. Porém, como eu poderia fazer isso? A oportunidade jamais parecia surgir. Foi, então, que orei: "Senhor, Tu prometeste que o teu poder se aperfeiçoa na fraqueza. Eu não sei nem mesmo como começar uma conversa sobre Ti. Por favor, abra portas para mim. E, por favor, Senhor, faz com que elas fiquem tão óbvias que nem mesmo eu deixe de enxergá-las". Naquela mesma semana, em três ocasiões diferentes, três pessoas diferentes me perguntaram sobre Deus. Todas às vezes, a pergunta foi completamente inesperada. Eu sabia que Deus estava respondendo à minha oração.

Em segundo lugar, ore para estar pronto para compartilhar a sua fé. Se você orar por oportunidades, Deus as enviará, mas se você não estiver preparado, talvez nem mesmo perceba quando as oportunidades surgirem. Um caso: Você está com amigo e ele menciona alguns problemas pessoais e diz: "Na verdade, eu nem sei se Deus sabe que eu existo". Um caso: Você está com amigo de pé na fila do caixa do supermercado, próximos de uma estante de revistas. Ele chama a sua atenção, sorri e aponta para um tabloide com a seguinte notícia: "Cientistas Informam: Jesus é um Alienígena do Espaço". Um caso: Você está compartilhando alguns hambúrgueres com uma colega de sala que veio da República da China. Ela disse: "Antigamente, no meu país nós todos deveríamos acreditar no Comunismo. Hoje em dia, jovens como eu querem alguma coisa para acreditar".

Em terceiro lugar, ore por discrição ao testemunhar a sua fé. Assim como existem momentos e lugares para se conversar, existem momentos e lugares para não se conversar. Na história de Rebecca e das suas colegas de quarto, na primeira seção deste capítulo, Rebecca poderia ter conquistado mais território se procurasse uma oportunidade de conversar com cada uma das suas amigas em

separado, em vez de buscar um testemunho quando todas estavam juntas. Como estavam todas juntas, as moças acabaram entrando no “modo de confusão amigável” — na verdade, elas pareciam mais estar dispostas a se apoiarem entre si, e não estavam num clima para considerar se qualquer uma daquelas afirmações era, na verdade, boas ou ruins. Na estória de Mike e do seu grupo de estudos, Mike provavelmente estava certo ao se calar, quando assim o fez. Não podemos fazer com que as pessoas ouçam quando não estão dispostas a ouvir, e se insistirmos, poderemos criar confusão (Mt 7.6). Todavia, em vez de ficar desanimado, ele deveria ter permanecido em alerta para o surgimento de outra oportunidade. Talvez alguém tivesse ficado interessado no que ele disse, mas pode ter ficado envergonhado de continuar a conversa. Deus pode ter aberto uma porta para Mike falar numa outra ocasião.

Em quarto lugar, ore pelas palavras certas para compartilhar a sua fé. Num certo sentido você pode se preparar, e num outro sentido não. Você pode se preparar ao seguir caminhando com Deus, estudando e memorizando as Sagradas Escrituras, trocando histórias de evangelismo com amigos cristãos, e lendo livros como esse. Porém, você não poderá se preparar, já que não saberá com antecedência quais questões poderão surgir numa conversa, quais fatores poderão estar por trás dessas questões, e o que o seu amigo poderá precisar ouvir mais urgentemente. Não ore somente antes de testemunhar, mas também enquanto estiver falando, “porque não sois vós quem falará, mas o Espírito de vosso Pai é que fala em vós” (Mt 10.20). E lembre-se do que precisa seguir junto com as suas palavras. Existe um ditado no meio cristão: “Não dê a mensagem a menos que tenha vivido a mensagem”. Isso significa que se você somente falar como um cristão e não viver como um cristão, Cristo não poderá usá-lo. A sua vida precisa ser como a dEle. Isso deve estar incluso na sua oração.

Em quinto lugar, ore por paciência para ouvir as pessoas quando estiver compartilhando a sua fé. Você já apertou o botão de impressão do seu computador para fazer uma única cópia, e descobriu que a impressora estava configurada para fazer uma centena de cópias, depois ficou desesperado porque não sabia como parar a impressora? Você não quer que o seu amigo pense que você é aquela impressora que não para nunca, não é mesmo? Se você não souber ouvi-lo, ele também não conseguirá dar ouvidos ao que você fala. Você não deve “imprimir” tudo de uma só vez.

Em sexto lugar, ore para que Deus prepare o coração e a mente dos seus amigos quando você compartilhar a sua fé. Você não é capaz de reconciliar uma pessoa

com Deus; só Deus pode fazer isso. Somente Deus pode derrubar as barreiras interiores da outra pessoa. Nós, os seres humanos, precisamos da ajuda de Deus até mesmo para desejarmos ser ajudados por Ele, quanto mais para aceitá-lo no nosso coração.

Em sétimo lugar, ore agradecendo a Deus pela oportunidade de glorificar o seu nome. Não se preocupe se o seu amigo aceitou ou não a Cristo; ore mesmo assim. Talvez, você nunca saiba como Deus usou você. Para explicar isso, o apóstolo Paulo, utilizou figuras tiradas do mundo agrícola. Uma pessoa pode plantar sementes, outra pode regar as sementes, e outra, ainda, pode fazer a colheita. Da mesma forma, Deus poderá usar uma pessoa meramente para fazer alguém meditar no assunto, outra para explicá-la o evangelho, e uma terceira para levá-la a colocar a sua fé em Cristo. “Pelo que nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas Deus, que dá o crescimento” (1 Co 3.7).

Um pensamento final. O título dessa seção é “Como Começar”. Isso não significa somente começar a compartilhar a sua fé. Se um amigo seu aceita Jesus, isso significará começar um novo relacionamento com um novo irmão ou irmã, em Cristo! Apresente o seu amigo a outros cristãos. Leve-o para o grupo de comunhão cristã da sua universidade. Leve-o para a Igreja. Façam as coisas juntos, mostre a ele as “cordas”, e modele a vida de Cristo. Ele faz parte da família agora.

COMO LIDAR COM AS PERGUNTAS

Perguntas Diretas

Uma “pergunta direta” é um pedido simples de informação. Se um amigo faz uma pergunta direta, ele não está levantando uma objeção ao cristianismo — ele está somente tentando descobrir algo a seu respeito. Você não precisará ser um gênio para descobrir o que fazer com uma pergunta direta. Basta respondê-la! Aqui vão alguns exemplos de perguntas diretas, junto com as respostas que você poderia dar.

Pergunta: “Cristo” é um sobrenome, como “Silva”?
Resposta: Não, é somente outra palavra para designar o Messias. Trata-se de um
Pergunta: Escolhido para quê?
Resposta: Escolhido para ser o Caminho de volta ao Pai — para ser o que chama
Pergunta: O que significa “Salvador”?
Resposta: “Salvador” significa “aquele que resgata”. Nós precisamos ser resgata
Pergunta: Disseram-me que Jesus é “Salvador e Senhor”. A palavra “Senhor” sig
Resposta: É verdade que Jesus é Deus, mas o título “Senhor” significa simplesm
Pergunta: Eu sempre ouço cristãos falarem sobre o “evangelho”. O que é isso?
Resposta: “Evangelho” significa “Boas-Novas”. Evangelho são as Boas-Novas d
Pergunta: É daí que vem todo esse negócio de Jesus “morrer pelos nossos pecad
Resposta: Sim, porque o castigo pelo pecado é a morte, e Ele tomou sobre si o ca
Pergunta: Jesus faria isso por mim?
Resposta: Sim, porque Ele ama você. Ele faria isso por qualquer pessoa que se a
Pergunta: Então, por que você se tornou cristão?

Resposta: Sou cristão porque, a certa altura da minha vida, percebi que estava se
Pergunta: Quando você se tornou um cristão, você sentiu alguma diferença?
Resposta: Bem, na verdade, sim, mas nem todo mundo sente. O importante não é
Pergunta: Então, o que aconteceria se eu me tornasse cristão?
Resposta: A mudança imediata seria que todos os seus pecados seriam perdoados

Mantenha as suas respostas curtas e simples, e evite os jargões típicos das pessoas da igreja. Tente modelar a sua resposta de uma maneira que desperte o interesse futuro do seu amigo. Caso você não tenha a resposta para a pergunta do seu amigo, admita não ter e prometa buscar ajuda e trazer a resposta para ele. Depois, lembre-se de cumprir a sua promessa!

Objeções

Uma objeção expressa os receios mais profundos de uma pessoa diante da fé cristã — talvez algum desconforto a respeito de ideias misteriosas. Elas, normalmente, podem ser uma razão que o seu amigo apresenta para não confiar em Jesus como seu Senhor e Salvador. Como as objeções podem assumir a forma de perguntas, às vezes, as perguntas diretas e as objeções são difíceis de diferenciar. Que diferença isso faz? Se o seu amigo faz uma pergunta direta, você simplesmente precisará apresentar a ele as informações, mas se ele levantar uma objeção, você precisará tentar resolver a sua dificuldade.

Deixe-me ilustrar o que estou dizendo. Matt havia testemunhado sobre sua fé com duas amigas, Jenna e Amber. Elas eram gêmeas e moravam juntas. Um dia, enquanto ele estava seguindo para a classe com Jenna, ela disse:

— Eu e Amber estivemos conversando sobre o que você nos disse, e temos uma pergunta a fazer. Por que Jesus precisava orar?

Matt não tinha certeza de onde Jenna queria chegar com aquela pergunta; por isso, respondeu-a com outra pergunta:

— O que há com a oração dEle que deixa você intrigada?

Ela, então, respondeu:

— Bem, acho que somente estou confusa com essa questão da oração em geral. Por que Ele orava? Por que uma pessoa deveria orar?

Como ela parecia estar fazendo um simples pedido de informação, Matt lhe apresentou a informação.

— Jesus precisava orar pela mesma razão que todas as pessoas também precisam, Jenna, para estar em contato com Deus.

Mais tarde, naquele mesmo dia, Matt acabou topando com Amber:

— Ah, oi — disse ela. — Jenna levou até você a nossa dúvida?

— Você quer dizer, aquela dúvida sobre o porquê de Jesus orar? — perguntou ele.

— Sim — disse ela. — E qual é a resposta?

Supondo que as duas moças tinham a mesma coisa em mente, Matt começou a dizer a Amber a mesma coisa que disse à Jenna. Para a sua surpresa, ela o interrompeu antes mesmo de ele terminar.

— Não — disse ela — Você não entendeu. Eu sei para que serve a oração. O que me intriga é que, se Jesus orou, então, você deve estar errado quando disse que Jesus era Deus. Como Ele poderia orar para si mesmo?!

Só então Matt percebeu que Amber não estava apenas lhe pedindo informações, como foi o caso de Jenna — mas estava lhe colocando uma dúvida intrigante que exigia uma solução!

Assim, ele mudou de estratégia e abordou a questão.

— Deus tem três pessoas, Amber. Você pode dizer que Ele é um único Ente, mas que têm três personalidades. Quando Jesus orava, tratava-se de Deus-Filho conversando com Deus-Pai.

Amber pareceu ter ficado satisfeita.

Você percebeu? As duas moças fizeram uso das mesmas palavras — “Por que Jesus precisava orar?” — mas elas tinham coisas diferentes em mente. Jenna estava fazendo uma pergunta direta, já Amber estava levantando uma objeção. Cada um dos seus amigos precisa receber uma resposta diferente e personalizada.

Às vezes, fica bem claro que o seu amigo está levantando uma objeção, mas o problema é descobrir qual é a objeção! Isso exige o que a Bíblia chama de discernimento. Deixe-me contar outra história para você.

Megan também havia falado de Jesus para dois amigos. O nome de um era Reuben, e do outro, Mark. Ela e Reuben frequentavam a mesma aula de História da Europa. Um dia, depois de ouvir uma preleção sobre os milhões de mortes na Primeira Guerra Mundial, Reuben perguntou a ela:

— Se Deus é bom e poderoso como você diz, como, então, Ele pode permitir tamanho sofrimento?

Megan percebeu imediatamente que Reuben estava levantando uma objeção, e aqui está a resposta que ela deu a ele:

— Reuben, acho que você está tentando dizer que um Deus bom e poderoso não poderia permitir o sofrimento. Porém, o que você acha de a única maneira de evitar com que nos machucássemos uns aos outros fosse retirar de nós o livre-arbítrio? Deus não faria isso. Ele quer ter filhos e filhas e não robôs.

Reuben ficou quieto por alguns instantes e, depois, disse:

— Isso faz sentido, vou pensar a respeito.

Mais tarde, no mesmo dia, Megan encontrou-se com outro amigo seu, Mark, para comerem um hambúrguer. Não demorou muito para eles falarem de religião e adivinhe qual foi o assunto? Mark levantou a mesma objeção que Rúben havia lhe apresentado. Ou, pelo menos, parecia ser o mesmo.

— Megan, você disse que Deus era pleno de bondade e Todo-poderoso. Se isso for verdade, então como Ele poderia permitir o sofrimento?

“Mas que coincidência!”. Pensou Megan, lançando-se imediatamente no seu pequeno discurso sobre o livre-arbítrio. Mark ouviu a tudo o que ela disse, mas no momento em que ela terminou, ele parecia estar furioso.

— Veja só, Megan — disse ele. — O meu pai fugiu com a secretária dele, a minha mãe tem câncer, e não temos notícia do meu irmão viciado em drogas há muitos anos. Eu pergunto a você por que o seu Deus permite o sofrimento, e você me faz uma palestra de filosofia? As suas palavras podem merecer um 10

em algum trabalho, só que na vida real ela simplesmente não faz sentido.

Atordoada, Megan ficou quieta por bastante tempo. Depois olhou bem nos olhos de Mark e disse:

— Perdoe-me Mark, eu não sabia dessas coisas — pausou ela. — Talvez o que você esteja realmente perguntando é como podemos confiar em um Deus que permite que tudo isso aconteça na vida da gente?

Mark simplesmente olhou para ela. Ele não ia deixar aquilo barato. Mas ela prosseguiu, mesmo assim.

— Veja bem, eu não tenho todas as respostas. Eu não sei todas as razões pelas quais o meu Deus permite o sofrimento, mas sei como Ele se sente a respeito. Pois Ele desceu do céu e carregou sobre si o pior dos sofrimentos. Ele morreu por você, Mark.

Mark olhou paralisadamente para ela por 30 segundos ininterruptos. No entanto, ela não conseguia entender o que dizia o seu semblante.

— Bem, talvez — resmungou ele. — Vou pensar nisso.

Você percebeu? À primeira vista, Reuben e Mark estariam expressando a mesma objeção ao cristianismo, só que as suas preocupações fundamentais eram completamente diferentes. A de Reuben era intelectual, e ele precisava de uma resposta intelectual. Já a de Mark era pessoal, e ele precisava de uma resposta pessoal. Por isso, certifique-se de ter compreendido o que o seu amigo está, realmente, dizendo antes de dar a sua resposta. Olhe antes de pular.[1]

As Cortinas de Fumaça

O hábito mais difícil de largar quando conversamos com amigos não cristãos é achar que precisamos levar todas as perguntas e objeções a sério. Mas não é isso que deveríamos mesmo fazer? Num certo sentido, sim. Jamais devemos tratar um amigo de forma desrespeitosa. Só que, num outro sentido, não. Algumas

perguntas e objeções não são feitas para serem levadas a sério. Elas não são perguntas e objeções reais. Tampouco são formas de se chegar à verdade; antes, são formas de escondê-la. São o que chamamos de cortina de fumaça.

Quando alguém apresenta uma pergunta verdadeira, você deve responder. Se alguém levanta uma objeção real, você deve tentar resolver a questão que intriga a pessoa. Porém, se a pessoa levanta uma cortina de fumaça, você deve soprá-la para longe — se isso for possível. Deixe mostrar a você o que quero dizer.

Uma maneira de dispersar a cortina de fumaça é devolvendo a pergunta imediatamente ao inquiridor.

— De qualquer forma a moral é relativa — disse Josh. — Como poderemos saber se matar outra pessoa é mesmo errado?

Essa pergunta era uma cortina de fumaça, e Frank sabia disso. Todo ser humano vivo sabe que o assassinato é errado — alguns, simplesmente, fingem que não sabem.

Dessa forma, Frank perguntou:

— Você tem alguma dúvida genuína de que o assassinato de uma pessoa seja mesmo errado?

A primeira resposta de Josh foi evasiva:

— Muitas pessoas poderiam dizer que não há problema nisso.

— Só que eu não estou perguntando às outras pessoas — pressionou Frank. — Neste momento, você tem alguma dúvida de que o assassinato é considerado errado para todas as pessoas?

Houve um grande silêncio.

— Não — admitiu Josh.

— Muito bom — respondeu Frank. — Então, não precisamos perder tempo falando nesta questão de a moral ser relativa. Vamos falar de algo que realmente desperte dúvida em você.

Passaram-se alguns momentos, e Josh percebeu que a sua cortina de fumaça, a sua “proteção,” tinha sido dispersa — ele, então, concordou.

Outra forma de dispersar uma cortina de fumaça é o que eu chamo de playback.

— Você fez várias perguntas — disse eu a um jovem amigo. — E você percebeu que existe um padrão na sua conversa?

— Como assim? — perguntou ele.

— Quero dizer — falei eu — que você interrompeu cada uma das minhas respostas fazendo uma outra pergunta de uma outra perspectiva.

Ele pensou a respeito.

— É... acho que fiz isso — disse ele. — Mas por que eu faço isso?

— Poderia me dizer o porquê disso? — contestei.

— Acho que porque eu não quero ouvir as suas respostas — ele contrapôs.

— Tudo bem, então — disse eu — Que tal falarmos sobre o motivo de você se recusar a ouvir as minhas respostas?

Por fim, ele parou de fazer joguinhos, e a nossa conversa começou a ganhar um rumo.

Uma terceira abordagem é segurar um espelho. Jeff tinha dezenas de objeções às posições cristãs de Rachel. Toda vez que Rachel conseguia superar uma objeção, Jeff era rápido em levantar outra. Não demorou para que Rachel percebesse que Jeff estava, simplesmente, levantando uma cortina de fumaça — que Jeff pode ter pensado que levava a sério as respostas de Rachel, quando, de fato, não levava.

— Diga-me uma coisa — perguntou Rachel. — Suponhamos que eu tire algumas semanas para ficar respondendo cada uma das suas objeções a ponto de você ficar completamente satisfeito no seu intelecto.

— Ok — disse Jeff. — Aceito a suposição.

— Muito bem — disse Rachel. — Nesse caso, você se converteria ao cristianismo?

O rosto de Jeff ficou perplexo quando ele percebeu que a sua resposta era “não”. Por que levantar todas aquelas belas objeções se elas não eram as verdadeiras razões para a sua rejeição de Jesus? Jeff, simplesmente, não queria saber de Jesus. Mesmo ele estando ainda longe de aceitar Jesus como seu Senhor e Salvador, a partir daquele momento ele avançou, pois, finalmente, começou a ser honesto consigo mesmo.

Todavia, nem toda cortina de fumaça poderá ser dispersa. Se o seu amigo não parar de fazer fumaça, é melhor deixá-lo em paz. Dê tempo a ele. Talvez ele se reaproxime de você algum dia ou talvez não — deixe-o com Deus. Não estou dizendo que você não poderá ser seu amigo — estou dizendo que você precisará ser realista. Por ora, pare de falar com ele sobre Jesus. E isso não é só um conselho meu — é um mandamento de Deus. Jesus disse: “ Não deis aos cães as coisas santas, nem deiteis aos porcos as vossas pérolas; para que não as pisem e, voltando-se, vos despedacem” (Mt 7.6).

COMO LIDAR COM CONFLITOS ACERCA DO ESTILO DE VIDA

Até o momento, neste capítulo que trata de como testemunhar aos não cristãos, nós nos concentramos na forma como eles pensam. Só que também pode ser complicado conversar com eles em função da forma como eles vivem, não é mesmo? As diferenças de estilo de vida causam problemas em, no mínimo, quatro formas diferentes.

1. A escassez de atividades que vocês possam fazer em conjunto. Todos os amigos têm algo em comum. As amizades mais fortes são baseadas na fé compartilhada no Senhor ressurreto. Como você ainda não compartilhou a sua fé com os seus amigos não cristãos, as suas amizades, provavelmente, serão baseadas em atividades que vocês apreciam. Você pode correr com Jason, assistir filmes com Kristin e brincar em computadores com Luís. O problema é que assim como as atividades em conjunto podem unir você aos amigos, as atividades que você não pode compartilhar com eles podem dividir vocês. Liz gosta de ficar bêbada, Tony passa muito tempo usando drogas e Renaldo vive na rua atrás de mulheres. Você não pode tomar parte nesas atividades porque elas entristecem o Espírito Santo. O que você faz, então?

Uma das coisas que você pode fazer é convidar os seus conhecidos para participarem junto nas suas atividades. Que tal uma reunião festiva para assistir a uma partida de futebol na sua casa? Que tal ir à igreja? Você tem entradas para um concerto ou para algum evento esportivo? Convide Liz, Tony e Renaldo para se juntar a você. Só que você também precisa aceitar o fato de que o seu relacionamento com os colegas não cristãos podem continuar limitados. Nem todos estarão interessados nos seus convites. Com algumas pessoas você, talvez, jamais compartilhe nada além das atividades nas quais vocês, inicialmente, conheceram-se — mesmo que seja somente uma conversa durante os intervalos no local onde vocês dois trabalham em meio período. Faça o que puder, com o que tiver à mão.

2. Exigências que você não pode atender. De tempos em tempos, os seus amigos não cristãos podem exigir coisas, que você não poderá atender. O mais comum é que peçam a você que faça coisa que não pode fazer, aprove algo que não pode

aprovar ou permita algo que você não possa permitir. Por exemplo, Keesha pode ficar furiosa porque você não quer dormir com ela, Katie pode chamá-lo de fanático porque você não concorda que “ser gay é bom,” e Brandon pode incomodá-lo muito por você não o deixar “se chapar” na sua festa.

As orientações básicas para lidar com esses problemas são: não discuta, não se desculpe, não ceda e não caia em armadilhas.

“Não Discutir” significa que você não entrará em bate-bocas, gritarias ou debates.

“Não se Desculpar” significa que você não se sentirá culpado, nem dará desculpas por se recusar a fazer o que sabe ser errado.

“Não ceder” significa demarcar o seu território sem titubear, nem mudar de ideia.

“Não cair em armadilhas” significa evitar situações nas quais você pode ser tentado a cair.

Esta última orientação pode precisar de algumas explicações. Que tipos de situações poderiam representar perigosas tentações para você? Voltemos a usar Keesha como exemplo. Se você souber que ela sente desejo por você, a primeira coisa a fazer é evitar beijá-la. Não diga a si mesmo: “Vou parar antes de ir longe demais,” simplesmente nem comece nada. Na verdade, você nem deve ficar sozinho com uma pessoa assim. Quem você pensa que é? O Homem de Aço? Outra armadilha na qual você precisa fugir é pensar que pode “bancar o conselheiro” quando ela começar a contar a sua história de vida e lamentar-se, aos prantos, porque ninguém jamais gostou dela. Primeiramente, é bom que você saiba que não recebeu treinamento para ser um conselheiro. Em segundo lugar, ela é uma pessoa do sexo oposto. O que você chama de “compaixão” pode ser somente os seus hormônios agindo de forma disfarçada.

3. Os outros amigos do seu amigo. Às vezes, os problemas não surgem dos conflitos entre o seu estilo de vida e o estilo de vida do seu amigo, mas de conflitos com o estilo de vida das pessoas que fazem parte do círculo de amizade do seu amigo. Por exemplo, talvez Brandon não use drogas, mas os seus companheiros de quarto vivem “chapados”. Esse problema até que não é difícil de se resolver porque você nem precisa frequentar os aposentos de Brandon. Vá ao cinema com ele, vão brincar de arremesso de argola — enfim, descubram

algum outro lugar para passar tempo juntos.

Um caso mais complicado é quando os “amigos do seu amigo” querem ficar junto com vocês. Ainda mais complicado é quando eles tentam provocar divisões entre vocês dois. Porém, o extremo da complicação é quando eles tentam não desgrudar de vocês e também tentam provocar divisões. Isso torna a própria amizade de vocês impossível, e será preciso que você manifeste, neste caso. Se o seu amigo estiver disposto a conversar sobre o problema, tudo bem — mas se não estiver, procure outro amigo.

4. Perigos físicos e espirituais. Algumas pessoas são, simplesmente, muito perigosas. A sua obrigação de dar testemunho de Cristo não significa que você precisa sair com pessoas que podem molestá-lo de forma física ou espiritual. Não pense que pessoas perigosas não existe nos campi, tampouco que você poderá tornar essas pessoas menos perigosas, nem que você, de alguma forma, está imune ao perigo — simplesmente, afaste-se deste tipo de pessoa. Dentre as pessoas a se evitar, estão àquelas propensas a atos violentos, pessoas envolvidas com atividades criminosas, pessoas que frequentam seitas satânicas e pessoas que poderiam colocar você em apuros. Caso você já tenha relacionamentos desse tipo, rompa-os imediatamente. Você nem precisa se explicar, simplesmente caia fora! Isso não significa que Cristo não deseje alcançá-los, mas, simplesmente que você não está preparado para a tarefa. Deixe esse tipo de pessoa para ministros e conselheiros especialmente treinados.

QUEM INFLUENCIA QUEM

O meu último conselho é este: Lembre-se a quem você pertence! Por favor, perceba que eu não disse quem você é, mas a quem você pertence. Você pertence a Jesus Cristo. Deus quer usar você para alcançar os seus amigos não cristãos — mas Satanás também quer usar os seus amigos não cristãos para alcançar você. Não permita que ele vire a mesa.

Satanás tentará virar a mesa contra você, ao fazê-lo se sentir constrangido por causa da sua fé — fazendo-o pensar que está agindo de forma infantil ou intolerante. Outra maneira é afastando-lo dos seus irmãos na fé — fazendo com que você sinta "que a sua turma" não são as pessoas que adoram o mesmo Senhor, mas, sim, aqueles que frequentam o mesmo clube ou têm a mesma cor de pele. Outra maneira, ainda, é enfraquecê-lo nas suas disciplinas e tragá-lo para o pecado — especialmente para pecados envolventes e viciantes como a bebida, as drogas ou o sexo. Essa estratégia é uma das favoritas do Inimigo, porque poucos de nós, seres humanos, duvidamos de Deus e depois começamos a pecar. A maioria de nós começa a pecar e, depois, passa a duvidar de Deus.

Satanás pode usar os seus amigos não cristãos de todas essas maneiras para tocá-lo. Deus quer que você os contagie, mas o Inimigo quer que eles o contagiem. Portanto, lembre-se: Você pode ter amigos que não partilham da sua fé, porém as suas amizades mais íntimas devem estar entre os seus irmãos e irmãs em Cristo. Ande com os santos. Frequente o ambiente de pessoas tementes a Deus. Passe tempo com os salvos. Saiba quem é a sua família de verdade — aquela na qual o Pai é Deus.

MITOS DO *CAMPUS*



5

MITOS ACERCA DA BUSCA PELO CONHECIMENTO

UMA “BATATA QUENTE”

A verdade é quente e assustadora. A verdade a respeito de Deus é a mais quente de todas. Ela assusta tanto algumas pessoas que elas chegam a ponto de desistir de procurá-la. Certa vez, num curso sobre os “grandes livros,” os meus alunos estavam debatendo sobre o grande pensador medieval Tomás de Aquino. Tomás era cristão, e alguns dos estudantes ficaram interessados naquilo que ele cria a respeito de Deus. À medida que os alunos expunham as posições Aquino, um jovem foi ficando cada vez mais agitado. Até que, a certa altura aquele moço disse: “Isto não está me ajudando em nada”, e pediu se poderia, simplesmente, pegar a tarefa e sair da sala. Obviamente, eu disse que sim.

Posteriormente, ele visitou o meu gabinete e descobri qual era o seu problema. Ele me disse que não estava interessado na verdade — que a única coisa com a qual se preocupava era o que tinha valor prático imediato para ele. A busca pela verdade acerca de Deus não lhe parecia em nada prático porque caso ele descobrisse a verdade, o seu mundo poderia virar completamente de ponta a cabeça.

Ou, seria o caso, do mundo daquele aluno já estar de ponta a cabeça e ser colocado de pé, na posição correta?

DIRETO AO PONTO

No campus universitário, você encontrará dezenas de mitos a respeito da busca pela verdade, porém a maioria deles serão variações dos pontos que analisaremos aqui. Por conveniência eu os dividi em Mitos Gerais (aqueles que você poderia ouvir de, praticamente, todas as pessoas), os Mitos do Ceticismo (aqueles que você ouvirá das pessoas que ficam desesperadas quando encontram qualquer forma de verdade), e os Mitos do Relativismo (aqueles que você ouvirá das pessoas que acreditam que cada um de nós tem a verdade, mas que a sua verdade pode ser diferente da minha).

Rótulos como “cético” e “relativista” entram e saem de moda, e outros rótulos acabam tomando o seu lugar. Por exemplo, algumas pessoas podem dizer a você que não são céticas, mas “pós-modernistas’’ ou que não são relativistas, mas simplesmente “multiculturalistas”. Não se preocupe com isso. Preste atenção ao que elas dizem e não no nome que dão a si mesmas. Peça-lhes para deixar de lado os jargões e dizer a você de forma clara o que elas pensam.

MITOS GERAIS

Mito Número Um: Pensar que você conhece a verdade é arrogância ou intolerância da sua parte.

O seu professor de História acabou de dar uma aula sobre as religiões do mundo. Enquanto você está guardando os seus livros para deixar a sala de aula, um colega de turma diz a você:

“Eu imagino todos os caminhos que levam a Deus como igualmente bons, você não acha também?”.

Você responde: —“Não, acredito que a Bíblia está correta quando ela fala que só existe um caminho”.

Intrigado, o seu colega de turma diz: —“Então, quem colocou você na posição de Deus?”.

Enquanto segue com as suas atividades ao longo do dia, você acaba considerando se o seu amigo não estava mesmo certo. Não seria arrogância da sua parte pensar que você conhece a verdade a respeito de alguma coisa?

Todavia, por que alguém pensaria que é? Por acaso, eu sei que a maionese servida no Restaurante Universitário está estraga, pois vi que as três últimas pessoas que a comeram ficaram doentes depois de tê-la consumido. Você me chamaria de arrogante se eu avisasse às outras pessoas sobre o problema? Por acaso, eu sei que a Biblioteca Pública fica nessa determinada direção, mas o motorista que acabou de me pedir instruções seguiu para o outro lado. Você me chamaria de intolerante se eu lhe sugerisse que desse meia-volta? É claro que não! Portanto, por que com as coisas que você acabou de dizer seria diferente? Para mim, isso seria um sinal de bastante humildade. Você nem mesmo alegou autoridade pessoal, porque você deu os créditos do que disse à Bíblia .

As pessoas que chamam os cristãos de intolerantes têm uma resposta para isso. Elas dizem: “Estamos falando de uma questão de opinião”. “Comida estragada e direções numa estrada são questões de fato.” E é óbvio que se trata de questões de fato. A maionese realmente está estragada, e a Biblioteca Municipal realmente fica na outra direção. Todavia, isso não significa que essas também não sejam questão de opinião! Afinal de contas, as pessoas podem ter opiniões diferentes acerca da natureza específica dos fatos.

Diferenças de opinião surgem até mesmo no mundo científico. O paleontologista Stephen Jay Gould é da opinião que a evolução darwiniana é um fato; já o bioquímico Michael J. Behe é da opinião que ela não é. Cada cientista afirma estar correto, cada cientista afirma que o outro está errado. Será que isso o torna arrogante ou intolerante? Não! Contanto que ele apresente evidências acerca do que acredita, ouça as evidências apresentadas pelos seus oponentes e não tente calá-los. É assim que se supõe que a Ciência funciona.

Portanto, o que dá força ao mito segundo o qual “deter a verdade é intolerante”? A sua força vem de uma representação — e não de uma fotografia ou quadro pintado, mas, sim, de uma imagem que as pessoas têm em mente. Nesta representação, um homem está sendo queimado em praça pública amarrado a um poste. Ele está na fogueira porque outras pessoas, que afirmam serem as detentoras da verdade, estão furiosas com esse homem por afirmarem que ele não está com a verdade.

Sim, essa á uma imagem terrível. Concordo que o que ela mostra jamais deveria ser repetido. Só que na minha mente tenho uma outra imagem. Na minha mente, um homem está sendo queimado em praça pública por uma razão completamente diferente. Ele está lá na fogueira porque outras pessoas, que afirmam não existir qualquer forma de verdade, estão furiosas justamente por ele afirmar que a verdade existe.

Você sabe do que estou falando? Pessoas duvidosas podem ser tão intolerantes quanto as crédulas — e se você não acredita no que estou falando neste momento, certamente, fá-lo-á depois de passar um tempo em um curso superior. Na verdade, o companheiro de turma imaginário acima mencionado que chamou você de intolerante não teria sido, ele mesmo, um tanto intolerante? Ele apresentou evidências acerca do que ele pensa? Ele ouviu às suas evidências? Ou teria ele, simplesmente, tentado calar você?

O apóstolo Pedro afirma: “[...] Estai sempre preparados para responder com mansidão e temor a qualquer que vos pedir a razão da esperança que há em vós, tendo uma boa consciência, para que, naquilo em que falam mal de vós, como de malfeitores, fiquem confundidos os que blasfemam do vosso bom procedimento em Cristo (1 Pe 3.15, 16). A arrogância não vem da nossa firmeza na convicção acerca da verdade, mas, sim, de termos as convicções erradas a respeito de como tratar as pessoas que não compartilham da verdade com você. A humildade não vem da nossa firmeza em qualquer convicção, mas de termos as convicções certas a respeito da importância da gentileza e do respeito.

Mito Número Dois: O importante na vida não é termos a verdade, mas a busca por ela.

É mais provável que você ouça esse mito específico de professores exaustos, do que de outros estudantes. Você também poderá encontrá-lo em livros. Por exemplo, um filósofo famoso sugeriu que a boa vida é uma vida passada na busca da boa vida. Não desejo faltar com o respeito para com esse homem, pois eu mesmo aprendi algumas coisas com as suas obras. Todavia, você percebe algo estranho aqui? Ele está argumentando em círculos. Por um lado, ele diz que já conhece o que é a boa vida — é a vida gasta na busca da boa vida. Porém, se ele já sabe o que é a boa vida, não precisa mais buscá-la, não é mesmo? Por outro lado, se ele ainda continua em busca da boa vida, ele, de fato, ainda não sabe o que ela é. E, se ele ainda não sabe o que ela é, não tem nada que se meter a nos dizer que sabe, correto?

Você ouviria, mesmo que por alguns momentos, a uma pessoa que tentasse dizer a você que o comichão é melhor do que a coceira, que ter fome é melhor do que comer, e que buscar amigos é melhor do que tê-los? Não? Então, por que alguém acreditaria que é melhor buscar a verdade do que encontrá-la? Por que esse desejo e essa busca seriam melhores do que outras buscas?

Sabe o que tenho em mente? Creio que Deus nos deu duas formas diferentes de desejo pela verdade: um desejo pela verdade com um v minúsculo, e outro pela verdade com V maiúsculo. A verdade com o v minúsculo é o conhecimento abstrato. O desejo por este tipo de verdade é satisfeito quando conhecemos

coisas como as que tornam um grande poema belo, o que as estrelas realmente são, como as plantas e os animais são formados, e quantos deuses existem. Essa verdade, é um bom conhecimento, parte dela, inclusive, é conhecimento crucial, todavia é o tipo de conhecimento que podemos registrar em um quadro negro.

Porém, a Verdade com “V” maiúsculo é algo completamente diferente. Ela é o próprio Deus em pessoa. O desejo por essa Verdade somente pode ser satisfeito pelo conhecimento pessoal, conhecimento vivo — o maior conhecimento, porém a forma de conhecimento que somente conseguimos adquirir por intermédio de um relacionamento com Deus.

Alguns professores e eruditos chegam à exaustão porque confundem os dois desejos. Eles tentam satisfazer o seu desejo ardente pela Verdade, com V maiúsculo, simplesmente acumulando cada vez mais verdade com v minúsculo. O problema é que embora a verdade tenha a sua própria satisfação, ela não poderá conceder a você a satisfação da Verdade. Confundir os dois desejos é como tentar aliviar uma comichão comendo um hambúrguer! Se você continuar pedindo a verdade coisas que somente a Verdade poderá lhe dar, a certa altura ela não poderá mais lhe dar nem mesmo o que ela lhe deu anteriormente. A única doçura que restará a você é a doçura da memória da própria busca. Então, você dirá a si mesmo: “Agora entendo. O importante na vida não é termos a verdade, mas o desejo ardente e a busca por ela.”

E, depois, você dirá isso aos seus alunos. Aos seus amigos. Depois, escreverá livros com isso. Só que tudo estará errado. Tenha compaixão dos seus professores exaustos, mas não repita os seus erros.

Mito Número Três: A fé atrapalha a busca pela verdade porque ela se coloca no caminho da racionalidade.

Esse mito existe há séculos, e está profundamente arraigado na forma com que as pessoas que frequentam as universidades pensam. Alguns estudantes já começam a ficar incomodados tão logo descobrem que você é cristão. A primeira coisa que fazem é tentar dar a você algumas aulas de História. — Achei que nós já tínhamos escapado da Idade das Trevas — dizem eles em tom de

repreensão. — Será que não houve um pequeno acontecimento chamado de Iluminismo?

Todavia, vejamos o ponto principal a ser compreendido. Afirmar que a fé se coloca no caminho da racionalidade suscita alguns fatos na mente dessas pessoas, afinal a própria racionalidade depende da fé. Sim, você ouviu bem! A própria racionalidade depende da fé. Você percebe o porquê? Imagine que alguém diz a você: “Toda racionalidade é besteira”. Ele está, obviamente, errado, mas você é capaz de provar isso? E sabe de uma coisa? Você não conseguirá provar! A única forma de se provar que a racionalidade não é uma bobagem seria fazendo uso da própria racionalidade. Todavia, neste caso, o seu argumento seria circular — e uma das regras da boa racionalidade é que os argumentos circulares não provam nada! Portanto, como saber se a racionalidade não é mesmo uma bobagem? Para isso, nós fazemos uso da confiança. E confiança é somente outra palavra para nos referirmos à fé.

A racionalidade depende de confiarmos, do exercício da fé, também de outras formas. Como você sabe que a lua é feita de rocha, e não de queijo? Você vai dizer que as pessoas já estiveram lá e descobriram isso. Porém, você foi junto daquelas pessoas para ter certeza de que elas estiveram mesmo lá? Obviamente, não! Você, simplesmente, confia que eles estão falando a verdade. E isso também é fé.

Se você tiver inclinações científicas, talvez acrescente que a lua não reflete a luz da mesma forma que um queijo. Todavia, você se deu ao trabalho de comparar, sozinho, a diferença de reflexo da luz em uma rocha e em um queijo? É claro que não! Você simplesmente confia que alguém já fez isso? E isto também é fé.

E se eu especulasse que, na superfície lunar, o queijo reflete a luz da mesma forma que a rocha reflete a luz na terra, e a rocha reflete a luz da mesma forma que o queijo reflete aqui na Terra? Talvez você responderá dizendo que as leis da física não mudam de lugar para lugar. Porém, você já verificou em todos os lugares do Universo se elas funcionam mesmo para ter certeza do que está dizendo? É claro que não! Você simplesmente confia que a natureza não nos ludibria. E isso também é fé.

Não estou querendo dizer que todas as formas de fé são verdadeiras — simplesmente digo que não podemos usar a racionalidade sem fazer uso da fé. A verdade pura e simples é que se você não tiver, pelo menos, certa dose de fé, não

poderá fazer o menor dos raciocínios. Se você não tiver, pelo menos, uma dose de fé, nem poderá decidir do que deve duvidar. Você precisa acreditar em alguma coisa, para que possa conhecer algo. Até mesmo os ateus exercem fé. Eles assumem por pressuposto que a matéria é tudo o que existe. Eu considero que isso é um erro — mas isso é fé.

Portanto, o uso da fé é algo que está completamente fora de questão. Todos exercem fé em alguma coisa — seja em Deus ou em algo qualquer. A única questão real é que forma de fé a pessoa tem. A forma errônea acabará estorvando a sua busca pela verdade, mas a forma correta a auxiliará.[1]

MITOS DO CETICISMO

Mito Número Quatro: Não existe verdade.

Não tenho certeza do porquê de tantos estudantes repetirem esse mito, afinal de contas não é preciso muito esforço para demoli-lo. Vejamos como ele pode ser explodido. Quando um companheiro de turma disser: “Não existe verdade” — simplesmente pergunte a ele: “Ah, mas isso é verdade mesmo?”.

Você percebe como funciona? Se ele responder: “Claro que é verdade, eu disse isso, não disse?” — você dirá: “Então você está admitindo que existe verdade. Então, por que está negando que ela existe?”. Porém, se ele responder: “É claro que não é verdade, porque não existe verdade” — então você dirá: “Bem, se não é verdade que não existe verdade, então é verdade que a verdade existe! Então, por que você não confessa isso de uma vez?”. De uma forma ou de outra você o pegou. O seu amigo ficará como uma daquelas personagens de desenho animado que paira no ar por alguns instantes para, depois, cair de um penhasco, porque ainda não percebeu que não há nada para mantê-lo suspenso no ar.

Na maioria das vezes, quando os estudantes dizem: “Não existe verdade”, eles, de fato, não estão querendo dizer exatamente isso. Normalmente, o que eles estão tentando dizer é que a vida não tem significado nem propósito. A maioria dos estudantes se sente assim, em alguns momentos, especialmente quando as coisas vão mal. A universidade pode ser um local amistoso e estimulante, mas também pode ser um ambiente solitário e desanimador.

Os sentimentos não podem ser desconsiderados, todavia eles podem nos induzir ao erro. Se você sentir que a vida não tem sentido, pergunte-se: “O que poderia dar sentido à minha vida?”.

Deus não poderia?

Você diz que Ele poderia?

Então, como você sabe que Ele não deu esse sentido?

Mito Número Cinco: Talvez a verdade exista, mas não conseguimos encontrá-la.

Nós já não vimos isso anteriormente? Bem, lá vamos nós novamente. Afirmar que não podemos encontrar a verdade é tão insensato quanto afirmar que não existe verdade a ser encontrada. Se alguém disser a você: “Nós não podemos encontrar a verdade” — pergunte a essa pessoa: “Ah, isso é verdade mesmo?”. Talvez essa pessoa responda a você: “Aleluia, irmão! É assim que as coisas são!”. Neste caso, você dirá: “Se você pensa que encontrou essa verdade, então porque acha que eu não posso encontrar a minha verdade?”. Só que ele poderá responder: “Como eu poderia saber se o que eu disse é verdade? Você não ouviu o que eu disse?”. Neste caso, você dirá: “Se você não sabe se a verdade pode ser encontrada, então, talvez, ela possa ser encontrada — então, por que motivos eu deveria dar ouvidos a você?”. De uma forma ou de outra você o pegou.

Assim como a maioria das pessoas não tem a intenção real de dizer que não existe verdade, a maioria das pessoas também não tem essa intenção quando dizem que ela existe e não pode ser encontrada. Normalmente, o que elas estão querendo dizer é que a verdade não pode ser encontrada com certeza — que, independentemente do que uma pessoa pense, outra pessoa poderá sempre duvidar daquilo. Isso é verdade, mas, então, qual o problema nisso?

Nem todas as dúvidas são razoáveis, e algumas são absolutamente ridículas. “Acho que estou lendo um livro, mas talvez eu esteja apenas tendo uma alucinação, por isso não me importarei em terminar este capítulo.” Essa afirmação parece razoável a você? “Acho que tenho uma filha, mas, talvez, eu e ela não passemos de personagens de um romance escrito por outra pessoa, por isso acho que não preciso apanhá-la na escola.” Será que isso faz sentido?

Nossas vidas não podem se basear em coisas que não se possa duvidar, mas naquilo que temos as melhores razões para acreditar. Todos os outros caminhos levam à insanidade.

Mito Número Seis: Talvez possamos descobrir a verdade, em certa medida, mas não as coisas mais elevadas e mais importantes.

Quando são pressionadas, pouquíssimas pessoas admitem que não conseguem descobrir nenhum tipo de verdade. Por exemplo, não são muitas as pessoas que consideram impossível descobrir quanto custa um jornal numa banca de revistas, nem em saber se um pescado está fresco. As pessoas que afirmam ser impossível encontrar a verdade, normalmente, estão se referindo a verdades maiores e mais importantes — verdades como o certo e o errado, ou como Deus é, de fato. Essas pequenas verdades eles pensam que podem encontrar; são as grandes verdades que eles consideram ser impossíveis de serem encontradas. Ora, isso suscita uma questão interessante. Os grandes elefantes não são mais difíceis de encontrar do que os camundongos. As grandes mentiras não são mais difíceis de encontrar do que as mentirinhas. Então, por que as grandes verdades seriam mais complicadas de se encontrar do que as pequenas verdades?

Eu não penso que elas sejam. Na verdade, penso que algumas das verdades supremas são as mais fáceis de serem encontradas, porque Deus nos providenciou auxílio para isso. Que tal começarmos com a primeira de duas coisas sublimes que acabei de mencionar: o que é certo e o que é errado. Você se lembra do relato a seguir, que passamos no capítulo 4?

Dessa forma, Frank perguntou: "Você tem alguma dúvida genuína de que o assassinato de uma pessoa seja mesmo errado?".

A primeira resposta de Josh foi evasiva: "Muitas pessoas poderiam dizer que não há problema nisso".

"Só que eu não estou perguntando às outras pessoas" — pressionou Frank.

“Neste momento, você tem alguma dúvida de que o assassinato é considerado errado para todas as pessoas?”

Houve um grande silêncio. — Não — admitiu Josh.

— Muito bom — respondeu Frank. — Então não precisamos perder tempo falando nesta questão da moral ser relativa. Vamos falar de algo que realmente desperte dúvida em você. Passaram-se alguns momentos e Josh percebeu que a sua cortina de fumaça, a sua “proteção,” tinha sido dispersa — ele, então, concordou.

Embora eu não tenha mencionado para você na primeira vez que você leu a história, esse relato representa uma situação verídica. “Josh” era um aluno e “Frank” era um colega meu de magistério. Você percebeu que “Frank” conhecia o que Paulo ensina em “Romanos 2.14, 15: Deus escreveu o básico da Lei Moral no coração humano; portanto, mesmo que digamos a nós mesmos que não as conhecemos, na verdade, conhecemo-las. Alguns versículos antes, em Romanos 1.18-20, Paulo afirma que o mesmo ocorre com a segunda grande verdade que mencionei acima — as informações básicas a respeito de como Deus são fato. No mais íntimo, quando as pessoas olham para as coisas que Deus criou, elas reconhecem a sua assinatura. Quando elas olham para o mundo natural, elas não têm outra saída senão reconhecer que ele foi feito por um Deus poderoso, eterno e invisível. Isso não é tudo o que elas precisam para a salvação, mas já é um indício grandioso para tal. O problema é que elas se apegam ao seu conhecimento próprio. Lembro-me do quão frustrado eu ficava, como ateu, por ficar grato pela vida mesmo sabendo que eu estava determinado a crer que não havia ninguém a quem eu devesse gratidão por ela. Eu me apegava ao meu ateísmo não por causa das evidências, mas apesar delas.

“Espere um momento” — diz o cético. “Onde você quer chegar quando chama as suas intuições de evidências? Admito que podemos apresentar evidências sobre questões quotidianas como, por exemplo, afirmar que a maionese está estragada, bem como sobre a evolução de Darwin ser mesmo um fato — nós já tratamos deste assunto anteriormente. Todavia não se pode apresentar sobre

questões morais ou religiosas. E a razão é simples: Elas não existem.”

Será mesmo que não existem? Que tal testarmos essa afirmação? O que dizer da questão moral do aborto realmente destruir uma vida humana inigualável? Bebês ainda não nascidos crescem e se desenvolvem, o seu DNA é diferente do DNA da sua mãe e do seu pai, e se trata de DNA humano, não de cães ou macacos. Eu chamaria isso uma evidência de uma vida humana única — você não chamaria?

E o que dizer da questão religiosa sobre Jesus ser realmente Deus? O homem que afirma isso deve ser um lunático, um infame, ou o próprio Deus; só que Jesus não falava, nem agia como um lunático, nem como infame. Eu defenderia as evidências para a terceira alternativa. Que alternativa nos resta?

Existem evidências de sobra acerca das verdades elevadas. Os céticos, simplesmente, recusam-se a levá-las em conta.

MITOS DO RELATIVISMO

Mito Número Sete: A verdade é qualquer coisa no que você acredite com sinceridade.

Você é capaz de tornar algo verdadeiro somente pensando que aquilo é verdadeiro? Que poder magnífico! Se você acreditar sinceramente que você é uma grande garrafa de refrigerante, será mesmo que você será uma? Se você crer sinceramente que cebolas fritas são, na verdade, batatas fritas; será mesmo que as cebolas passam a ser batatas fritas? Neste caso, você deve ser um ilusionista poderoso. E eu gostaria de conhecer você, isto é, se ninguém bebê-lo antes disso!

Agora, vejamos algo estranho. Fora das clínicas psiquiátricas, ninguém dedica muita atenção ao truque segundo a qual “a verdade seria qualquer coisa em que você decida acreditar com sinceridade” quando o assunto é refrigerante ou batatas fritas, todavia, muitos estudantes se deixam levar por esse truque, quando passamos às verdades supremas e importantes das quais falávamos há alguns minutos. Deixe-me contar uma coisa para você: se a sua magia não funciona nem com refrigerante e batatas fritas, pode ter certeza de que ela não funcionará em questões que envolvem assuntos como “o certo e o errado” e “Deus”!

O fato de nós não sermos ilusionistas não é o único problema com o mito da sinceridade. Outro problema é que ele leva a inconsistências. Você afirma com sinceridade que a janela está aberta, e eu digo, também com sinceridade, que ela não está. Se você estiver correto, eu estarei errado; e se eu estiver correto, você estará errado. A sinceridade não poderá mudar o fato. Só que o mito da sinceridade afirma que isto é possível! Ela afirma que se nós dois formos sinceros, ambos devemos estar corretos. Você está certo, logo, a janela está aberta; mas eu também estou certo, logo, ela não está aberta. Alguns “sinceristas” tentam fugir de imbróglios como esse fazendo uso das expressões “para mim” e “para você”. Obviamente, afirmar que a janela está aberta para você, mas fechada para mim não nos ajuda muito. Se ela estiver aberta, ela estará aberta para nós dois, e se ela estiver fechada, estará fechada para nós dois

também. Todavia os “sinceristas” não desperdiçam as expressões para mim e para você em coisas tão insignificantes como janelas. Como vimos anteriormente, eles guardam o seu mito para as verdades supremas como o “certo e o errado” e “Deus”.

Vejamos um exemplo do que estou querendo dizer. Dois “sinceristas” estão almoçando juntos. O primeiro diz: “Acredito sinceramente que Deus é o meu ego interior,” e o segundo responde: “Acredito sinceramente que Deus é um atum”. O primeiro retruca: “Então, ‘Deus ser um atum’ é verdadeiro para você, mas ‘Deus ser o meu ego interior’ é verdade para mim. E ambos concordaram alegremente. Mais tarde, aqueles mesmos dois sinceristas se reuniram para o jantar. O primeiro diz: “Acredito sinceramente que o infanticídio é correto” — e o segundo responde: “Acredito sinceramente que o infanticídio é errado”. O primeiro, então, retruca: “Então, o ‘infanticídio ser errado’ é verdade para você, mas o ‘infanticídio ser correto’ é verdade para mim. Ambos deram um sorrido e foram comer as suas saladas”.

Estou parecendo tolo, mas não tão tolo quanto você imagina. É claro que ninguém no campus universitário considera que Deus seja um atum, mas muitos estudantes pensam que Deus é o seu ego interior e consideram que a sua sinceridade é suficiente para tornar esta afirmação verdadeira. Quanto ao infanticídio — você ficaria surpreso ao descobrir quantas pessoas no campus consideram que um bebê ainda não nascido não é humano, a menos que a sua mãe acredite sinceramente nisso. Se a sinceridade da sua crença pudesse fazer toda essa diferença no caso de bebês ainda não nascidos, por que ela não poderia também no caso de bebês já nascidos? Na verdade, algumas pessoas pró-abortistas já pensam dessa forma. O bioquímico James Watson acredita sinceramente que os bebês não deveriam ser considerados vivos antes de três dias depois do parto.[2] Algumas pessoas têm sugerido, com sinceridade, que três dias são muito pouco — elas preferem prorrogar este prazo para trinta dias.[3]

O problema é que a sinceridade não torna nada verdadeiro, tampouco torna algo verdadeiro somente para você. Na verdade, não existe uma verdade que seja somente para você. A verdade é para todos. Nós somente precisamos compartilhar dela.[4]

Mito Número Oito: A verdade é qualquer coisa que as pessoas aceitem — ou

qualquer coisa que você as fizer engolir.

Esse mito assume muitos disfarces. Se você é cristão, talvez algum companheiro de turma zombe das suas crenças, chamando-as de antiquadas, arcaicas ou obsoletas. O que ele quer dizer é: “As pessoas deste lugar não aceitam mais estas coisas, e isso é tudo o que se precisa para torná-las falsas”. Objetivamente falando, essa alegação é ridícula. Obviamente, é por isso que ele não utiliza palavras objetivas.

Os seus professores podem revestir-se deste mito em roupagem ainda mais sofisticada. Nas aulas de Ciências Políticas você poderá ouvir sobre “Comunitarianismo”. Essa é a visão de que não existe qualquer padrão para a verdade que não seja aquele aceito pela sua comunidade. Nas aulas de Sociologia você poderá ouvir sobre a “construção social da realidade”. Essa é a ideia de que as coisas somente são reais e verdadeiras, se a sociedade aceitar que elas sejam. Na aula de Filosofia você poderá ouvir sobre a “Teoria Consensual da Verdade”. Consenso é concordância; portanto, se alguém afirma crer na teoria do consenso, ele também está afirmando a você que o acordo entre pessoas torna as coisas verdadeiras.

Como você pode ver tudo o que lemos são diferentes variações da mesma ideia. Quando as pessoas tentam impô-las sobre mim, eu gosto de responder: “Algumas pessoas não aceitam a sua teoria de que a verdade seja um acordo. Só que isso significa que nós estamos em desacordo que a verdade seja um acordo. Logo, isso não significa que a sua teoria seja, em si mesma, falsa? Você poderia tentar questionar a si mesmo, só para ver as pessoas se debaterem.

A ideia de que a verdade é qualquer coisa que você consiga fazer com que as pessoas engulam tem um apelo superficial porque houve, realmente, alguns casos em que o acordo tornou as coisas reais. Os ingleses concordaram que os motoristas, nas estradas inglesas, deveriam seguir pela esquerda — e, assim ocorreu. Os americanos concordaram que um pé (medida linear) tem doze polegadas — e assim ocorreu. Todavia, há também casos em que, independentemente do grau de acordo, nada poderá tornar a coisa verdadeira. Os vikings concordavam que a terra era plana. Porém, será que isso a tornava mesmo plana? Os nazistas concordavam que os judeus deveriam ser aniquilados. Será que isso significava que eles deveriam mesmo ser mortos? As pessoas nos

campi contemporâneos respondem: “Só que nós não pensamos que a terra é plana, nem que os judeus devam ser mortos”. Não, de fato, essas pessoas não pensam assim, mas elas consideram que o seu mútuo acordo seja suficiente para tornar verdadeiras coisas igualmente estranhas — por exemplo, que homens podem fazer sexo com homens, ou que mulheres possam fazer sexo com outras mulheres.

O erro da noção de que a verdade seja qualquer coisa que você consiga fazer as pessoas engolirem é tão fácil de detectar que você pode, até mesmo, estar se perguntando: “Por que todo mundo não percebe isso?” O filósofo cristão Alvin Plantinga sugere uma razão para isso:

Um detalhe a respeito desse modo de pensar. Ele é muito útil no caso de você ter feito algo errado. Minta a respeito, e se você obtiver sucesso (se você conseguir fazer com que os seus colegas aceitem que você não fez aquilo) então será verdade que você não o fez e, na verdade, você não fez aquilo, e como bônus adicional você não terá mentido a esse respeito![5]

Acredito que essa seja uma parte importante da resposta. O “engolicionismo” não é verdadeiro, mas para aplacar uma consciência pesada, não há nada mais eficaz que ele.

Mito Número Nove: A verdade é qualquer coisa que funcione.

Há alguns anos, eu disse ao meu irmão que havia retornado do Ateísmo para o Cristianismo. Ele disse: “Bem, se isto funciona para você, tudo bem”. Eu fiquei intrigado com a sua afirmação na época, e, hoje, ainda continuo intrigado com o que ouvi.

Para início de conversa, se algo funciona para alguém é algo puramente pessoal, como se ele acreditasse sinceramente naquilo. Esse “algo” poderia funcionar

para esta pessoa, mas não para mim. Em contraste, se as alegações de Cristo forem verdadeiras elas são mais do que meramente pessoais. Assim como “a terra é redonda” ou “objetos pesados têm mais massa que os objetos leves,” se as suas afirmações são verdadeiras para alguém, elas serão verdadeiras para todas as pessoas.

Além disso, eu não sei qual o significado da fé em Jesus “funcionar para alguém”. Isto traz consolo à pessoa? Faz com que ela consiga um emprego? Isto a torna honesta? Nenhuma destas coisas é capaz de provar que uma fé é verdadeira. O Ateísmo é falso, mas ele poderia nos trazer consolo se estamos muito furiosos com Deus. A Astrologia é uma bobagem, mas ela poderia me conseguir um emprego junto a um jornal, se eu souber como produzir horóscopos. Fadas não existem, mas pensar que elas existem poderia me tornar honesto se eu tiver medo de que elas estejam me observando no momento em que eu minto.

O mito de que a verdade é qualquer coisa que funcione assume duas formas na universidade: uma na sala de aula e outra na vida social do campus. Na sala de aula ele assume a forma de uma teoria filosófica chamada “Pragmatismo”. O Pragmatismo confunde muitos estudantes, mas se você tiver em mente os pontos que acabou de ler nos dois últimos parágrafos, você se sairá bem. Basta lembrar que o que funciona para uma pessoa pode não funcionar para outra — que o que funciona de uma forma pode não funcionar de outra, e o que é mais importante, que independentemente da forma de funcionamento que você tenha em mente, as coisas podem funcionar e, mesmo assim, serem erradas. Perguntar se uma afirmação é verdadeira não é perguntar se ela funciona, mas se ela é exata, se ela é factual, se o que ela afirma corresponde à realidade. Somente a brancura da neve propicia verdade à afirmação “a neve é branca;” e somente o senhorio de Jesus propicia verdade à afirmação “Jesus é Senhor”.

Na vida social do campus, o mito de que a verdade é qualquer coisa que funcione assume uma forma diferente: a forma de um podador de conversas. Você pode ter um amigo que costumava ter ideais, mas, agora só se preocupa com dinheiro. Será que isso é tudo o que realmente importa? “Ei, isso funciona para mim.” Outro amigo fica bêbado todo fim de semana e, agora, começou a beber também nos dias de semana. Faz ou não faz sentido pensarmos que ele está destruindo a si mesmo? “Ei, isso funciona para mim.” Além disso, uma amiga sua já fez dois abortos e se deita com todo rapaz que ela conhece. Será que esse pode ser mesmo um modo de viver para ela? “Ei, isto funciona para

mim.” Seja paciente com os seus amigos, mas reconheça o que o seu lema realmente quer dizer — ele não é uma maneira de encontrar a verdade, mas um muro para mantê-la à distância.

Jesus estava certo: A verdade vos libertará. Todavia, o mito de que “qualquer coisa que funcione é verdadeira” somente manterá você preso a correntes.

GUERRA

Esse capítulo pode ter sido um desafio, por isso vamos fazer uma rápida revisão nos temas abordados.

Em primeiro lugar, pensar que você conhece a verdade não é arrogante nem intolerante da sua parte — a arrogância surge quando temos as convicções erradas a respeito de como tratar as pessoas que não compartilham da verdade com você.

Em segundo lugar, a própria ideia de buscar a verdade precisa culminar no encontro dela — afirmar que o importante na vida não é termos a verdade, mas estar em busca dela é como dizer que o importante na doença não é sararmos, mas apenas nos consultarmos com médicos.

Em terceiro lugar, a racionalidade depende da fé; se for erroneamente colocada, a fé o distanciará da verdade, porém se for corretamente colocada, a fé ajudará você a encontrá-la.

Em quarto lugar, a inexistência da verdade não faz sentido porque, então, também não seria verdade nem se afirmar que a verdade não existe.

Em quinto lugar, não faz sentido se alegar que a verdade não pode ser encontrada, porque o simples fato de estarmos alegando algo já implica a veracidade desta nossa afirmação.

Em sexto lugar, as verdades supremas e mais importantes não são mais difíceis de serem encontradas do que as verdades menores; na verdade, elas são até mais fáceis porque Deus nos proporcionou auxílio para isso.

Em sétimo lugar, a verdade não é qualquer coisa na qual você sinceramente acreditar — somente um poderoso ilusionista poderia tornar algo verdadeiro simplesmente pensando que aquilo será verdadeiro.

Em oitavo lugar, o consenso popular também não torna uma afirmação verdadeira — as pessoas têm engolido desatinos desde que o mundo é mundo.

Em nono lugar, o lema de que “a verdade é qualquer coisa que funcione” não é um caminho para a verdade; antes, é um muro que a mantém afastada de nós.

Por que tudo isso é tão complicado? Porque você está entrando em uma guerra. Não me refiro a uma guerra com balas, bombas e mísseis no mundo material — refiro-me a uma guerra muito mais mortal e pesada de erros, pecados e tentações — de bombas mentais, de balas atiradas contra a sua alma e de potestades espirituais que habitam a grandes alturas. Você percebe que, segundo a Bíblia, não é somente coincidência que o mundo continue se desfigurando. O Príncipe dos Enganos lança mentiras contra nós, como os soldados inimigos lançam mísseis, e o mundo considera essas mentiras mais atraentes do que a verdade. Os nossos olhos não veem como os anjos veem, mas toda vez que alguém aceita um destes mitos do Inimigo, é como se uma ogiva nuclear tivesse explodido dentro do seu coração, espalhando morte e destruição em todas as direções.

Para os cristãos, não há nada a temer porque a armadura de Deus é mais forte do que as armas do Inimigo. Só que você precisará se revestir dela.

Mais uma coisa. Você sentiu falta de alguma coisa na descrição que Paulo faz da armadura de Deus em Efésios 6.10-18? Ele menciona o cinto da verdade, a couraça da justiça e os calçados da prontidão em propagar o Evangelho. A seguir, ele menciona o capacete da salvação e a espada do Espírito, que é a palavra de Deus. O que une tudo isso é a oração. Todavia, toda essa armadura protege a sua parte frontal. Paulo não menciona nenhuma armadura para a sua retaguarda.

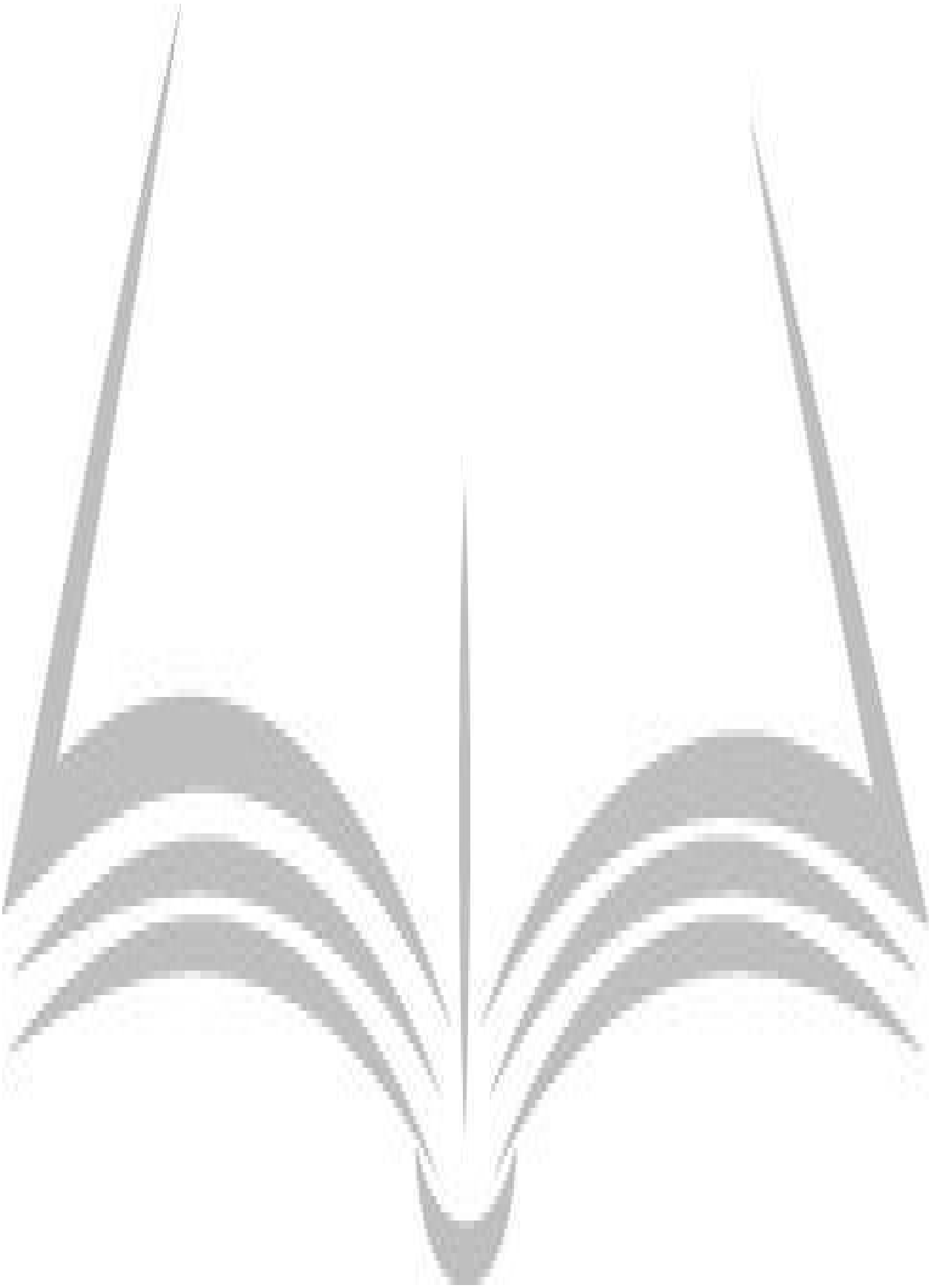
Qual seria o motivo? Porque Deus nunca teve a intenção de que você desse as costas para o Inimigo. John Bunyan explicou isso por meio de uma ilustração:

Assim que entrou no vale [da humilhação], começou Cristão a ver-se em apuros. Apenas dera alguns passos, saiu-lhe ao encontro um abominável demônio, chamado Apolião. Cristão teve medo, e começou a refletir se seria melhor fugir ou conservar-se firme no seu posto. Mas lembrou-se de que a armadura não lhe protegia as costas e que, portanto, voltá-las ao Inimigo seria dar-lhe grande vantagem, porque poderia feri-lo com as suas setas. Decidiu-se, pois, ter valor e a manter-se firme, único recurso que lhe restava para manter a vida.[6]

Revista-se da sua armadura com antecedência, sempre que possível; levante-se quando precisar, mas jamais bata em retirada. Lembre-se disso e você sempre será vitorioso.

6

MITOS SOBRE AMOR E SEXO



MISÉRIA

Sentado à minha frente no gabinete de aconselhamento estava um jovem entorpecido com sentimentos que ele mesmo não sabia descrever. Algumas semanas antes ele havia levado a sua namorada para fazer um aborto. Tudo parecia normal naquele momento. Todas as demais pessoas também disseram a mesma coisa. Só que, algum tempo depois, quando o seu avô morreu, ele começou a refletir sobre a morte. Ao retornar para casa, vindo do funeral, ele ficou transtornado. O rapaz havia assassinado o seu bebê. Foi nesse momento que o mundo desabou sobre ele. Alguns amigos, com medo do que ele poderia fazer a si mesmo, ligaram para a Central de Crises de Gravidez, e aquela central, por sua vez, ligou-me. Como não havia nenhum grupo de recuperação de homens em funcionamento, foi-me solicitado que eu cuidasse pessoalmente dele. Àquela altura ele estava desesperado para falar.

É verdade que ele era um tanto excêntrico. Com a maioria dos homens, o impacto de um aborto leva mais tempo para ser sentido, eles são menos afeitos a falar sobre o assunto, e eles tendem a sentir a dor de forma diferente — por exemplo, como uma sensação diminuída da sua masculinidade. Só que ali estava ele, em carne e osso, dando um testemunho vivo de que o sexo tem as suas consequências.

A nossa era supostamente iluminada está repleta de mitos a respeito do amor e do sexo. Este capítulo tratará dos mitos gerais (aqueles que homens e mulheres igualmente tendem a aceitar), dos mitos das moças (aqueles que as mulheres tendem a aceitar com mais facilidade), e dos mitos dos rapazes (aqueles que os homens tendem a aceitar com mais facilidade). Dedicarei quase o mesmo espaço para os mitos gerais e os mitos das moças, mas no caso dos mitos dos rapazes os meus comentários serão cerca de 50% mais longos porque os rapazes precisam de mais argumentos para serem convencidos das coisas.

MITOS GERAIS

Mito Número Um: O amor é um sentimento, e o sexo é a maneira adulta de expressá-lo.

Você já se perguntou por que quando as pessoas se casam, elas prometem amar uma a outra até que a morte as separe? Pense nisso. Os sentimentos mudam. Você não pode prometer ter um sentimento. Portanto, se o amor é um sentimento, o voto matrimonial não faz qualquer sentido. Todavia, o voto, na verdade, faz sentido porque o amor não é um sentimento. O que ele é então? O amor é um compromisso da vontade para com o bem de outra pessoa. Obviamente, as pessoas que se amam normalmente também têm sentimentos fortes, mas é possível termos esses sentimentos sem sentirmos amor O amor, permita-me repetir, é um compromisso da vontade para com o bem de outra pessoa.

Ora, a expressão exterior e o selo de um compromisso da vontade é uma promessa que gera um vínculo. Portanto, a forma adulta de expressar amor é firmando uma promessa vinculante: o casamento. “Se você realmente me amasse” — algumas pessoas dizem — “você faria isso comigo”. Bobagem. Se ele realmente amasse você, ele não exigiria de você este tipo de coisa. Se ela realmente amasse você, ela também não exigiria.

Mito Número Dois: O sexo é exatamente como tudo o mais; para tomar decisões sábias, você terá que experimentar.

É realmente verdade sobre “tudo o mais” que, para tomar decisões sábias, nós precisamos experimentar as coisas? Bem, certamente, é verdade que há algumas coisas sobre as quais não poderemos decidir a partir de fora. Precisamos

conhecê-las primeiro. Como cristão, por exemplo, descobri que para conhecer Jesus Cristo precisamos simplesmente confiar nEle, não há necessidade de realizar nenhum experimento, Ele não precisa passar por nenhum teste, salvo a própria confiança.

Todavia, outras coisas nesta vida não são, de forma alguma, assim. O vício em drogas é uma destas coisas, o suicídio é outra. Ninguém dirá que você precisa ser um viciado em drogas para se tornar um especialista em drogas, ninguém dirá que você precisará cometer suicídio para descobrir se ele é mesmo uma boa ideia. Na verdade, nesses casos a experiência é a única coisa que impedirá você de ter a capacidade de tomar uma decisão sábia a respeito dessas coisas. Ao longo dos séculos, a humanidade descobriu um grande número de casos semelhantes — comportamentos que prejudicam em vez de aumentar a nossa capacidade de escolher com sabedoria, experiências que subtraem, em vez de somar ao nosso entendimento. Essa é uma das razões por que elas são chamadas de pecados e vícios e por que as pessoas são alertadas a se afastarem, em vez de serem incentivadas a tomar parte.

O sexo fora do casamento é um desses casos. Se você realmente quiser entender, você terá que se manter longe desta prática. Se você mergulhar diretamente nele, você não conseguirá mais entendê-lo. A única maneira de entender o sexo a partir de dentro é entendê-lo a partir do casamento.[1]

Mito Número Três: Sem fazer sexo você jamais saberá se é compatível com outra pessoa; sem viverem juntos, você jamais saberá se um casamento realmente funcionará.

Se fosse realmente verdade que morar junto é uma espécie de experimento de casamento, então, os divórcios seriam mais comuns entre os casais que não moraram juntos anteriormente do que entre casais que moraram. Só que, na verdade, o oposto é verdadeiro: Os divórcios são mais comuns entre casais que moraram juntos antes do que entre casais que não tiveram experiência anterior. E a razão não é difícil de descobrir. A própria essência do casamento é termos um compromisso vinculante entre as partes. A própria essência do viver juntos é não ter um compromisso vinculante. É, por isso que a vida conjugal anterior ao

matrimônio não pode ser um experimento para o casamento, porque para todos os efeitos, essas duas condições são opostas. E é, por isso que a ausência de um compromisso vinculante não se mostra tanto como um treinamento para o casamento, mas sim como um treinamento para o divórcio.[2]

E o que dizer da ideia de que vocês precisam descobrir se são sexualmente compatíveis? A compatibilidade sexual é uma ideia verdadeiramente maluca. Ninguém nasce com um estilo particular na cama — as pessoas aprendem a fazer sexo. Todos podem aprender no casamento: ali haverá todo tempo do mundo, você estará completamente seguro e erros são simplesmente engraçados porque vocês dois se amam. Depois de trinta e dois anos de casamento eu ainda estou aprendendo coisas novas. Por outro lado, ninguém é capaz de aprender a fazer adequadamente sexo fora do contexto do casamento: ali não há tempo, nem segurança nos relacionamentos e os erros são humilhantes porque — falando a verdade — você estará fazendo uma prova. Todo o que você poderá fazer neste tipo de relacionamento é se servir de alguns “hábitos” sexuais. Quando pessoas solteiras falam sobre compatibilidade sexual, o que elas querem dizer é que os hábitos sexuais que a mulher aprendeu ao dormir com outros homens simplesmente se assemelham aos hábitos sexuais que o homem aprendeu ao dormir com outras mulheres. Não seria mais divertido e mais excitante para o casal aprender a fazer sexo somente entre si, totalmente do zero, na segurança de um relacionamento matrimonial?

MITOS DAS MOÇAS

Mito Número Quatro: O Sexo fora do casamento é romântico.

Mulheres, qual o romantismo de ficar completamente nua diante de um homem que não tem um compromisso de vida com você? A única hora em que é romântico estar completamente vulnerável diante de um homem é quando você sabe que você está absolutamente segura com ele: Ele não irá lhe transmitir nenhuma doença, ele não lhe deixará grávida e depois dirá a você para fazer um aborto, ele não irá para a cama com outras mulheres, ele não a abandonará, porque ele se preocupa mais com o que é verdadeiramente bom para você, do que se preocupa consigo mesmo. Sim, ficar vulnerável diante de um homem neste caso é, realmente, romântico. Só que o nome desta situação é "casamento". Só o casamento pode oferecer este tipo de romance; só o casamento pode oferecer este tipo de emoção.

Homens, isso também se refere a vocês. Que tal sermos totalmente honestos? A verdade é que muitos de nós somos ainda mais românticos do que as mulheres, só que de um modo diferente. Como os historiadores poderiam confirmar, fomos nós que inventamos o ideal romântico do cavalheirismo — e, naqueles dias, isso significava mais do que abrir portas para as mulheres.

Ora, que tal virarmos a mesa de uma vez? Que romantismo há em colocarmos uma mulher completamente nua a sua frente sem que você tenha assumido um compromisso de vida com ela? Aliás, qual o romantismo em deixá-la grávida? Ou transmitir alguma doença para ela? Se você estiver fazendo isso, você a esta tratando como uma prostituta, e não como uma companheira amada. Existe uma diferença grande em ser um "cafajeste" e ser um homem. O cavalheiro honra, ama e protege a sua senhora; ele não a usa para seu bel prazer.

Mito Número Cinco: O sexo fora do casamento ajuda a fortalecer o

relacionamento.

É verdade que você conseguirá manter um homem por perto ao dar-lhe sexo. O erro está em pensar que você conseguirá fazer com que ele permaneça ao seu lado por meio do sexo. Existem quatro armadilhas nesse modo de pensar.

Em primeiro lugar, o sexo fora do casamento tende a tornar os relacionamentos piores, e não melhores. Vocês costumavam assistir filmes juntos, a visitar amigos juntos, a ter longas conversas juntos — agora, tudo o que fazem é sexo juntos. Vocês fazem cada vez mais sexo, mas desfrutam cada vez menos dele porque o sexo está tomando o lugar do relacionamento, em vez de fortalecê-lo da forma como deveria ser no casamento.

Em segundo lugar, embora possa ser politicamente incorreto se falar assim, um homem jamais valorizará você mais do que você mesma valoriza a si mesma. Ele pode fazer sexo com uma mulher que vai para a cama com facilidade, mas, provavelmente, não se casará com uma mulher que vai para a cama com facilidade. E por que ele deveria? Ele sempre estaria curioso em saber com quem mais você se deitaria na próxima oportunidade. Portanto, você realmente deseja ser a sua boneca de treinamento?

Em terceiro lugar, quanto mais sexo você lhe oferece, mais expectativa você criará do relacionamento, porque é assim que a maioria das mulheres age. A questão é que a maioria dos homens não é assim. Quanto maiores forem as suas expectativas, mais ele se ressentirá delas porque, fora do casamento, ele não tem nenhum tipo de compromisso com você.

Em quarto lugar, a variedade é, tipicamente, mais intrigante para os homens do que para as mulheres. Eu sei que falar nestes termos está fora de moda, mas é verdade. Portanto, quando mais sexo você der ao seu namorado, mais rapidamente ele ficará enfadado com isso e acabará partindo para encontrar outra pessoa com quem ele possa ir para a cama. Só que isso também não é um problema das relações matrimoniais? Não. No casamento, é diferente porque ele proporciona uma variedade mais profunda que não depende da mudança de camas. Entrarei em mais detalhes a esse respeito quando tratar do Mito Número Nove.

Mito Número Seis: O sexo fora do casamento é um sinal de compromisso.

Já dissemos anteriormente que o amor é um compromisso da vontade com o bem verdadeiro de outra pessoa, mas também dissemos que o seu selo é a promessa vinculante do casamento. Antes desse ponto, tudo é reversível, até mesmo o noivado. Portanto, como poderemos dizer que temos mesmo um compromisso? É simples. Se você é casado, você tem um compromisso. Se você não é casado, você não tem. Você tem um namorado que afirma ser comprometido com você, mas que simplesmente alega não estar pronto para o casamento? Ele está mentindo. A ideia básica de não se casar é justamente evitar o compromisso. Como uma pessoa pode estar comprometida com você, mas, ao mesmo tempo, rejeitar um compromisso? Portanto, o sexo fora do casamento não é um sinal de compromisso, mas sim um sinal de que a pessoa já sabe o caminho que deseja seguir.

MITOS DOS RAPAZES

Mito Número Sete: O sexo é uma necessidade física; portanto, não podem ser erradas.

Um dos maiores segredos da vida é que existe uma diferença entre a vontade e a necessidade. A vontade é, meramente, um desejo; já a necessidade é algo que a vida nos exige. Por exemplo, eu preciso de alimento, mas eu só tenho vontade de degustar uma barra de chocolate com amêndoas.

Sem comida eu morreria, mas sem uma barra de chocolate com amêndoas eu somente ficaria frustrado. O problema com o Mito Número Sete é que ele faz confusão entre essas duas coisas. Ele afirma que o sexo é uma necessidade física, só que, na realidade, o sexo é somente uma vontade física. Ninguém morre por falta de sexo.

É verdade que alguns rapazes agem como se fossem morrer por falta de sexo. Porém, sejamos honestos. O principal motivo para se agir assim é fazer com que a sua namorada se sinta constrangida e acabe cedendo às suas vontades. A única outra razão que posso imaginar é um sentimento de pena de si próprio. No entanto, não me leve a mal. Entendo por que você possa ter pena de si mesmo. Se você tem recorrido ao sexo apenas para aliviar o seu desejo, você está na mesma categoria do homem que se coça para aliviar a dor de uma picada de mosquito. É verdade que o ato de coçar alivia o prurido por uns instantes, mas quanto mais você coça, mais depressa o prurido retorna e mais forte do que era antes. E não demora muito para que você seja aprisionado num círculo de prurido e coceira, prurido e coceira e em vez de ficar satisfeito, fica mais frustrado do que antes de começar todo o processo. Você começa a se coçar por todas as partes. Tudo o que você consegue pensar é onde você sentirá o próximo prurido para ali coçar. Quando você encontra uma mulher, a única coisa que importa para você é se ela tem unhas compridas!

A única maneira de sair deste círculo vicioso é parar tudo abruptamente. Isso não

é fácil, mas a outra alternativa é pior. Não faça sexo simplesmente para aliviar o seu desejo, espere até o casamento, onde o sexo faz parte da sua expressão de amor.

Mito Número Oito: O sexo é para o prazer; o prazer não pode ser errado.

Por que cargas d'água alguém consideraria que o prazer é errado? As pessoas obtêm prazer de diversas formas erradas: desde ouvir à conversa alheia, a ficarem desnorteadas com drogas e até dirigindo em alta velocidade em rodovias cheias de tráfego — mas, por que algumas pessoas têm prazer até em machucar os outros? Ora, eu sei o que alguns de vocês estão pensando. Vocês estão pensando que o prazer do sexo fora do casamento é diferente porque o sexo fora do casamento não machuca ninguém. Todavia, se você está pensando isso, tenho duas coisas a informar.

A primeira é que: Onde você esteve nestas últimas páginas? Você prestou atenção no que leu? Não sei como me expressar de forma mais clara para dizer que ao fazer sexo fora do casamento você está destruindo o seu relacionamento, arruinando o romance, desonrando o seu parceiro e, em geral, bagunçando com a vida dele ou dela.

A segunda é: Por onde você andou nos últimos vinte anos, aproximadamente? Doenças como a AIDS, a herpes, a clamídia, a sífilis, a gonorreia, as verrugas genitais e mais de uma dúzia de outras doenças sexualmente transmissíveis, que, na maioria dos casos, costumavam ser raras, estão, hoje, assolando a população. Mais de um milhão e trezentos mil abortos são feitos nos Estados Unidos a cada ano. O índice de nascimentos ilegítimos está crescendo tão rapidamente que, em algumas partes desse país, mais bebês nascem fora do casamento do que dentro de um casamento. Você não acha que está na hora de refutarmos o lema comumente aceito de que o sexo fora do casamento não machuca ninguém?

O problema com a ideia de viver por prazer é este. Você já ouviu falar no paradoxo hedonista? O hedonista é uma pessoa cujo objetivo de vida é o prazer. O paradoxo hedonista é que se você perseguir o prazer, ele foge — se você perseguir o prazer pelo simples desejo do prazer, depois de certo tempo não

conseguirá mais nenhum prazer. Nós poderíamos argumentar dias e noites a respeito das razões disso ser verdadeiro. Todavia, o ponto central é: Minhas palavras são verdadeiras. Se você viver por prazer, não obterá nenhum prazer nisso. Ora, o nome “paradoxo hedonista” vem dos filósofos. Vejamos, aqui, um resumo do que estou falando: A única maneira de você obter prazer, seja ele sexual ou de qualquer outra forma, é obtendo-o como um subproduto da busca por outra coisa — como o bem real de outra pessoa. Portanto: Você quer mesmo obter o prazer verdadeiro e duradouro? Então, você precisará parar de correr atrás do prazer. Comece a perseguir o amor. Espere até o casamento. Essa é a sua única chance.

Mito Número Nove: O casamento é entediante porque não há muita variedade.

Ora, eu já disse que os rapazes são mais interessados em variedade do que as moças. Todavia, existem dois tipos de variedade: a variedade superficial e a profunda. Ao citar a variedade superficial, refiro-me a experimentar uma mulher após a outra, mas jamais sair do nível superficial do relacionamento. A variedade profunda significa experimentar níveis cada vez mais profundos da mesma mulher. Uma pessoa completamente diferente, alguém que simplesmente não é você, é algo maravilhoso, sempre novo, sempre surpreendente. Esse relacionamento proporciona uma variedade infinita, só que dentro da unidade de uma única alma que ama você. O primeiro tipo de variedade é como molhar o seu pé em quinze piscinas infantis diferentes em um mesmo dia. O segundo tipo é como nadar no oceano. Eu preferia nadar no oceano, você também não?

Ora, talvez você esteja pensando que não precisa fazer essa opção. Talvez esteja pensando que pode ter uma variedade superficial durante alguns anos e, mesmo assim, desfrutar de uma profunda variedade quando se casar — que você poderá experimentar todas as piscininhas infantis agora e, mesmo assim, nadar no oceano. Porém, desculpe-me, só que as coisas não funcionam dessa maneira. O problema é que a mudança de cama para cama, por fim, destruirá até a capacidade de experimentar as profundezas de outra pessoa. Eis aqui uma maneira de pensar no tema que estou abordando. Você já fez uso de fita adesiva, correto? Ela é magnífica para lacrar caixas e juntas coisas umas às outras. Só que, como você sabe, é preciso ser cuidadoso ao utilizá-la. Uma tira nova de fita

adesiva gruda em qualquer coisa que tocar, queira você ou não. E a fita não tem culpa disso — foi para isso que ela foi criada. Todavia, se você não gostar do local onde ela grudou, tentará soltá-la dali e haverá problemas. O pacote feito será danificado. E quando você conseguir soltar a fita, ela não estará mais tão grudenta como estava antes. Se você grudá-la e soltá-la, seguidamente, em vários objetos, a certa altura ela perderá completamente a sua aderência.

As coisas funcionam da mesma forma com a sua sexualidade, só que no sentido emocional e espiritual, e não físico. Da mesma forma que um pedaço de fita gruda em qualquer coisa que ela toque, na sua primeira experiência sexual você grudará a qualquer pessoa que você tocar. E o sexo não tem culpa disso — foi para isso que ele foi criado. Só que se você não gostar de quem grudou, tentará se soltar dela e sofrerá dano. Alguma coisa no seu coração se danificará, e algo também se danificará na outra pessoa. E, quando você conseguir se desvencilhar, a sua sexualidade não será mais tão aderente como era antes. Se você grudá-la e soltá-la, seguidamente, em várias pessoas, a certa altura ela também perderá completamente a sua aderência. Você dormirá com vários parceiros, tal como fazia antes, mas todas as pessoas parecerão como estranhas. Você simplesmente não sentirá mais nada. Você terá destruído a sua capacidade de entrar em intimidade com outra pessoa.

Ora, alguns de vocês, rapazes, concordarão que a resposta que acabei de dar à objeção da “variedade superficial seguida posteriormente da variedade profunda,” só que tem outra objeção. Vocês entendem a diferença entre os dois tipos de variedade, e que quando se entregam à forma superficial, estão destruindo a capacidade de obter a forma profunda. Vocês estão pensando consigo mesmos: Tudo bem, eu quero a forma profunda de variedade. Eu não quero molhar os meus pés em uma dúzia de piscininhas infantis, quero o oceano. Eu não quero a superficialidade de uma dúzia de mulheres, quero as profundezas da mesma mulher. Só que você pode estar pensando: Prefiro deixar as minhas opções em aberto. Sou a favor da intimidade, mas não gosto de promessas. Sou a favor de ter uma única parceira, mas não para o casamento.

Seria este o seu pensamento? Caso sim, você também pode abrir mão desse pensamento. Fora do casamento, não existe chance para este tipo de intimidade. Você também poderá procurar o oceano na lua. Sabe por quê? A razão é um grande segredo, embora não devesse ser assim.

Você quer deixar as suas opções em aberto, mas a intimidade exige que este tipo

de pensamento seja abandonado.

Você ouviu o que eu disse? Deixe-me dizê-lo novamente. Você quer deixar as suas opções em aberto, mas a intimidade exige que este tipo de pensamento seja abandonado. É, por isso que pessoas que se amam precisam se casar, e é, por isso que o casamento precisa ser permanente. Se você e a sua namorada ainda não se entregaram um ao outro, para o bem de vocês mesmos, no contexto de um relacionamento matrimonial, vocês sempre estarão se restringindo um do outro, saibam vocês disso ou não. Na verdade, só loucos não fariam isso. Por que você deveria abrir todos os seus tesouros para uma pessoa que poderia abandoná-lo? E por que ela deveria fazer isso? Porém, falar de “restrição” entre vocês dois, antes de tudo, é somente outra maneira de dizer que vocês não estão nadando nas profundezas do oceano. Você poderá até tentar mergulhar fundo, mas somente acabará machucando o seu coração no fundo da piscina rasa. Você pode pensar que está nadando no oceano porque não consegue tocar o fundo. Só que isso só acontece porque você, na verdade, não está tentando ir mais a fundo. Nem você, nem ela.

NÃO POR ACASO

Somente para que não reste nenhum tipo de dúvida, permita-me fazer um breve resumo do que vimos neste capítulo.

Em primeiro lugar, o amor não é um sentimento, mas um compromisso da vontade para com o bem de outra pessoa. Isso significa que a sua expressão adulta não é o sexo, mas a promessa vinculante do casamento.

Em segundo lugar, o sexo fora do casamento não ajuda você a entender melhor o sexo, para que você faça escolhas sábias a esse respeito; na verdade, ele acaba piorando o seu entendimento a respeito do sexo, de modo que as suas escolhas serão mais complicadas.

Em terceiro lugar, fazer sexo com outra pessoa não revelará nada acerca da compatibilidade de vocês dois, e "morar junto" não dirá nada sobre a possibilidade de um possível casamento dar ou não certo.

Em quarto lugar, o sexo fora do casamento não é romântico; na verdade, ele é exatamente o oposto do romantismo.

Em quinto lugar, o sexo fora do casamento não é uma garantia da manutenção dos relacionamentos; na verdade, ele contribui para a sua degeneração.

Em sexto lugar, o sexo fora do casamento não é um sinal de compromisso, mas sim um sinal de que a pessoa já sabe o caminho que deseja seguir.

Em sétimo lugar, o desejo por sexo não é uma necessidade, mas uma vontade, e o ato de coçar um prurido somente dará início a um círculo vicioso.

Em oitavo lugar, os prazeres podem ser tanto bons, quanto ruins; além disso, o sexo fora do casamento não traz prazer duradouro — antes, ele assassina o prazer.

Em nono lugar, não é o casamento que é entediante. Entediante é a promiscuidade no casamento — e as emoções da intimidade matrimonial

simplesmente não podem ser encontradas nas casas de jogos.

Antes de encerrar este capítulo, permita-me apresentar a você algo mais importante a ser considerado. Por que será, mesmo, que Deus criou dois sexos diferentes? Ele não precisava fazer assim. Existem outras maneiras de proporciona a reprodução dos seres vivos, como vocês todos sabem. Deus poderia ter planejado que nós simplesmente nos brotássemos ou nos dividíssemos. Só que ele desenvolveu um sistema complicado pelo qual a criação de novos seres humanos depende da cooperação entre dois tipos diferentes de seres crescidos. E essa não é a única coisa que promove a atração dos dois sexos. Homem e mulher são como mão e luva: cada sexo se sente incompleto e anseia pelo outro. Deus poderia ter criado um único sexo autossuficiente que se sentisse perfeitamente completo e não desejasse mais ninguém, entretanto Ele não fez isso. E, por que não o fez?

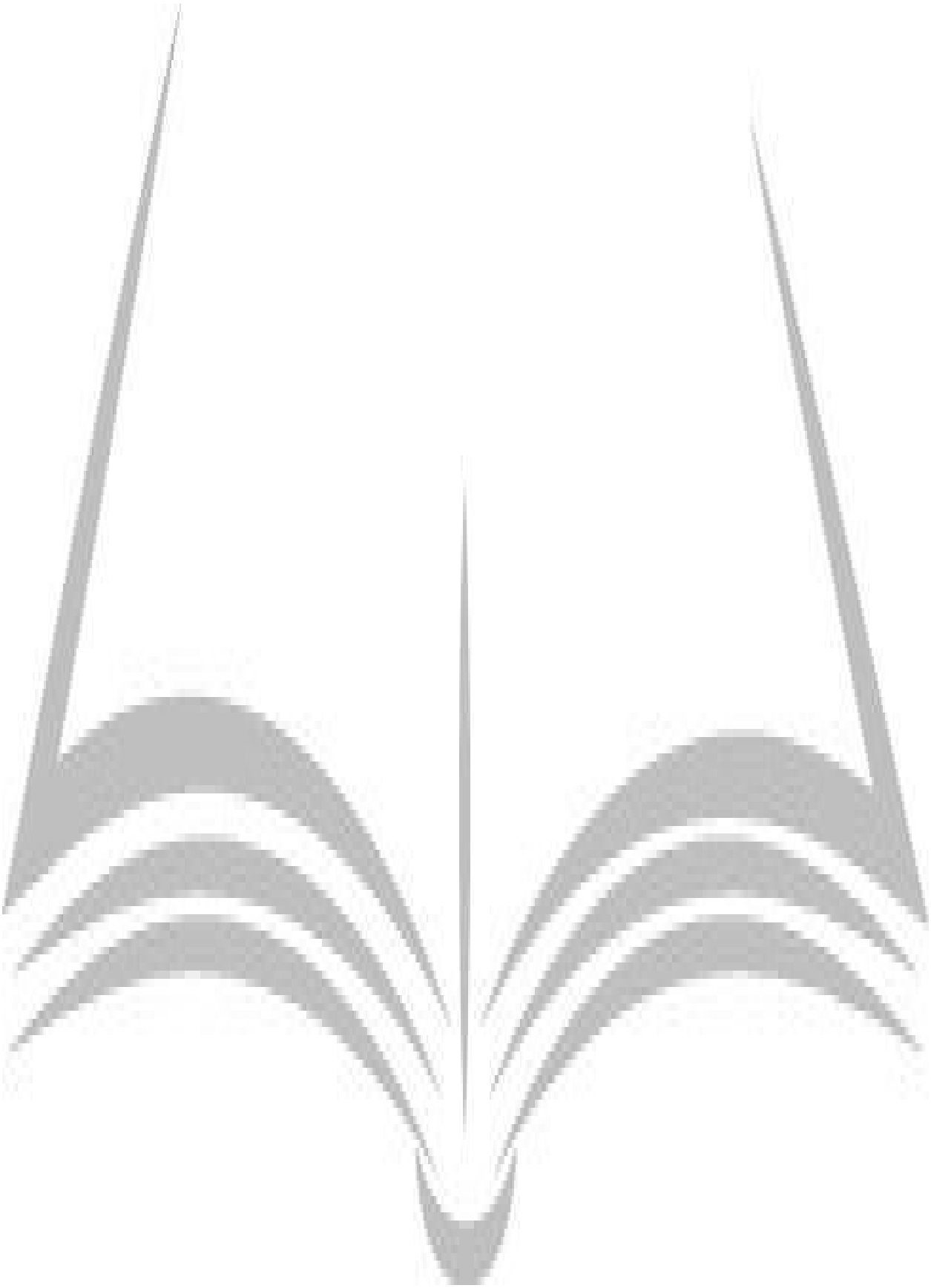
Sabe o que tenho em mente? Creio que Deus fez o homem e a mulher porque precisamos desejar um ao outro. Não é bom não desejarmos outra pessoa, não é bom ficarmos absortos em nós mesmos. De alguma forma, cada um de nós precisa se retirar de si mesmo. Com a ajuda da graça de Deus, o casamento de um homem com uma mulher pode tornar isso possível. O sexo solitário não pode fazer isso; ele acaba afundando a pessoa cada vez mais dentro de si mesma. O sexo homossexual não pode fazer isso; ele acaba afundando a pessoa num ídolo que espelha a ela mesma. O sexo casual também não pode fazer isso; ele, meramente, faz uso da outra pessoa para fins egoístas.

Porém, só o casamento com Cristo no seu centro é capaz de remover você de si mesmo. Ele ensina a cada um dos parceiros, marido e esposa, a esquecerem sobre si mesmos, por certo tempo, para cuidar e se sacrificar pelo outro. E nós chegamos a nós mesmos quando abrimos mão de nós mesmos.

E sabe de uma coisa? Existe um mistério que é ainda mais profundo. Por mais íntimo e profundo que possa parecer, o casamento com outro “ser humano” e um símbolo, uma amostra, uma prelibação de uma união ainda mais íntima e ainda mais profunda com alguém que é muito mais do que outra pessoa. Estou falando da união espiritual com o próprio Deus, que é prometida a todo cristão no Céu. É, por isso que a Bíblia compara o Céu com uma festa de casamento. E, lembre-se disso: os símbolos são sempre meras alusões às realidades magníficas que eles simbolizam. Se isso não sacudir você, nada irá sacudir.

7

MITOS SOBRE POLÍTICA



ENVOLVA-SE COM INTENSIDADE

Não faz muito tempo, no campus onde trabalho, centenas de estudantes progressistas ocuparam uma Escola de Direito e protestaram contra as declarações feitas por um professor conservador contra a questão das cotas no ingresso às universidades — políticas que davam um tratamento especial a determinadas raças em detrimento a outras. As preferências raciais eram uma questão polêmica porque, anteriormente, a Escola de Direito havia sido ordenada por um Tribunal Federal a abandonar o uso das cotas. O que deixou aquele professor em apuros foi uma afirmação de que as famílias de certos grupos étnicos dão maior ênfase ao estudo acadêmico do que as famílias de outros. Enquanto um lado entendeu essa observação como uma declaração intelectualmente sincera de um fato, o outro lado considerou-a como um estereótipo racista. A atmosfera ficou carregada e não demorou muito para que as pessoas invadissem o prédio e para que aquela escola estivesse no noticiário noturno das cadeias de televisão.

É bem verdade que alguns campi são politicamente carregados. Todavia, que relação isso tem com permanecermos cristãos no mundo da Política? Precisaremos de apenas três pontos para entender isso:

Primeiro ponto: Como sabemos a partir da História, a Política trata de questões fundamentais do certo e do errado.

Segundo ponto: Como nos mostrará uma rápida conferida na Bíblia, Deus tem muito a dizer sobre o certo e o errado.

Terceiro ponto: Quando as pessoas não gostam do que Deus fala sobre o certo e o errado (ou do que elas pensam que Ele diz sobre o certo e o errado), elas tendem a endeusar as suas próprias ideias. As suas ideologias tornam-se substitutas da religião. Elas, então, estão diante de um problema porque Deus não tolera outros deuses diante dEle.

Você pode achar que, se você não estiver interessado em política, isso em nada irá afetar o seu modo de pensar. Tenho percebido que o que ocorre é justamente o contrário. Estudantes politicamente apáticos são ainda mais influenciados pelas

ideias políticas que recaem sobre eles porque não pensam criticamente a respeito do que lhes é colocado. Eles não se dão ao trabalho de separar o joio do trigo.

DIRETO AO PONTO

Este capítulo é mais curto que o anterior porque não considero a Política tão complicada de ser entendida quanto o relacionamento entre casais. As coisas que você esperaria ouvir numa aula de Educação Moral e Cívica foram todas deixadas de fora, e, caso queira obter informações sobre o Produto Interno Bruto do país, você definitivamente está lendo o livro errado.

Este capítulo, de fato, trata de tantos mitos quanto o capítulo anterior, só que na esfera política. Você pode ouvir esses mitos em todos os lugares — na sala de aula, num comício político de estudantes e até mesmo entre amigos no dormitório. Você, no entanto, terá que ouvir atentamente para compreendê-los, porque, às vezes, eles ficam escondidos "nas entrelinhas". Trato, aqui, dos mitos gerais (como de costume, esses são os que quase todo mundo aceita), dos mitos progressistas (aqueles que as pessoas da esquerda são mais propensas a aceitar) e dos mitos conservadores (aqueles que as pessoas da direita tendem a aceitar com mais facilidade).[2]

Se você, por um acaso, já aceitou acriticamente qualquer uma dessas falsas ideias, então algumas partes deste capítulo poderão deixá-lo irritado. Mas não tem problema; eu particularmente não me importo nem um pouco com isso.

MITOS GERAIS

Mito Número 1: Deus pertence ao seu partido.

Um grande erro que muitos estudantes cristãos fazem na política é esquecer-se de buscar a vontade de Deus; em vez disso, eles têm a expectativa de que Deus executará as suas próprias vontades. Alguns democratas consideram que Deus é democrata; alguns republicanos acreditam que Deus é republicano. Alguns progressistas pensam que Deus é progressista; alguns conservadores creem que Deus é conservador. Eles esperam que Deus apoie todos os detalhes dos seus programas políticos, mesmo sem Ele ter sido consultado a respeito.

Às vezes, essa atitude parece pura tolice, como, por exemplo, no caso do palestrante que ora num comício político: “Deus, leva o teu partido à vitória”. Todavia, a atitude também pode levar à blasfêmia. Um caso especialmente comum no campus é quando alguns cristãos acabam aderindo à causa pró-aborto e depois pedem ao próprio Deus que gerou as crianças no ventre da mãe para ajudá-los a lutar pelo direito de destruir essas crianças. O que pode haver na cabeça dessas pessoas?

Existimos para servir a Deus, e não Ele existe para servir-nos. Nenhum país, nenhum partido político e, tampouco, nenhuma ideologia política podem reivindicar ser donos de Deus. Ele que é o nosso chefe.

Mito Número 2: Cada pessoa pertence a si mesma.

Muitas pessoas no campus pensam que os seres humanos criam a si mesmos, pertencem a si mesmos e têm valor em si e por si mesmos. Isso pode soar muito abstrato, mas tem implicações práticas. Na política, se você acha que é o dono de

si mesmo, provavelmente também considera que tem o direito de cometer suicídio assistido, o direito ao aborto e, no geral, o direito de fazer tudo o que bem entender — e, obviamente, desejará leis que apoiem as suas ideias.

Entretanto, a Bíblia expressa uma posição muito diferente: segundo ela, os seres humanos são criados por Deus, pertencem a Ele e têm valor porque Ele ama a todos, e cada um foi criado à sua imagem e semelhança. Mas será que isso faz diferença na política? É claro que sim. Vejamos o caso do suicídio: Deus é o dono de todos nós; sendo assim, temos o dever de viver para Ele, e não de matarmos uns aos outros; e, por respeito a Ele, também temos o dever de agir com compaixão uns para com os outros em tempos de dificuldade.

Mito Número 3: Os fins justificam os meios.

Muitas pessoas na política pensam não haver problema algum em fazer qualquer coisa para alcançar os seus objetivos políticos — encher as urnas de votos, rasgar documentos públicos, esvaziar os bolsos da população a fim de obter dinheiro para as suas campanhas; enfim, tudo que for preciso. Se você pensa que tal tipo de posição existe só em lugares como Washington, D.C., então está na hora de rever os seus conceitos, porque ela também é uma ferramenta muito viva nos campi! Veja: Um estudante promove uma fraude para ganhar a eleição para o Diretório Central dos Estudantes; um professor distorce fatos para ganhar apoiadores para a sua causa política.

Envolver-se com desonestidade política é mais fácil do que você imagina. Uma mentirinha leva à outra, e não demora muito para você mentir deslavadamente. Para aplacar a sua consciência, você mente para si mesmo. Talvez, você diga a si mesmo que não está mentindo de verdade, mas apenas “dando uma nova feição aos fatos”. Vai ver você assumiu o famoso lema: “Não se pode fazer um omelete sem quebrar os ovos”. Ou, provavelmente, você esteja repetindo filosofias falsas que ouviu em sala de aula, como, por exemplo, “Nossas ações precisam ser julgadas pelas suas consequências”. Ou, então, pode ser que você só esteja inventando desculpas mesmo: “Eu sei que os fins, normalmente, não justificam os meios, só que este meu caso é especial”. E não vai demorar muito pra você proferir tantas mentiras que nem mesmo vai lembrar-se da verdade. E pior que

isso, as pessoas que se esquecem da verdade normalmente seguem esquecendo-se da Verdade — e creio que você sabe muito bem de Quem eu estou falando!

Voltar a encontrar a verdade mais uma vez será terrivelmente complicado. A melhor coisa a fazer é jamais a abandonar num primeiro momento.

MITOS PROGRESSISTAS

Mito Número 4: O papel do governo é reformar tudo.

Deus atribuiu a algumas instituições sociais objetivos e papeis especiais. Por exemplo, a família tem o propósito de criar os filhos, e a igreja o de edificar o Reino de Deus. E o que dizer do governo? Teria Deus também atribuído a essa instituição social um propósito especial? Sim, o objetivo do governo é punir aqueles que praticam o mal e honrar aqueles que praticam as coisas corretas (veja 1 Pedro 2.14). Para punir, Ele utiliza os tribunais, os presídios e exércitos; para louvar, Ele tem elementos como os memoriais e as medalhas de honra. Este papel de punir e honrar é chamado de justiça pública básica.

Neste nosso mundo dominado pelo pecado, é inevitável que muitas coisas boas que deveriam acontecer não aconteçam e que muitas coisas ruins que não deveriam acontecer acabem acontecendo. E, como o governo é muito poderoso, muitos estudantes universitários pensam que ele pode ser utilizado para fazer todas as coisas boas acontecerem e impedir que as coisas ruins aconteçam. Para fazer isso, eles querem que o governo intrometa-se nos assuntos das outras instituições sociais, como a família e a igreja. Num uso distorcido das palavras, é isso o que eles consideram a justiça pública básica. Infelizmente, quando o governo tenta assumir tarefas que não lhes são próprias, ele só acaba piorando as coisas.

Mito Número 5: Compaixão significa generosidade barata.

Obviamente, o cristianismo ensina a compaixão. Todavia, muitos estudantes cristãos que se envolvem em causas políticas confundem compaixão com generosidade barata. Porém, como seria possível a generosidade ser algo barato?

Um modo é quando ela é feita à custa de outra pessoa. É fácil dizer que outras pessoas devem pagar impostos para ajudar um grupo pelo qual você sente compaixão.

Mas vamos com calma. Não estou afirmando a você que um gasto assim seja bom ou ruim — não é disso que estou falando. O que estou dizendo é que você não deveria enganar-se a si mesmo chamando isso de compaixão. A verdadeira compaixão ocorre quando você é a pessoa que carrega o peso e paga o preço. Conseguiu entender?

A generosidade também é barata quando fazemos o que nos faz sentir bem em vez das coisas que realmente ajudam os outros. Isso pode fazer você sentir-se bem em apoiar grandes benesses governamentais. Só que a verdade é que o governo não pode, de fato, ajudar os pobres. Entretanto, o que vai ajudar mesmo é você estar disposto a lavar uma louça em alguma cozinha comunitária, dedicar tempo para alguma criança órfã, ou ensinar alguém que não foi alfabetizado a ler — mas só você poderá fazer isso, e isso que é difícil.

Mito Número 6: Fé e política devem andar separadas.

“Espera um pouco aí, professor! Como é que o senhor pode chamar a separação entre religião e política de ‘mito’? A Constituição não faz um ‘muro de separação entre igreja e estado’?”.

Não! Mesmo se incluirmos as emendas, a Constituição norte-americana fala somente três coisas sobre religião. Vejamos exatamente o que a Constituição diz sobre o assunto:

Artigo VI: “Nenhum teste religioso jamais deverá ser exigido como Qualificação para qualquer Ofício ou cargo público de confiança nos Estados Unidos”.

Primeira Emenda: “O Congresso não fará lei a respeito do estabelecimento de religião, tampouco proibir o seu livre exercício”.[3]

Em outras palavras: (1) O governo não tem permissão para fazer com que as

pessoas façam testes religiosos para ser qualificadas para assumir cargos federais; (2) O Congresso não tem permissão para estabelecer uma igreja nacional oficial; e (3) O Congresso não tem permissão para impedir que pessoas pratiquem as suas religiões.

Essas três regras têm o objetivo de proteger a sua liberdade de seguir a Deus, e não de aboli-la. Aquele famoso lema sobre o “muro de separação” simplesmente não consta da Constituição.

Em 1947, a Suprema Corte argumentou que a linha de separação era como um “muro”, a ponto de os bombeiros não terem nem permissão para apagar o fogo em escolas, porque os bombeiros são empregados do estado![4] Isso, segundo declarou a Suprema Corte, seria ridículo. Conclusão: Não existe “muro” nenhum. Se houvesse, teríamos que protestar contra ele. Os cristãos são livres para agir segundo as suas convicções na política, assim como os ateus são livres para agir segundo as suas.

MITOS CONSERVADORES

Mito Número 7: O papel do governo é manter tudo como está.

Você está lembrado do Galinho Chicken Little, o galinho novo e com cara de sabichão que pensava que o céu estava caindo? Um dia desses, o Galinho Chicken Little estava gritando para todo mundo:

— Fogo! Fogo!

Até que a vaca disse a ele:

— Seu galo maluco, não tem fogo nenhum aqui. Você não está vendo?

Ao ver que aquilo era verdade, o Galinho Chicken Little imediatamente começou a gritar:

— Enchente! Enchente!

A Política tem muitas semelhanças com essa história, tanto no campus universitário, como em outras partes da sociedade. Muitas pessoas que escaparam do mito de que o papel do governo é simplesmente reformar tudo se deixam levar pelo mito oposto: de que o papel do governo é manter tudo exatamente do jeito como está. Por exemplo, já ouvi argumentarem que, embora legalizar o aborto fosse errado, também seria errado torná-lo ilegal novamente — só porque as pessoas já estão acostumadas com isso e não gostariam de mais uma mudança. Esse argumento acaba por defender uma injustiça progressista fazendo uso de um mito conservador. O senso comum diz-nos que algumas coisas devem ser modificadas e outras não.

Mito Número 8: A riqueza é medida da virtude moral.

Assim como algumas pessoas têm dificuldade em compreender o que realmente é a compaixão, outras têm dificuldade em entender por que razão fundamental a compaixão é mesmo importante. Alguns dos meus alunos já me disseram que as benesses do governo têm sido um prêmio para a preguiça e geram dependência. Em geral, eu também penso que isso é verdade. Porém, às vezes, eles sugerem que todos os necessitados são preguiçosos e dependentes e que toda a riqueza que eles conseguiram foi pelas suas virtudes e pelo seu trabalho. E isso não é nem um pouco verdade.

De fato, Jesus disse mesmo que é mais difícil para um rico entrar no Reino do que um camelo passar no fundo de uma agulha (veja Lucas 18.24-25; cf. com 6.20).[5] Talvez, Ele tenha dito isso porque as pessoas abastadas tendem a colocar a sua confiança na sua riqueza em vez de Deus. Obviamente, os pobres podem tornar-se amargurados no seu desejo por prosperidade, e isso também remove Deus da sua vida.

Mito Número 9: O valor da fé está nos seus resultados sociais.

Alguns estudantes cristãos são avessos ao Progressismo e atraídos pelo Conservadorismo porque os conservadores dizem coisas mais atraentes a respeito do cristianismo. É verdade que os conservadores são menos propensos a depreciar a religião, mas tome cuidado: Você pode achar que uma pessoa está elogiando o que nós pensamos ser verdadeiro, mas ele pode estar elogiando essas coisas simplesmente porque pensa que elas são úteis. Uma vez, um livro foi publicado sob o título Why America Needs Religion [Por que a América Precisa da Religião].[6] Isso até soa bem cristão, não é mesmo? Mas há um "porém" aí. O autor era um ateu!

Quando as pessoas dizem que os Estados Unidos "precisam da religião", o que eles normalmente querem dizer é que as pessoas religiosas cometem menos crimes, têm casamentos mais estáveis e têm menos filhos ilegítimos do que as pessoas não religiosas. Em outras palavras, a América "precisa" da religião porque ela precisa de bons resultados. Eu não nego que esses resultados sejam

bons, mas, mesmo assim, existem três problemas com esse modo de pensar.

Em primeiro lugar, se resultados são as únicas coisas que importam, então uma falsa religião que gere os resultados desejados seria tão boa quanto uma religião verdadeira. E não somente isso, mas, se os resultados são mesmo as únicas coisas que importam e se você pudesse encontrar uma forma de produzir esses resultados sem religião, ninguém precisaria de nenhuma forma de religião. E o mais importante de tudo, se os resultados forem a única coisa que importa, você, na verdade, não estará adorando a Deus — estará adorando os resultados.

O PAÍS REAL

Eu disse que este capítulo seria breve. Portanto, desta vez, pouparei você do resumo final. Em vez dele, avancemos um pouco. Afinal de contas, o que é Política? Ora, Política é a arte de vivermos como companheiros cidadãos. Mas o que são companheiros cidadãos? Companheiros cidadãos são pessoas que devem lealdade ao mesmo país. Então, onde está a nossa cidadania — qual é o nosso país?

Leitores diferentes darão respostas diferentes. A maioria dos brasileiros responderá: “O Brasil”. Alguns dirão: “Inglaterra”, “Canadá”, ou outro nome qualquer de país. Essas respostas são perfeitamente cabíveis; porém, se você pertence a Cristo, você poderá dar uma resposta ainda mais profunda. O país que você citou pode ser o seu país de nascimento, só que você tem outro “país” por adoção. O apóstolo Paulo deu nome a esse país na carta aos Filipenses quando disse: “Mas a nossa cidade está nos céus [...]” (3.20). Esse é o verdadeiro país de cada cristão. Na terra, você é somente um visitante e, algum dia, você estará indo para o seu lar.

Estaria eu dizendo que você não deve respeitar o governo ou as leis terrenas? É claro que não estou; na verdade, a Bíblia exige que os respeitemos. Todavia, não se esqueça de que você também está debaixo de um governo mais elevado (o de Deus) e de uma lei mais elevada (os seus mandamentos). Então, estaria eu dizendo que só porque a sua verdadeira cidadania pertence ao céu, você não deveria envolver-se em assuntos deste mundo? Claro que não, também. Isso seria o mesmo que dizer que, só porque a sua cidadania pertence ao céu, você não deveria consumir boas comidas, nem respirar o ar aqui deste mundo. Basta lembrar que você também tem uma causa mais elevada — você é embaixador do Rei. Mais do que uma constituição, você tem um evangelho. Mais do que um presidente, você tem um Salvador. Mais do que uma bandeira, você tem uma Cruz.

COMO CONVIVER



8

O CONVÍVIO NA VIDA SOCIAL DO CAMPUS

“COMO FAZER PARA...”

Entre numa livraria. Lá você encontrará livros sobre como fazer para ser popular, livros sobre como fazer para encontrar uma companheira ou companheiro, livros sobre como fazer para ficar rico, livros sobre como fazer para influenciar outras pessoas e até livros sobre como fazer para ganhar eleições.

Esses livros estão repletos de regras. Há mais regras neles do que você encontraria na Bíblia. Entretanto, ao contrário das regras bíblicas, o objetivo delas não é ajudá-lo a cultivar o seu santo amor por Deus — o objetivo delas é ajudá-lo a permanecer num amor que só olha para os interesses pessoais. Para os cristãos, a vida social é como fazer para que o amor do Deus Triuno saia de você e afete a vida do próximo — é a forma como você imita o seu amor na vida cotidiana. Todavia, o amor próprio não conseguirá ser transformado em amor pelo próximo. Se você seguir esse tipo de amor, sua vida social será transformada numa sala de espelhos na qual nós deveríamos olhar para as outras pessoas, mas só conseguiremos ver a nós mesmos.

Deixe mostrar a você o que estou querendo dizer. As citações a seguir vêm de um dos livros de conselhos a que me referi anteriormente, um livro da Nova Era que apresenta mil regras, fingindo que não apresenta nenhuma.[1]

“Bem-aventurados são os autocentrados, pois eles conhecerão a Deus”.

“Que cada pessoa no relacionamento não se importe com o próximo, mas somente, apenas e unicamente consigo mesma”.

“Há séculos, você foi ensinado que ações amorosas surgem das escolhas a ser, a fazer e ter qualquer coisa que produza aquilo que é mais elevado para o próximo. Eu, porém, vos digo: O bem mais elevado é aquele que produz o bem

mais elevado para você mesmo”.

“Lembre-se de que o seu papel no planeta não é ver por quanto tempo você pode permanecer num relacionamento, mas decidir e experimentar Quem Você Realmente É”.

“Pratique, falando dez vezes por dia: EU AMO SEXO. Pratique, dizendo isso dez vezes: EU AMO DINHEIRO. Agora, você quer uma realmente difícil? Tente dizer isto dez vezes: EU ME AMO!”.

O autor chega a tentar apresentar o egoísmo como uma “causa santa”! Talvez você esteja pensando: “Ah, para com isso. Ninguém se deixa levar por esse tipo de coisa!”. Olha, se esse for o seu caso, tem mais uma coisinha que você precisa saber. O livro que estou citando ficou na lista de best-sellers do New York Times por mais de um ano, e as pessoas não costumam gastar dinheiro comprando livros que lhes agradem. Muitos outros livros dão o mesmo tipo de conselho. O amor próprio é tudo o que diz respeito à vida social deste mundo e, se essa ficha ainda não caiu para você, ela cairá quando você chegar à universidade. De todas as direções, o Inimigo sussurrará: “Pense desse jeito também; isso aí, pense desse jeito também. Esse jeito trará felicidade a você. Desse jeito, você ficará alegre. Desse jeito, você estará conhecendo Quem Você Realmente É”.

Na verdade, daquele modo, você estará experimentando sofrimento, solidão e jamais conhecerá, de verdade, nenhuma outra pessoa. A visão cristã da vida social é uma visão sacrificial. Sacrificamo-nos pelo próximo, assim como Cristo sacrificou-se a si mesmo por nós. E, estranhamente, a sua forma de esquecer-se de si mesmo é a única forma de encontrarmos o nosso próprio eu.

Por isso, vamos falar da vida social no campus a partir de um ponto de vista diferente. Falaremos disso a partir de um ponto de vista bíblico — de um ponto de vista divino. Isso mesmo, darei alguns conselhos a você — e, sim, se você insistir, pode chamá-los de “regras”. Lembre-se, porém, que nós não seguimos a Deus porque queremos permanecer amando as regras; seguimos certas regras porque queremos permanecer amando a Deus — Maravilhoso Conselheiro, Deus

Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz.

AMIGOS E CONHECIDOS

O que é amizade? Num sentido mais amplo, amizade é um relacionamento pessoal baseado na confiança entre pessoas que se conhecem e fazem algum tipo de bem uma a outra.

Essa definição é bastante abrangente. A amizade que Abraão tinha com Deus era diferente da amizade que Davi tinha com Jônatas. A amizade que um marido tem com sua esposa é diferente da amizade que um representante comercial tem com um cliente. Os filhos têm uma amizade com os seus pais diferente da amizade que têm com colegas da mesma idade. Os estudantes têm um tipo de amizade com um professor de confiança do que têm entre si. Esses relacionamentos podem variar se os amigos estão perto ou longe, se são iguais ou desiguais, ou se eles são do mesmo sexo ou do sexo oposto. Por fim, eles podem ter fundamentos diferentes: Eles podem ser baseados em afinidades, alegria ou mera familiaridade. Eles podem estar fundamentados no compartilhamento ou de uma tarefa, ou de uma causa, ou mesmo no compartilhamento de uma vida inteira. Cada forma de amizade tem os seus próprios costumes, as suas próprias leis e as suas próprias expectativas.

Depois do primeiro ano, os estudantes universitários não fazem muitas perguntas a respeito de como formar amizades; quase todos sabem como essas coisas funcionam. Com raras exceções, os estudantes mais solitários não ficam solitários porque não sabem como dizer “Olá, meu nome é Eric”, mas isso ocorre por outras razões. Eles podem ficar solitários porque fizeram amizades erradas, porque procuram os amigos em lugares errados, porque esperam que outras pessoas venham procurá-los para fazer amizade, ou mesmo porque fundamentam as suas vidas em filosofias vãs.

Um problemão para muitos estudantes — e que gera muitas perguntas por parte deles — refere-se aos problemas e tensões com os amigos que eles já têm. A tensão pode surgir porque um amigo deseja um relacionamento mais próximo, ao passo que outro deseja manter distância. Mais complicado ainda é quando um amigo deseja uma forma diferente de amizade que os outros. Isso é especialmente comum quando os amigos são do sexo oposto. Por exemplo, Anna

procura Derek como um “amigo que, por acaso, é do sexo masculino”, mas Derek vê Anna como uma “namorada”. Quando amigos não conseguem concordar sobre o tipo de amizade que desejam manter entre si, às vezes se torna insustentável manter qualquer forma de estima. Em casos assim, ocorre um rompimento da amizade.

As amizades tanto se formam quanto se rompem de forma mais rápida quando você é jovem do que em qualquer outra época da sua vida; por isso, falaremos mais sobre os rompimentos. Já vimos duas razões por que as amizades são rompidas; que tal analisarmos algumas outras? Uma das razões é que as amizades mudam tanto que elas passam a não ter nada em comum; grandes mudanças são típicas quando as pessoas entram na universidade. Ali, você pode ver como uma grande mudança para pior pode colocar fim a uma amizade: Você pode ter que se livrar de Alice porque ela tem envolvimento com drogas. Todavia, a grande mudança para melhor pode gerar o mesmo resultado: Alice pode descartá-lo porque você não irá mais partilhar das sessões de drogas com ela.

Outra razão ainda que explica o fim de amizades é porque, embora nem você, nem o seu amigo tenham mudado, você acaba descobrindo que ele não é mais a mesma pessoa que você pensou que ele fosse à medida que os dois foram se conhecendo melhor. De início, você achava Chad um homem honesto, mas aí ele encheu a sua conta telefônica de chamadas de longa distância e pagou você com um cheque sem fundos. Também podem ocorrer diferenças que pareciam não ser tão importantes para nenhum dos dois no início da amizade, mas que depois começaram a incomodar pelo menos um de vocês. No começo, Melissa não se importava de vocês faltarem à igreja para fazer coisas com ela, mas agora se importa; a princípio, você não se importava com as interferências que ela fazia nas suas amizades na igreja, mas agora se importa.

Às vezes, diferenças como essas podem ser trabalhadas com paciência e honestidade, mas, outras vezes, não. Em geral, elas são muito mais facilmente trabalhadas entre amigos que são irmãos em Cristo porque, dessa forma, ambos têm o apoio do Espírito Santo e de outros crentes. Em uma carta para a jovem igreja de Filipos, além de implorar que as duas amigas Evódia e Síntique fizessem as pazes, Paulo também pede à pessoa que está lendo a carta que as ajude a reatar a amizade, pois elas foram parceiras mui fiéis na propagação do evangelho (ver Fp 4.2-3).

Outra grande razão que pode gerar o rompimento de uma amizade é quando percebemos que aquela amizade não está sendo boa para nós. Isso tem mais probabilidade de ocorrer quando a amizade não é cristã — um problema que já analisamos a partir de uma perspectiva diferente no capítulo 4. Talvez você esperasse ser uma boa influência na vida de Lindsey, mas acabou percebendo que é ela quem está exercendo uma influência negativa sobre a sua vida. O seu vocabulário está ficando mais rude, as suas piadas mais pesadas, e a sua imaginação está ficando suja. Você tem feito coisas que o deixam desconfortável. Cada vez mais, você fica surpreso consigo. No início da amizade, você não reconhecia o perigo, talvez porque tivesse uma opinião mais elevada do que merecia acerca das suas virtudes pessoais. Em certo momento, você descobrirá não apenas que pode ser tentado, mas também que já foi tentado — e que, além de ter sido tentado, acabou cedendo em uns mil pequenos detalhes. Aí, por fim, você percebe que a única maneira de parar de ceder é caindo fora desse relacionamento.

Você pode minimizar o risco de perder amizades ao escolher amigos com sabedoria e procurando por eles nos lugares certos, como grupos em que cristãos mantenham comunhão. Só tem um detalhe: você não poderá reduzir esse risco a zero. Às vezes, um relacionamento não tem outra saída a não ser chegar a um término.

O rompimento confunde muitos jovens cristãos porque a vida social cristã está fundamentada no amor — e o amor não deveria durar para sempre?

Bem, isso depende do que você quer dizer com amor. Nosso idioma chama muitas coisas de “amor”, mas nem todas são a forma de amor sobre a qual a Bíblia fala. Os únicos amores eternos que conheço são o amor de Deus pelo seu povo, o amor do seu povo por Ele e o amor fraternal entre os membros do seu povo. Outros amores não chegam a ser eternos, embora possam durar uma vida inteira, como, por exemplo, a união de um homem com uma mulher cristã no matrimônio: Eles não prometem ser marido e mulher por toda a eternidade, mas somente “até que a morte os separe”. No entanto, a maior parte dos relacionamentos não funciona dessa forma. Na maioria das vezes, os rompimentos não causam problema. Colegas não precisam apreciar a sua companhia até a hora da morte. Parceiros comerciais também não precisam fazer negócios até a morte. E você também não precisa gostar de certos colegas de faculdade até a sua morte. Deixar de gostar de alguém não é pecado.

Para esses tipos de vínculos menos que vitalícios, o fundamental é que você pode até deixar de ter um amor amistoso especial por alguém, mas deve continuar a amar essa pessoa como o seu próximo. Mesmo que o convívio amistoso termine, você precisa ser honesto, justo e gentil; você precisa continuar a desejar o bem para o seu ex-amigo e precisa fugir de perpetrar vingança, espalhar fofocas ou guardar rancor.

Sim, mesmo que o seu amigo tenha agido como um rato! Sim, mesmo ele espalhando fofocas a seu respeito! Enquanto pensa nisso, lembre-se de que você também é igualmente desprezível pelos padrões de Deus. Todos somos. É por isso que precisamos de um Salvador.

NAMORO E CASAMENTO

É aqui que os meus leitores estudantes ficarão mais divididos. Alguns se sentirão aliviados porque eu apresento respostas diretas a perguntas que muitos autores recusam-se a abordar; outros ficarão enlouquecidos porque não gostarão das respostas que eu apresento.

As quatro perguntas mais frequentes que os jovens cristãos mais fazem sobre o namoro são: “Com quem poderei namorar?”, “Com quem poderei me casar?”, “O que eu posso fazer num relacionamento?” e “Até onde podemos ir?”. Passemos a abordá-las uma por vez.

A resposta à pergunta “Com que poderei namorar?” tem duas partes: (1) Você pode namorar qualquer pessoa que esteja apta para ser o seu cônjuge no casamento; e (2) Você não pode namorar nenhuma pessoa que não esteja apta para ser o seu cônjuge no casamento. Qual o motivo dessas regras? É porque o namoro tem relação com o casamento. Não se trata de uma busca por diversão, nem de uma busca por intimidade sexual. Trata-se da busca por um parceiro adequado para o matrimônio. O casamento é o estado para o qual homem e mulher foram concebidos, e não o namoro. Se você simplesmente quiser socializar-se sem excluir pessoas do sexo oposto e sem a intenção de casar-se, aí tudo bem, mas é melhor fazer isso em grupos. Sejamos francos, quando um rapaz está andando com uma moça, não é a mesma coisa que andar com outro rapaz — nem mesmo quando ambos insistem em “não se tratar de um namoro”. Em algumas sociedades, não existe nenhum tipo de “namoro” antes do casamento, e sabem por quê? Desde que os cônjuges sejam compatíveis e haja fidelidade no casamento, Deus não se importa. Davi e Abigail conheceram-se sozinhos, mas Isaque e Rebeca foram reunidos pela intervenção das suas famílias. Embora cada um desses casamentos tenha ocorrido de maneira diferente, ambos foram agradáveis a Deus.

A resposta à pergunta “Com quem poderei me casar?” tem três partes: (1) Você precisa casar-se com alguém cristão; (2) Você precisa casar-se com uma pessoa que será uma boa companheira para você; e (3) Você terá que se casar com uma pessoa que será um bom pai (ou mãe).

Já até sei o que você está perguntando a respeito da primeira parte: “Mas não seria possível ter um bom casamento com uma pessoa que não segue a Cristo?”. Não! Não o que Deus considera um bom casamento. “Não vos prendais a um jugo desigual com os infiéis”, diz Paulo na Bíblia. “Porque que sociedade tem a justiça com a injustiça? E que comunhão tem a luz com as trevas?” (2 Co 6.14) Essas palavras poderão chocá-lo. Será que somos assim tão justos? Será que todas as outras pessoas são assim tão mais ímpias do que nós? Paulo não diz em outra parte da Sagrada Escritura que todos pecamos e estamos destituídos da glória de Deus? Sim, é claro que sim (Rm 3.23). Então, quando Paulo fala em 2 Coríntios, teria ele mudado de ideia? Claro que não! Ele não está dizendo que você é justo e que o incrédulo é ímpio; mas sim que você está agarrado na justiça de Cristo e o incrédulo não. Cristo se apresenta como uma oferta pelo pecado também em favor do incrédulo, só que o incrédulo se recusa a aceitá-la. Portanto, naquilo que mais importa, a pessoa que crê e a que não crê estão, tragicamente, separadas. Nenhum casamento poderá superar essa divisão! Quando pessoas assim se casam, ela sempre será como um abismo que separa o casal. Quanto mais o cônjuge crente crescer no seu amor por Cristo, mais largo e mais profundo se tornará o abismo entre ele e o outro. E nem pense que, hoje, você poderá se casar com uma pessoa e, amanhã, convertê-la para Jesus. Como você pode contar com isso quando o próprio casamento começou a partir de um ato de desobediência sua para com Deus?

A segunda parte da pergunta “Com quem poderei me casar?” é que você terá que se casar com uma pessoa que será uma boa companheira para você. Istso parece simples, só que o difícil será compreender o que representa um “bom companheiro” na visão de Deus e não na sua. Paulo compara o relacionamento entre maridos e esposas ao relacionamento entre Cristo e a sua Igreja (Ef 5.22, 23). Cristo entregou-se a si mesmo pela igreja, e a igreja segue a Cristo como seu cabeça — da mesma forma, o marido deve entregar-se a si mesmo pela sua esposa, e a esposa deve seguir ao seu marido como o seu cabeça. Essa comparação foi chocante na primeira vez que Paulo a escreveu porque ela ia contra a ideia de supremacia masculina, na qual a mulher sempre assumia o papel de serva. Todavia, ela é igualmente chocante nos nossos dias porque vai contra a ideia feminista de que nenhuma das partes está em posição de autoridade. Se você for mulher, faça-se esta pergunta: O homem que tenho em mente é capaz de entregar-se a si mesmo por mim — ele é uma pessoa a quem posso seguir como o meu cabeça? Se você for homem, faça-se esta pergunta: A mulher que tenho em mente será capaz de aceitar a minha posição de cabeça do casal — e ela é uma pessoa por quem valha a pena eu entregar a minha vida?

A terceira parte da pergunta “Com quem poderei me casar?” é que você terá que se casar com uma pessoa que será um bom pai (ou mãe). Muitos jovens cristãos ficam paranoicos com isso. Eles dizem: “Mas, e se a gente planeja nunca ter filhos?”. Infelizmente, a menos que vocês sejam biologicamente incapazes, o “nunca” não é uma opção. Deus ordena aos casais que frutifiquem e se multipliquem (Gn 9.7). Esse é um dos objetivos do casamento, uma das formas pelas quais ele glorifica a Deus. Portanto, se você é homem, precisará procurar uma mulher que possa ser uma boa mãe; e se for mulher, precisará procurar um homem que possa ser um bom pai.

A resposta para a pergunta “O que eu posso fazer?” tem duas partes: (1) Num namoro, você pode fazer qualquer coisa que seja pura e agradável aos olhos de Deus; e (2) Você precisa ser realista a respeito das tentações.

Vou dar uma chance para você e considerar que não preciso falar muita coisa sobre a primeira parte. (Você realmente considera que um filme pesado ou que contenha pornografia seja algo puro e agradável a Deus?) A segunda parte é onde precisamos conversar, porque é exatamente quando estamos sendo tentados que achamos mais difícil ser realistas acerca do que está acontecendo. Permita-me dar um exemplo. Segundo pesquisas, quanto mais horas um homem e uma mulher passam juntos, mesmo que comecem com uma firme intenção de guardar a castidade, mais longe eles tendem a chegar e maior é a probabilidade deles perderem totalmente o controle sobre si. Ao ouvir isso, a maior parte dos jovens cristãos tem o bom senso de entender que casais que realmente desejam permanecer castos precisam limitar o seu tempo a sós. Isso é uma realidade. Infelizmente, quanto mais tempo o casal passar junto, menos óbvia essa realidade lhes parecerá. A solução é que eles precisam estabelecer os seus limites, com firmeza, logo no início do relacionamento, enquanto ainda estiverem de cabeça fresca e enquanto a realidade ainda for fácil de perceber. Por fim, a resposta à pergunta “Até onde podemos ir?” tem três partes: (1) Você não poderá manter relação sexual; (2) Você não poderá fazer qualquer coisa que se assemelhe a uma relação sexual, e (3) Você não poderá fazer nada que desperte o desejo pela relação sexual.

Já escrevi um capítulo inteiro sobre a primeira parte. A ideia da segunda parte é responder perguntas como: “E o sexo oral conta como sexo?” “O atrito de partes íntimas, sem que ambos estejam despidos, conta como sexo? e “E se só nos tocamos, isso pode ser considerado sexo?”. Vamos lá! Pare com isso, não tente enganar a si mesmo; você sabe as respostas. Fingir que não está fazendo sexo só

porque não está havendo penetração vaginal é como fingir que você não está nu só porque os seus olhos estão fechados.

Agora, passemos à terceira parte. Sei o que quero dizer com o “despertar o seu desejo sexual”, e você sabe do que isso se trata? Refiro-me às coisas que podem despertar o seu desejo sexual. Escute uma coisa: foi Deus quem inventou o desejo sexual. Só que com que propósito? Para preparar os nossos corpos para o sexo. O desejo sexual tem por objetivo levar as pessoas a se engajarem na relação sexual. Não diga que você fará coisas que despertem o nosso desejo sexual, mas não permitirá que elas o levem ao sexo. Isso é como ligar poderosos motores de foguetes, mas dizer: “Não decole!”. Qual a solução? Evite as coisas que provocam desejo em você! Se o sexo deve ocorrer somente no casamento, o despertamento do desejo sexual também deve.

Uma grande razão pela qual muitos estudantes acham difícil manter a abstinência é que eles conhecem as regras, mas não têm a visão. O seu objetivo não é somente evitar algo ruim; mas conquistar algo belo e digno. Deus chama isto de “pureza”. A mera abstinência pode ser algo sombrio, porém aquele que tem o coração puro verá a Deus (Mt 5.8). Ao longo dos séculos, muitos cristãos chegaram até a chamar a pureza de algo “surpreendente” — como as águas límpidas da montanha que brilham diante da luz do sol. Não se desfaça dela sem tê-la provado antes.

CLUBES E ATIVIDADES

Uma das melhores coisas sobre a universidade é que lá existem muitos grupos e atividades divertidas, interessantes e nas quais valem a pena participar. Ali temos ligas de esportes e companhias de teatro. Temos também fraternidades de serviço e equipes de debate. Existem grupos religiosos, partidos políticos e associações de profissões particulares. Só no meu próprio campus, existem mais de seiscentos grupos de estudantes, sendo que novos grupos se formam a cada semana. Todas as paredes, troncos de árvores e quadros de avisos estão cobertos dos seus pôsteres. Um dia, há pouco tempo, ouvi um coral de estudantes cantando numa área aberta de almoço bem ao lado do Diretório Central dos Estudantes — música magnífica, sem instrumentos e todos em perfeita harmonia. A universidade é assim.

Muitos jovens cristãos aproveitam a oportunidade, e isso é muito bom. Porém, é natural que você evite certos grupos e certas atividades. As orientações aqui são bastante simples: Evite qualquer grupo ou passatempo que tenda a corromper você, a enfraquecer a sua fé, ou o exponha a tentações desnecessárias. Por exemplo, algumas fraternidades parecem existir para a promoção do sexo e alguns grêmios femininos parecem existir somente para a promoção de bebidas alcoólicas. Todavia, ainda existem bons grupos e atividades a serem feitas na universidade. Você realmente deixa de aproveitar algumas coisas se não se envolver em nenhum tipo de organização estudantil.

O mais surpreendente é que nem todos os estudantes cristãos se envolvem na adoração e na comunhão em grupos cristãos. O encontro com outros cristãos para glorificar a Deus, para edificação mútua em Cristo, e também para praticar atos de misericórdia diante de pessoas necessitadas não é somente uma das escolhas do cardápio: “Será que eu deveria me juntar a um grupo de xadrez ou a um grupo cristão?”. A comunhão é necessária para o seu relacionamento com Cristo. Ela é também o melhor lugar para formar amizades construtivas e encontrar uma pessoa que seja compatível para se casar com você. Como a Bíblia diz: “E consideremo-nos uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras, não deixando a nossa congregação, como é costume de alguns; antes, admoestando-nos uns aos outros” (Hb 10.24,25). Passaremos a falar mais

sobre a vida religiosa do campus no próximo capítulo; portanto, deixaremos esse tema de lado por ora.

LEMBRETES

Já falamos de todos os temas, portanto, façamos um resumo do que foi visto neste capítulo.

A vida cristã diz respeito ao nosso amor por Deus, e a vida social cristã diz respeito a fazer com que esse amor extravase para os seus relacionamentos com as outras pessoas. A amizade é uma oportunidade maravilhosa de compartilhar o seu amor, porém as amizades, às vezes, chegam a um ponto de rompimento, mesmo entre cristãos. Se isso ocorre, é possível que você deixe de lado este amor especial, mas precisará prosseguir tratando o seu antigo amigo com o "amor ao próximo". E algum dia você, talvez, possa restaurar a sua amizade mais profunda.

Relacionamentos de namoro são únicos no sentido de que o seu propósito é encontrar uma pessoa compatível para o casamento. Isso torna temas como "a pessoa com que namoramos" e "a forma como namoramos" muito mais importantes do que parecer ser para pessoas não convertidas a Cristo. Por exemplo, como o casamento com um incrédulo está fora de questão, o namoro com um incrédulo também está fora de questão.

Por fim, sinta-se à vontade para aproveitar as ricas oportunidades que a universidade oferece a você para se juntar a grupos e atividades interessantes. Só se lembre de evitar qualquer aventura que possa corrompê-lo, comprometer a sua fé em Cristo, ou fazer com que você venha a cair; e certifique-se de se inserir em um grupo no qual você possa manter a adoração, a comunhão e atos de misericórdia para com o próximo.

9

O CONVÍVIO COM A VIDA RELIGIOSA DO CAMPUS

ISSO NÃO É POSSÍVEL

Certa vez, um estudante graduado visitou-me para contar que estava fazendo algo inédito na sua vida: Ele estava pensando em Deus. Ele perguntou: “O senhor acha que estou ficando louco?”.

Garanti que ele não estava perdendo a cabeça, e ele, então, contou-me a sua história. Ele disse que esteve lendo com muito afinco todos os seus livros ultramodernos. Nenhum dos autores falava qualquer coisa a respeito de Deus, e ele enfim percebeu que “eles estavam construindo as suas teorias sobre o nada”.

Ao longo do tempo, ele tornou-se um crente em Cristo, mas, por alguma razão, recusou-se a ir às reuniões para adorar, ou mesmo para manter comunhão com outros cristãos. Quando companheiros estudantes desejavam incentivá-lo no seu novíssimo relacionamento com Deus, ele simplesmente dizia: “Ah, eu não preciso de igreja para ser cristão. Posso muito bem ser cristão por conta própria”. Isso, porém, não era verdade. À medida que os meses passavam, seus amigos viram-no afastar-se cada vez mais de Cristo, e a sua aventura de fé parecia destinada ao fracasso.

Um cristão solitário? Não, isso não é possível.

A universidade pode ser um ponto de virada na sua caminhada com Deus — um tempo no qual o seu relacionamento com Cristo pode ficar mais profundo, ou então ficar mais fraco. Para a maior parte dos jovens cristãos, o que faz a maior diferença no caminho a ser seguido é a permanência — ou não — em comunhão íntima e constante com os seus irmãos e irmãs na fé.

O QUE ACONTECE?

O que acontece num grupo cristão? Muitas coisas; por isso, vamos analisá-las uma por vez.

A primeira é a adoração. Adorar é expressar a Deus o nosso amor e o nosso louvor. Às vezes, adoramos fazendo um barulho alegre; outras vezes adoramos silenciosamente. Uma razão pela qual adoramos é que a adoração é natural. Ao observar algo maravilhoso, você tem vontade de maravilhar-se; quando está certo de que ama alguém, você deseja falar de amor; e quando está com Deus, você deseja adorar.

Outra razão pela qual adoramos é que a adoração é justa. Se não pudermos louvar o que é digno de louvor, então há algo de errado, e Deus é mais digno de louvor do que qualquer coisa que possamos imaginar. O salmista escreveu:

Quando me lembrar de ti na minha cama

e meditar em ti nas vigílias da noite.

Porque tu tens sido o meu auxílio;

jubiloso cantarei refugiado à sombra das tuas asas.

A minha alma te segue de perto;

a tua destra me sustenta. (Sl 63.6-8)

A última razão para adorar é que Deus ordenou-nos a fazê-lo. Ele conhece as nossas necessidades e, se Ele diz que precisamos adorar, então é isso que devemos fazer. Paulo escreveu: “E não vos embriagueis com vinho, em que há contenda, mas enchei-vos do Espírito, falando entre vós com salmos, e hinos, e cânticos espirituais, cantando e salmodiando ao Senhor no vosso coração, dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo” (Ef 5.18-20).

O segundo aspecto da comunhão é a oração em grupo. Muitos disparates já foram escritos e ditos sobre a oração. Um escritor disse uma vez que beber uma xícara de café calmamente e olhar para fora da janela é oração. Isso pode até ser agradável, mas oração isso não é. Oração é uma conversa na qual adoramos o Deus Vivo, e ela inclui louvor, agradecimento, confissão de pecados, a apresentação dos nossos pedidos e dos pedidos de outras pessoas a Ele e o ouvir da voz de Deus. Todas as pessoas precisam de um momento diário, privativo e tranquilo de oração, porém todos precisam também de oração regular em grupo a Deus. Por quê? Porque não somos apenas indivíduos isolados. Deus fez cada um de nós membros do corpo de Cristo. Falaremos mais sobre isso posteriormente, ainda neste capítulo.

O terceiro aspecto é o aprendizado. O salmista diz a Deus: “Como purificará o jovem o seu caminho? Observando-o conforme a tua palavra” (Sl 119.9). Outra passagem diz o que acontecerá se você fizer isso: “Porquanto a sabedoria entrará no teu coração, e o conhecimento será suave à tua alma. O bom siso te guardará, e a inteligência te conservará” (Pv 2.10-11). Com palavras assim, a Bíblia insiste que aprendamos a sabedoria de Deus; e é por isso que nos reunimos para estudá-la.

O quarto aspecto é o incentivo e o apoio. Um grupo cristão é semelhante a uma família na qual podemos carregar as cargas uns dos outros e incentivarmos uns aos outros a seguir em frente. Aqueles que têm mais experiência na fé fazem de Cristo o modelo perfeito para aqueles que têm menos. Como conhecemos bem uns aos outros, também podemos prestar contas uns aos outros, soar o alarme do pecado e ajudar uns aos outros a confessarmos a Deus e a voltarmos a ter os pés no chão.

O último aspecto é a missão. A missão tem dois significados: evangelização e misericórdia. Evangelização é testemunhar aos outros sobre as Boas-Novas de Jesus Cristo em palavras. Misericórdia é demonstrar essas Boas-Novas na forma de ações. Ambas são ordenanças de Deus, e ambas são mais efetivas quando os cristãos agem em cooperação.

Um exemplo de misericórdia cooperativa poderia ser a organização de visitas aos enfermos e idosos tem hospitais ou asilos. Também podemos convidar amigos não crentes a, juntamente conosco, participar desses projetos de misericórdia. Ao incentivá-los a dar mais de si mesmos, fazemos com que fiquem mais perto ainda de entregar sua vida a Cristo.

Mais uma coisa: Neste capítulo, concentro-me nos grupos de estudantes cristãos. Eles são importantes — a meu ver, cruciais —, mas não quero passar a impressão de que, se estiver num grupo de estudantes cristãos, você terá toda a comunhão cristã de que precisa. Você também precisará frequentar uma igreja "de verdade". Quase posso ouvir você dizer: "Ah, mas eu preferia mesmo é estar só com pessoas do meu jeito!". A questão é: Todos nós preferiríamos estar com pessoas do nosso jeito. Acontece que esse é um impulso egoísta que Cristo deseja ajudar-nos a superar. Um grupo de estudantes cristãos é como um clube, mas uma igreja é mais parecida com uma vila. Lá tem velhos e jovens, pessoas sábias e ingênuas, pessoas de fácil relacionamento e pessoas de difícil relacionamento. Aprender a amar todas essas pessoas é exatamente o tipo de experiência que você precisa ter! Portanto, encontre um bom grupo de estudantes cristãos, mas também encontre uma boa igreja. Você verá que todas as dicas deste capítulo a respeito de um bom grupo estudantil cristão também se aplicam ao que se deve procurar numa boa igreja.

O QUE DEVO PROCURAR

Você não encontrará perfeição alguma até chegar ao céu. Entretanto, alguns movimentos estudantis universitários estão mais em sintonia com Jesus do que outros. Assim sendo, eis uma lista das coisas que você deve procurar quando chegar ao campus.

Procure um grupo que reconhece abertamente Jesus Cristo como Senhor e Salvador. Os membros devem ser claros quanto à sua lealdade. Jesus disse: “Portanto, qualquer que me confessar diante dos homens, eu o confessarei diante de meu Pai, que está nos céus. Mas qualquer que me negar diante dos homens, eu o negarei também diante de meu Pai, que está nos céus” (Mt 10.32-33).

Procure um grupo que aceita a Bíblia como a verdadeira e cheia de autoridade Palavra de Deus aos homens. Os membros devem crer no que a Bíblia ensina e, também, procurar cumprir o que ela ordena.

Procure um grupo que entende que somos justificados diante de Deus pela fé em Cristo, e não pelas nossas próprias obras. Não somos capazes de conquistar o nosso caminho para o céu; somente a justiça de Cristo foi pura o suficiente para isso. Somos reconciliados com Deus não porque fazemos o bem, mas, sim, para fazer o bem.

Procure um grupo em que os membros têm padrões elevados e claros de conduta moral. É claro que todos nós pecamos. Todavia, devemos ajudar uns aos outros a não pecar. Certamente, devemos perdoar aqueles que se arrependem dos seus maus feitos, mas não deveríamos agir como se os maus feitos não importassem. Como Deus disse ao povo de Israel: “[...] Santos sereis, porque eu, o Senhor, vosso Deus, sou santo” (Lv 19.2).

Procure um grupo cujos membros não sejam conflituosos, nem pessoas que falam pelas costas, mas que tenham amor sacrificial uns para com os outros. As palavras do próprio Jesus deixam tudo muito claro: “Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros; como eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis. Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros” (Jo 13.34-35).

Procure um grupo com um bom equilíbrio. A vida do grupo deve ter doses equilibradas de louvor, oração, ensino, incentivo e apoio, bem como iniciativas missionárias. O grupo deve trabalhar tanto no fortalecimento de antigos membros como na busca de novos. Deve haver respeito mútuo e boa comunicação entre a liderança e o restante do grupo.

Por fim, procure um grupo que o desafie a crescer na maturidade cristã. Faça parte de um grupo cujos membros estejam avançando, com a ajuda do Espírito Santo, em direção a um amor cada vez maior por Cristo, na confiança em Cristo e na obediência a Cristo.[1]

O QUE DEVO EVITAR

Nem todos os movimentos cristãos estudantis vivem de acordo com o nome de Cristo. Às vezes, o rótulo “cristão” chega até mesmo a ser utilizado por grupos que não têm qualquer relação com a fé cristã histórica. Por essas duas razões, você precisa ser cuidadoso ao escolher o grupo que frequentará.

Eis, aqui, uma lista de coisas a serem evitadas.

Evite grupos que rejeitam ou distorcem a Bíblia. Rejeitar a Bíblia significa negar a sua verdade e a sua autoridade, afirmando coisas como se ela fosse “simplesmente um produto da sua época”, por exemplo. Distorcê-la significa utilizar interpretações fantasiosas para tentar fugir daquilo que ela realmente diz, como, por exemplo, dizer que o “novo nascimento” refere-se à reencarnação em vez de referir-se a um novo nascimento na pessoa de Cristo.

Evite grupos que menosprezam ou diluem o conteúdo da Bíblia. Menosprezar a Bíblia significa não a levar a sério, escolhendo a dedo quais partes da Bíblia devem ser seguidas, por exemplo. Diluí-la significa tratá-la meramente como mais uma dentre muitas revelações, como, por exemplo, colocá-la ao lado de outros textos como o Livro de Urantia ou o Livro de Mórmon.

Evite grupos que tratam experiências exóticas ou emocionais como a principal característica da vida cristã. Deus promete a cada cristão o dom do seu Espírito Santo, mas Ele não promete a cada cristão que ele terá experiências “espirituais” especiais como sonhos proféticos, ou emoções “espirituais” especiais como o choro de alegria. Na verdade, a Bíblia ensina que devemos examinar a tudo e retermos o que é bom (cf. 1 Ts 5.21) para termos certeza de que essas coisas realmente vêm de Deus.

Evite grupos que idolatram os seus líderes humanos. Liderança é necessário; todavia, os líderes cristãos devem ser líderes-servos (ver Jo 13.1-17). Um grupo cristão saudável deve ser centrado no Deus Triúno, e não nas personalidades das pessoas que o comandam.

Evite grupos que tentam separá-lo da sua família. Se você se tornar um cristão,

mas tiver a oposição da sua família, é verdade que deve esperar tensão por parte dos seus familiares. Entretanto, um grupo cristão saudável irá incentivá-lo a modelar o amor e a paciência de Cristo para com os seus familiares e a não romper o seu relacionamento com outros membros da sua família.

Evite grupos que tentam misturar o cristianismo com outras religiões. Algumas religiões ensinam que existem muitos caminhos que levam a Deus e que Jesus não passa de mais um deles, mas o próprio Jesus ensinou o contrário ao dizer: “Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim” (Jo 14.6).

Evite grupos que tentam misturar o cristianismo com práticas ocultistas. Exemplos de práticas ocultistas são as tentativas de comunicação com outros espíritos que não o próprio Deus, a tentativa de induzir as pessoas a estados mentais anormais e tentativas de prever o futuro. A Bíblia chama tais práticas de “feitiçaria” e adverte-nos contra elas nos termos mais contundentes que se possa imaginar (ver Dt 18.9-14; Gl 5.19-21).

Vários livros recomendáveis oferecem informação sobre os enganos que alguns grupos sectários tentam passar para nós como verdade. Normalmente, eles discordam de questões levantadas na Reforma, mas concordam na defesa dos fundamentos da fé crista conforme estes são apresentados, por exemplo, no Credo Niceno.

COM O QUE NÃO DEVO FICAR PREOCUPADO

Às vezes, os estudantes cristãos desprezam grupos perfeitamente saudáveis por motivos superficiais. A seguir, apresentaremos alguns exemplos do que não nos deve deixar preocupados — coisas que podem até parecer importantes, mas, na realidade, não são.

Não se preocupe só porque demora um pouco para você encaixar-se no grupo. Você não se sentirá à vontade na sua primeira ou segunda visita. Dê a si mesmo certo tempo para adaptar-se, mas não espere sentir-se completamente confortável para participar de algo; quanto maior for o seu nível de participação, mais rapidamente se sentirá à vontade no grupo.

Não se preocupe se você não se identifica com cada um dos membros do grupo. Todos os membros de um grupo cristão devem nutrir o amor fraternal uns pelos outros; todavia, mesmo entre os cristãos, é inevitável que você goste mais de algumas pessoas do que de outras. De qualquer forma, gostar não é o mesmo que amar. Gostar é um sentimento de afeição por outra pessoa, mas o amor cristão é um compromisso com o bem verdadeiro de outra pessoa. Você deveria tentar gostar porque isso torna o amor mais simples — mas não precisa estar em total sintonia com todas as demais pessoas.

Não se preocupe só porque o grupo faz coisas um pouco diferentes do jeito como você gosta de fazê-las. Talvez o grupo não cante os seus hinos cristãos favoritos ou, talvez, adore em um estilo ligeiramente diferente do que você costumava fazer. Você, provavelmente, pode acostumar-se a pequenas diferenças como essas. Na verdade, as suas preferências acerca dessas coisas podem, inclusive, mudar também. Contudo, o mais importante é se a vida do grupo está baseada na Palavra de Deus e na rocha firme, que é Cristo.

Não se preocupe só porque nem todas as pessoas do grupo têm o mesmo nível de compromisso e entendimento. Algumas pessoas podem ser firmes na fé, e outras vacilantes; algumas podem saber muito sobre a Bíblia, e outras pouco. Não há problema nisso. O importante é que as pessoas em posição de liderança tenham uma fé e um entendimento firmes e que, no modo de agir do grupo, os membros mais firmes ajudem os mais fracos na sua caminhada.

Não se preocupe se outras pessoas não acharem o grupo legal. Nós, os cristãos, somos os não conformistas dessa época. Naturalmente, os conformistas não nos acharão legais. Quanto mais você pensar nas coisas que são consideradas legais, mais difícil será enxergar alguma atração nelas. Pense a respeito disso: O que há de tão empolgante no relacionamento sexual vazio? O que há de tão empolgante em ficar embriagado? O que há de tão empolgante em fritar os seus neurônios com maconha?

Aqui vai um pensamento final sobre coisas que não importam. Nos campi e ao redor deles, existem dezenas de grupos cristãos — de vários tipos diferentes. Se, diante de tantas escolhas, você, mesmo assim, não conseguir encontrar um grupo no qual possa encaixar-se, talvez precise começar a pensar se o problema não está em você, e não nos grupos! Talvez você não esteja procurando com a devida seriedade. E por que você não estaria procurando com seriedade? Existem mil razões para isso estar ocorrendo. Por exemplo, talvez você sempre se tenha visto como um cristão, mas jamais se entregou verdadeiramente a Cristo. Talvez você tenha feito algo errado; talvez isso pese na sua consciência, e você esteja procurando uma desculpa para perder a sua fé, por isso você não terá de pensar a respeito. Talvez você seja espiritualmente arrogante, ou então seja simplesmente um preguiçoso.

Estou fazendo você chegar às raias da loucura? Caso esteja, este é um forte sinal de que você precisa orar sobre o assunto. Peça a Deus para segurar um espelho no qual você possa olhar para si mesmo. Arrependa-se se você precisar disso. Neste caso, peça a Ele para ajudá-lo a encontrar os cristãos com os quais Ele deseja que você esteja.

O CORPO DE CRISTO

A Bíblia diz duas coisas maravilhosas a respeito de grupos cristãos. A primeira diz respeito à Igreja, e a segunda diz respeito a você como membro da Igreja.

Como pode ver, a Igreja não é uma construção. Ela não é apenas e simplesmente um grupo de pessoas. Ela é muito mais do que isso. A Igreja — todos aqueles que estão unidos em Cristo — é o corpo de Cristo, e Cristo é o cabeça. E você, como membro, é parte do seu corpo (ver 1 Co 12.12-27).

E o que é um corpo? É a forma física pela qual uma pessoa age no mundo. A sua cabeça dirige, e o seu corpo faz conforme a cabeça orienta. Ela agarra com as suas mãos, levanta-se com os seus pés, caminha com movimentos firmes das suas pernas, fala com a sua boca e ouve com os seus ouvidos.

Quando a Bíblia afirma que a Igreja é o corpo de Cristo, ela está dizendo que, durante a era presente, aqueles que estão unidos em Cristo são o meio físico pelo qual Ele age no mundo. Eles são a sua maneira de fazer as coisas, o seu modo de fazer com que a sua vontade venha a ser cumprida. As mãos, os pés, as pernas e todas as outras partes, todas dependem umas das outras e todas têm tarefas a ser executadas para o bem do corpo como um todo. E esse também é o seu caso.

O que Cristo quer fazer no mundo? Ele disse aos seus discípulos que deseja torná-los povo de sua propriedade. Também os instruiu a ir e fazer discípulos de todas as nações. Será que isso incluiu também a nossa época? É claro que sim. Será que isso também inclui as faculdades e universidades? É claro que sim. E essas faculdades e universidades são pagãs? Bem, no geral, podemos dizer que sim. E o que nós temos com isso? Um pagão não é exatamente uma pessoa que ainda não aceitou Jesus? Cristo está usando o seu corpo para alcançar nossas faculdades e universidades pagãs e chamando-as de volta para Ele mesmo. Ele quer que você seja parte desse projeto. Se você é um membro, então seja um membro! Movimente-se sem parar no lugar onde você foi colocado! Não existe privilégio maior na terra. Encontre já o seu papel no corpo de Cristo e comece a caminhar.

10

O CONVÍVIO NA SALA DE AULA

RAIOS DE LUZ

No capítulo inicial eu disse que existe um ponto no qual não há mais volta na negação intelectual de Deus, e quando Jesus Cristo veio a mim eu estava quase lá. Para não encarar Deus, eu havia retirado um componente após o outro da minha mente, e eu já estava quase chegando na minha "placa mãe". Os outros anos depois da minha conversão foram como estar num sótão escuro — no qual estive por um longo período, porém, uma janela após a outra foram sendo abertas, de modo que raios maravilhosos de luz começaram a penetrar e iluminar os cantos empoeirados da minha vida. Assim, fui recuperando velhas memórias, antigos sentimentos, maneiras completas de entendimento que eu havia bloqueado da minha vida. [1]

A minha história será diferente da sua, mas ela ilustra uma verdade geral. Se eu perguntasse a todos os meus alunos cristãos: "O que acontece quando você se torna cristão?" a maior parte deles, provavelmente, dar-me-ia respostas semelhantes a estas: "Os seus pecados são perdoados". "Você entra em um relacionamento pessoal com Jesus Cristo." "Você purifica os seus atos." "Você se torna parte da Igreja." "Deus começa a mudar você a partir do seu interior." "Você começa a se preocupar mais com as outras pessoas." Todas essas respostas são verdadeiras, só que existe uma outra resposta que os estudantes cristãos, às vezes, deixam passar despercebida: Quando você se rende a Cristo, a sua mente é renovada.

Não são apenas as suas emoções, mas o seu comportamento, e o seu relacionamento com Deus e com as outras pessoas que muda. Se você cooperar com o Espírito Santo, receberá uma mente completamente nova! Paulo diz: "E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus" (Rm 12.2).

O APERFEIÇOAMENTO DA MENTE CRISTÃ

O que significa a “renovação do seu entendimento”? Significa que o seu pensamento tem um ponto de partida completamente diferente do que tinha quando você andava sem Cristo. A Bíblia chama este ponto de partida de um tipo de temor. “O temor do Senhor é o princípio da sabedoria”, diz Provérbios 9.10, “e a ciência do Santo, a prudência”. Muitos estudantes não gostam desse tipo de conversa, isso os torna desconfortáveis. Portanto, vamos olhar para o que isso realmente significa.

Que tipo de temor é mesmo este “temor do Senhor”? Seria o temor de que o Senhor faça algo terrível para você no dia do Juízo? Não. Se você já entregou a sua vida a Cristo e já se arrependeu de todos os seus pecados, este tipo de temor já se foi para sempre da sua vida, expulso pela confiança que vem do amor entre você e Ele (1 Jo 4.15-18). A dívida dos seus pecados já foi paga, e Deus não mais o condenará. Mateus 10.29-31 diz: “Não se vendem dois passarinhos por um ceitil? E nenhum deles cairá em terra sem a vontade de vosso Pai. E até mesmo os cabelos da vossa cabeça estão todos contados. Não temais, pois; mais valeis vós do que muitos passarinhos”.

Ele, porém, continua sendo o Santo, e nós trememos ao permanecer na sua presença. Ele não descansará enquanto não fizer todo que for necessário para nos tornar santos também e, sejamos honestos — parte do bem que Ele deseja a nós vai tão além do que hoje podemos imaginar que nem somos capazes de desejá-lo neste momento! A submissão a um Senhor assim é realmente assustadora, mas num sentido maravilhoso. Nós não tememos a Deus porque Ele é mau. Colocamo-nos em total reverência diante dEle porque a sua bondade nos assusta.

Outra coisa que é tão boa a ponto de nos assustar é a sua Palavra. Dê uma olhada no que Hebreus 4.12 declara a esse respeito: “Porque a palavra de Deus é viva, e eficaz, e mais penetrante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até à divisão da alma, e do espírito, e das juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e intenções do coração”. Será que você pode declarar isso a respeito de algum outro livro? Existe algum outro livro que lhe fisgue dessa forma, que o revele, que o exponha para si mesmo? E isso não é tudo. À medida

que você a estuda em comunhão com outros cristãos, Deus estará bem ali ao seu lado, instruindo-o. Jesus falou sobre isso na sua última ceia com os discípulos. Ele prometeu enviar o Espírito Santo para guiar o seu povo em “toda verdade” (Jo 16.13).

Se você aprender a temer a Deus no sentido bíblico, o temor reverente a Ele se espalhará por todo o seu intelecto. Ele será uma fonte de vida (Pv 14.27). Ele o tornará sábio, e lhe dará humildade (Pv 15.33). Você evitará o mal são somente por causa de alguma espécie de sensação de obrigação, mas porque ama a Deus e odeia tudo aquilo que Ele também odeia (Pv 8.13). Em todos os seus caminhos você o reconhecerá, e Ele endireitará os seus caminhos (Pv 3.6). Você o amará não somente de todo o seu coração, de toda a sua alma e com todas as suas forças, mas também de toda a sua mente (Lc 10.27). É isso o que significa ter o entendimento renovado.

Talvez você esteja surpreso ao saber que Cristo está tão interessado no seu intelecto! Porém, é claro que os seus professores também estão interessados no seu intelecto e, às vezes, isso provoca um efeito de cabo de guerra.

A PRÁTICA DO DISCERNIMENTO

O discernimento é uma virtude intelectual cristã. Uma virtude é uma característica que você precisa ter, como o amor, a coragem, a mansidão e a fidelidade. Uma virtude "intelectual" é uma virtude da mente, como a sabedoria. Destarte, que forma exata de virtude intelectual é, portanto, o discernimento? Para responder a essa pergunta, comecemos com algo que você já conhece. Você sabe que existem muitas coisas falsas que parecem verdadeiras e muitas coisas más que parecem boas, certo? Bem, discernimento é o que o ajudará a reconhecer a diferença entre eles. O discernimento fará com que você escolha o verdadeiro e evite a falsidade, escolha o bem e evite o mal. É um faro mental que o ajuda a perceber quando "algo cheira mal". Aqui estão alguns exemplos.

O seu professor de Biologia diz: "A Ciência mostra que o mundo não tem sentido, não tem propósito, nem significado. Você pensa: Tem alguma coisa aqui que cheira mal. Como a Ciência é capaz de "demonstrar" algo assim? Será que podemos apontar uma espécie de "medidor de significado" para a maravilha que é a vida e observarmos que a agulha de marcação desce até o ponto zero?

O seu professor de Física afirma: "O universo material é tudo o que existe, tudo o que sempre existiu e tudo o que sempre existirá". Você pensa: Tem alguma coisa aqui que cheira mal. Não são os próprios físicos que dizem que o Universo material teve um começo? E, se ele teve um começo, não seria preciso algo que o fizesse começar?

O seu professor de Religião declara: "A Bíblia é patriarcal e sexista porque ela subordina as mulheres aos homens". Você pensa: Tem alguma coisa aqui que cheira mal. Sei que a Bíblia chama o marido de cabeça da mulher, mas ela também não diz que ele deve amá-la a ponto de entregar a própria vida por ela da mesma forma como Cristo amou e entregou a própria vida pela Igreja — o sacrifício final?

O seu professor de Literatura diz: "Perguntar o que o autor 'quer dizer' com a sua estória é um erro. Ninguém jamais poderá saber o que outra pessoa quer dizer, tudo o que você conseguirá saber é o que as suas palavras significam para você". Você pensa: Tem alguma coisa aqui que cheira mal. "Se eu nem puder

saber o que uma pessoa quer dizer, como posso saber se este meu professor realmente quer dizer o que ele está falando agora?”

Em todos esses exemplos o discernimento o alerta que existe algo cheirando mal. Porém, ele também poderá avisá-lo quando algo está cheirando bem. Existem, também, coisas que podem cheirar bem para você, mas cheirar mal para um incrédulo. Vejamos, aqui, como Paulo explica esse “faro” que o cristão deve ter:

E graças a Deus, que sempre nos faz triunfar em Cristo e, por meio de nós, manifesta em todo lugar o cheiro do seu conhecimento. Porque para Deus somos o bom cheiro de Cristo, nos que se salvam e nos que se perdem. Para estes, certamente, cheiro de morte para morte; mas, para aqueles, cheiro de vida para vida (2 Co 2.14-16).

Como você pode perceber, Paulo nos diz que o cheiro das coisas depende da pessoa “estar sendo salva” ou “se ela está perecendo” — isto é, se o seu nariz está virado na direção de Cristo ou para longe dEle.

E, como você poderia melhorar esse “faro” mental? Como você poderia desenvolver o discernimento?

Em primeiro lugar, você precisa ter um espírito de obediência a Jesus Cristo. Se o seu espírito estiver em rebelião, o seu nariz também estará em rebelião.

Em segundo lugar, você precisará estudar a Palavra de Deus e outras literaturas cristãs. Afinal, estamos falando de um “faro” no sentido mental, e não físico. Para desenvolvê-lo você precisará usar a sua mente.

Em terceiro lugar, você precisará praticar o uso deste “faro”. Cheire tudo. O seu poder de discernimento é como um músculo. Use-o ou ele acabará definhando.

Em quarto lugar, você precisará prestar contas a outros cristãos em um grupo cristão saudável. Se você tentar aprender a “cheirar” por conta própria, o seu “faro” mental será excêntrico. Você será como uma pessoa que aspira profundamente um monte de esterco e diz: “Ah, rosas!”.

E o que é mais importante, você precisará pedir a Deus que lhe dê discernimento. As Sagradas Escrituras nos dão uma amostra clara do quanto deveríamos desejá-lo dizendo que devemos “clamar” e “alçar a nossa voz” por Ele (Pv 2.3). Quando Deus perguntou a Salomão o que queria, Salomão pediu que Deus lhe desse discernimento — nada mais. Como Deus ficou muito contente, Ele deu a Salomão não somente o que ele pediu, mas muito mais. Antes de avançar para a próxima seção, faça uma pausa e leia a história do seu pedido. Você a encontrará em 1 Reis 3.5-14.

COMO MANTER A SUA COMPOSTURA SEM SER UM TOLO

À medida que você for adquirindo discernimento, como você o colocará em prática em sala de aula? Todos conhecemos pessoas que estavam do lado certo de uma polêmica, mas acabaram afastando as pessoas por causa da maneira como a defendiam. Às vezes, em sala de aula, surge uma oportunidade de compartilhar uma perspectiva cristã no tema que está sendo debatido, ou de defender a fé cristã quando ela está sob ataque. Como você pode sustentar a sua posição numa discussão sem fazer com que o cristianismo pareça ofensivo?

Em primeiro lugar, deixe-me apresentar a forma errada de defender o seu ponto de vista numa discussão (sim, usarei de certo exagero para fins didáticos). Você está em uma aula de sociologia, e o professor acaba de dar a sua preleção favorável ao Relativismo. Ele conclui dizendo que ninguém deveria alegar a superioridade das suas ideias morais pessoais, e depois abre para perguntas. Tão logo ele termina de vociferar aquelas palavras, você se levanta, ruborizado e furioso, encara os seus amigos estudante, aponta para o professor e proclama: "Ai dos ímpios! O mal estará com eles, pois o que as suas mãos fizerem, a eles também será feito! Ó povo meu, os vossos líderes vos enganam e confundem o curso dos seus caminhos!".

Será que o professor se sentirá envergonhado? Ou os seus companheiros de classe ficarão convencidos? É claro que não! O professor simplesmente levantaria a sobrancelha — de forma sarcástica —, e diria para a turma: "Estão vendo aí o que eu quis dizer? E os alunos pensarão consigo mesmos: É claro que sim. E você poderia culpá-los por isso?

Por isso, vamos rebobinar a fita por alguns segundos e tentar novamente. Estamos, então, de volta ao fim da preleção do seu professor.

Professor: ... Então vocês percebem como é intolerante uma pessoa alegar a supe

Você: O senhor acha, então, que ser intolerante é errado?

Professor: É claro que sim. Ninguém deve ser intolerante. Você não concorda?
Você: Sim, concordo. Porém, o senhor não acabou de alegar a superioridade
Professor: Não me lembro de ter expressado essa ideia. Você acha que agi assim
Você: Sim, senhor, penso que foi o que senhor acabou de fazer.
Professor: Quando fiz isso?
Você: Agora mesmo.
Professor: Que ideia moral expressei?
Você: A ideia moral de que a intolerância é errada.
Professor: Ah, entendi. Sim, suponho que essa seja uma ideia moral. Só que eu n
Você: Pois bem, senhor, em minha opinião, o senhor alegou.
Professor: Você, certamente, é um jovem persistente. Poderia me explicar exatan
Você: Ao afirmar que ninguém deve ser intolerante.Isso não implica que a su
Professor: Hmmm. Talvez sim. Mas o que você quer dizer com isso?
Você: Bem, se algumas ideias morais são superiores a outras, isso não signif
Professor: Esse é um pensamento. Esse, certamente é um pensamento. Precisarei

Você percebeu todas as coisas que fez corretamente nessa conversa? Em primeiro lugar, você se limitou a um único tema. Tudo o que você estava tentando mostrar era que até mesmo o seu professor acreditava em, pelo menos, uma verdade moral. Em segundo lugar, você não fez um sermão. As suas observações foram curtas, e a maior parte delas foram respostas às perguntas do seu professor. Em terceiro lugar, você argumentou de forma simples e clara. Qualquer pessoa poderia ter seguido a sua linha de argumentação. Em quarto lugar, você não deu uma surra de Bíblia no seu professor. Existem momentos para se citar a Bíblia (por exemplo, se a pergunta em debate for o que Jesus disse sobre si mesmo), mas você reconhece que aquele não era um momento. Em quinto lugar, você modelou a cortesia. Você demonstrou respeito pelo seu professor e ouviu o que ele tinha a dizer sem interrompê-lo. Em sexto lugar, você permaneceu calmo. Você não ficou perturbado, empolgado, impaciente ou furioso. Em sétimo lugar, você reconheceu que não precisava "vencer". E se o seu professor não ficasse convencido? E se ele tivesse a última palavra? E se ele, simplesmente, mudasse de assunto? Tudo o que você tinha a fazer era plantar uma semente.

Essas sete recomendações se aplicam quando você estiver respondendo a comentários de colegas de turma. Se todas as sete recomendações forem observadas, você estará bem preparado para os futuros para os embates.

COMO LIDAR COM PROFESSORES HOSTIS

O professor que ensinava sobre intolerância discordava das posições cristãs, mas tentou ser justo. Você poderia ter se deparado com a intimidação de um professor que parece nem tentar entender o seu ponto de vista. Como você deveria reagir numa situação dessas? Obviamente, sempre é bom orar para que Deus converta o coração do seu professor (só não faça isso em voz alta). Outra coisa que você pode fazer é ser tão aplicado que até mesmo um professor injusto achará difícil reclamar a seu respeito. As outras coisas que você poderá fazer dependerão do tipo de ataque que você estará enfrentando. As três principais formas de ataque são: (1) a ridicularização; (2) a parcialidade na moderação do debate em sala; e (3) o preconceito ao dar a nota.

Caso 1. A Ridicularização. Por favor, lembre-se de que não é errado um professor discordar da sua opinião! Se a simples divergência incomoda você, será preciso desenvolver uma casca mais grossa. O que quero dizer, então, com ridicularização? Coisas como sorrisos sarcásticos, xingamentos e intimidações. Por exemplo, quando um professor da minha própria universidade abriu a sua aula dizendo: "Todos vocês aqui são inteligentes demais para serem pró-vida[2], não é mesmo?".

O que você pode fazer diante da ridicularização? Inicialmente, fique calmo — a ira sempre dá uma base de apoio para Satanás. Em segundo lugar, desafie a ridicularização — mas faça isso de forma calma, concisa e educada. "Desculpe-me, professor. Eu sou pró-vida. O senhor tem direito a corrigir os fatos que apresento, ou a minha linha de raciocínio, mas não a me insultar antes de ouvir o que tenho a dizer."

Se a ridicularização persistir, apesar do seu desafio, é momento de documentá-la. Escreva exatamente as palavras e o momento em que elas foram ditas. Depois de documentar vários incidentes de ridicularização e tiver um número de testemunhas que o apoiem, leve a sua reclamação para o Reitor da universidade. Quase todas as faculdades e universidades disciplinam o corpo docente diante de episódios de ridicularização de alunos.

Caso 2: A parcialidade na moderação do debate em sala. Lembre-se de que

não há nada de errado no fato de um professor aderir a um lado de um debate! A questão é como o professor adere a um dos lados da discussão. Por exemplo, não há problema se o professor disser que ele é ateu, mas há problema se ele se alinha sempre aos ateus e nunca aos teístas, ou se ele lança somente perguntas fáceis para os ateus e somente perguntas difíceis para os teístas.

O que você pode fazer diante dessa postura de parcialidade? Não faça absolutamente nada, a menos que se trate de casos extremos, e não reclame disso em sala de aula porque se você desmoralizar o seu professor, ele jamais voltará a olhar para você. Em vez disso, fale com ele sobre o problema no seu escritório — de forma educada e sem discussões. Se isso não resolver, volte ao seu escritório outro dia, leve consigo um companheiro de turma que confirmará a veracidade do que você está dizendo, e fale com ele, novamente de forma educada. Alguns professores ficam genuinamente surpresos ao ouvir que demonstraram parcialidade em sala de aula. Depois que são convencidos que a reclamação é verdadeira, eles, rapidamente, mudam de comportamento.

Se você seguir essas orientações, e a parcialidade nas discussões em sala de aula persistir, deixe de lado. Mesmo que isso seja parcialmente frustrante, é quase impossível prová-la e é improvável que ela venha a afetar, de alguma forma as suas notas. Por essas razões, é improvável que você consiga alguma coisa reclamando para uma autoridade de uma instância superior. Em vez disso, ore por paciência — Deus ama e honra o desejo de imitar a sua longanimidade.

Caso 3: Preconceito ao dar a nota. Lembre-se de que o fato de você receber uma nota inferior, ao que você pensava merecer, não significa preconceito por parte do professor. Os professores precisam ser austeros. O preconceito vai além da austeridade — é tratar a mesma qualidade de forma desigual. Por exemplo, suponhamos que um professor solicite à turma um trabalho que se posicione sobre o suicídio assistido. Alguns estudantes escrevem a favor do suicídio assistido, outros escrevem contra. Assim que o professor devolve os trabalhos, já com a nota, ele observa: "A propósito, os trabalhos que foram contra o suicídio assistido tiveram melhor qualidade, mas eu lhe dei uma nota menor porque eu não concordo com essa posição".

O que você pode fazer diante do preconceito do professor ao dar a nota ao trabalho? Em primeiro lugar, considere se a intervenção dele foi muito grave, a diferença entre um 8,5 e um 9; provavelmente, não justificaria um atrito com o

professor. Em segundo lugar, considere se esse preconceito pode ser provado. No exemplo apresentado no parágrafo anterior você poderá apresentar as próprias afirmações do professor como prova, mas na maioria dos casos as coisas são mais complicadas. Somente se o preconceito for, ao mesmo tempo, extremo e comprovado, você poderá pedir ao seu professor a revisão da nota.

Todavia, se você apresentar os seus argumentos ao seu professor, mas ele não fizer nada a respeito. A maioria das faculdades e universidades permitem que os alunos peçam a revisão das notas a uma autoridade superior, só que esses apelos, normalmente, são tratados com ceticismo. E por boas razões, as faculdades normalmente costumam atuar com muita discrição, logo, o ônus da prova recairá sobre você. Por essa razão, não é muito sábio sair pedindo a cabeça do seu professor, a menos que o seu caso seja, realmente, muito grave.

Se você sofrer injustiça por levantar o estandarte de Cristo, lembre-se das palavras de Jesus: “Bem-aventurados sois vós quando vos injuriarem, e perseguirem, e, mentindo, disserem todo o mal contra vós, por minha causa. Exultai e alegrai-vos, porque é grande o vosso galardão nos céus; porque assim perseguiram os profetas que foram antes de vós” (Mt 5.11,12). Livre-se de todo tipo de ira e ore pelo seu professor — não com ressentimento, mas em amor, e não somente por sua causa, mas porque ele precisará da sua oração.

COMO ENCONTRAR APOIADORES INTELECTUAIS

Quando você chegar à universidade, será muitíssimo útil encontrar um mentor cristão. Um mentor é um mestre que compartilha da mesma fé cristã que a sua e está disposto a conversar com sobre como ela está vinculada aos seus estudos. Idealmente, o seu mentor deve ter muitos anos de experiência cristã e ensinar na mesma disciplina que você está estudando. Todavia, será que existem mesmo professores cristãos? Muito mais do que você imagina. Como você poderá encontrá-los? Os líderes da sua igreja ou grupo de estudantes cristãos poderão ajudá-lo a encontrá-los. Você também poderá verificar na lista de organizações cristãs do campus se existe algum grupo de professores cristãos. Se houver, entre em contato com o líder e pergunte se alguma dos membros do grupo leciona na sua disciplina e estaria disponível para conversar com alunos sobre os desafios da fé. Você também poderia verificar se um algum centro de estudo cristão está localizado próximo do seu campus. Na universidade onde leciono, os professores cristãos fazem um anúncio no jornal dos estudantes uma ou duas vezes por ano, apresentando os seus nomes e convidando os alunos a lhes visitarem para conversar sobre Jesus Cristo. Peça a Deus para direcioná-lo ao mentor correto.

Se você não conseguir encontrar um professor cristão na sua disciplina principal, quem mais poderia ser o seu mentor cristão? Você poderia escolher um professor auxiliar já graduado na sua disciplina, um professor de uma disciplina correlacionada, ou alguém que trabalhe no seu campo, mas não lecione na sua universidade. Mesmo que você não consiga encontrar um mentor acadêmico cristão, você deveria, mesmo assim, procurar encontrar um mentor espiritual. Essa pessoa poderia ser qualquer cristão mais velho experiente e confiável — da sua igreja local, do seu grupo cristão no campus, ou mesmo algum parente de um amigo. A propósito, normalmente, um bom conselho é que se procure um mentor que seja do mesmo sexo que você.

Além disso, peça a Deus para ajudá-lo a encontrar amigos que possam formar um círculo de apoio intelectual. Mas, ora, o que estou querendo dizer com isso? Refiro-me a um grupo de amigos da sua faixa etária que são dedicados a Cristo, enfrentam os mesmos desafios intelectuais, e animam-se uns aos outros na fé ao debater sobre esses desafios.

Caso a sua igreja ou grupo cristão funcionar como um círculo de apoio intelectual, isso será maravilhoso. Caso não, não se preocupe — toda igreja e grupo de comunhão tem pontos mais fortes do que outros. O importante é que todas as pessoas do seu círculo de apoio intelectual seja cristão, para que vocês se edifiquem uns aos outros na fé, em vez de se machucarem entre si. Talvez um membro do seu círculo de apoio intelectual seja companheiro de quarto, outro seja do seu grupo cristão, outro da sua igreja, outro do seu time de vôlei, e outro compartilhe muitas aulas com você.

O seu círculo de apoio intelectual não precisa ser um clube com encontros regulares, embora possa ser. É suficiente que vocês possam conversar em conjunto, seja todos em conjunto ou em grupos de dois, três e quatro. Na minha memória, ainda consigo ouvir Alex mencionando para o seu círculo de apoio intelectual que toda vez que as suas aulas de literatura falavam do Paraíso Perdido, ele ficava incomodado ao pensar no motivo da existência de mal no mundo. Todos os outros tinham uma resposta. Ahmed, que é um bom ouvinte, levantava perguntas que perturbavam Alex. Courtney menciona que o seu irmão, o qual morreu de câncer, animava-se a si mesmo ao ler as palavras de Paulo sobre o sofrimento em Romanos 8.18-39, e tanto ela, quanto Alex foram procurar essa passagem para debater sobre o que dizia. Farhanna, que lê tudo o que lhe chega às mãos, sugere um livro e oferece-o em empréstimo para Alex. A seguir, o próprio Alex se lembra do livro de Jó, no Antigo Testamento, e decide lê-lo novamente. Você percebe como funciona essa dinâmica?

Um círculo de apoio intelectual é um grande presente de Deus que fará diferença pelo resto da sua vida. Todavia, é importante atentar para um detalhe: Você poderá ser tentado a tratar o seu círculo de apoio intelectual como uma forma de substituir as idas à igreja. Você consegue entender com isso pode acontecer? Você, e outras pessoas do seu círculo de apoio intelectual, podem começar a achar que vocês estão uns níveis acima de outros cristãos e não precisam se associar a eles, ou podem começar a pensar que as suas conversas são tão espirituais que não precisam fazer coisas que os cristãos comuns fazem, como, por exemplo, ir à igreja. É verdade que cristãos que aderem a este tipo de ideia escapam do erro do pensamento de que Deus não está interessado nas suas mentes, mas eles acabam caindo no erro oposto de pensar que Deus está interessado somente nas suas mentes. Ame ao Senhor de toda a sua mente, mas ame-o também com todo o restante do seu corpo. A fé deve ser inteligente, mas a inteligência não precisa ser motivo de orgulho!

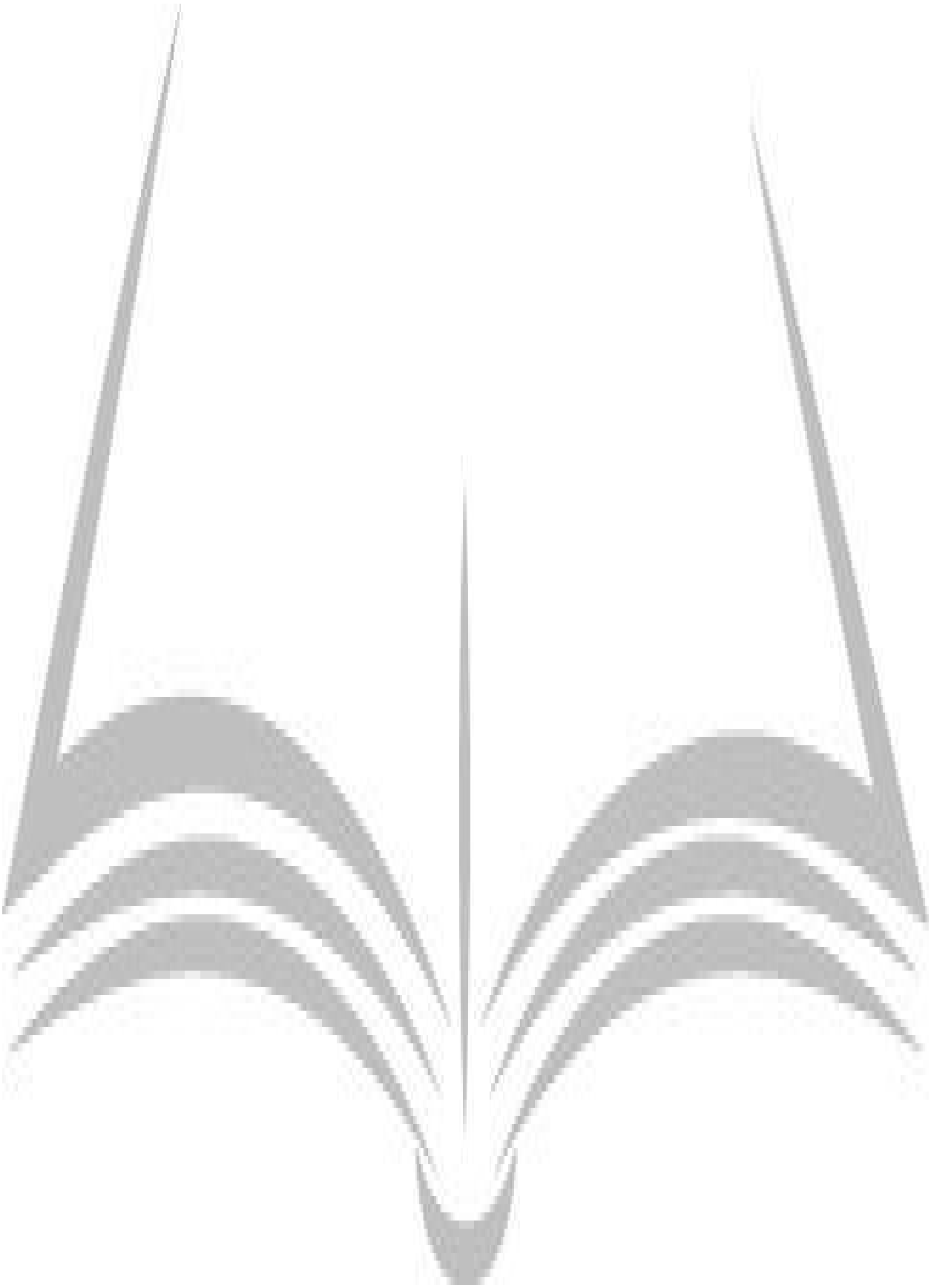
[2] N. do T.: “Pró-vida” é a pessoa que se posiciona contra o aborto.

CONCLUSÃO



11

O SENTIDO DA SUA VIDA



COMO INCORPORAR CRISTO À SUA VIDA

Um pouco mais adiante, direi algo radical. Mas não o farei agora.

Começarei bem devagar, dizendo o que você espera que eu diga.

Você já sabe como as coisas funcionam. Começo sempre falando como você encontrou um local na sua vida para amizade, para aprendizado, para música e assim por diante. Aí, depois, eu digo: “Não se esqueça de encontrar um lugar para Cristo na sua vida”.

Se você está se preparando para entrar à universidade, falarei um pouco sobre como você precisará agir com equilíbrio, passar parte do seu tempo em sala de aula, parte na biblioteca, parte em atividades extracurriculares e assim por diante. A seguir, eu digo: “Não se esqueça de passar parte do seu tempo com Cristo”.

E se você já estiver na universidade, passo a abordar temas sobre como você abriu espaço no planejamento da sua futura carreira, para a sua futura companheira ou companheiro, e assim por diante. Então, eu digo: “Não se esqueça de encontrar um lugar para Cristo no seu planejamento”.

Sim, isso é legal.

Não, não é.

Isso não parece errado para você? Você pode ter visto conversas assim em alguns livros religiosos. Eu já ouvi. Ou, então, você pode ter ouvido palavras assim de algum conselheiro. Eu já ouvi. Só que isso não transmite uma falsa mensagem?

Mas qual é essa falsa mensagem?

A falsa mensagem é que ela deixa você no comando. Tudo diz respeito a encaixar Jesus na sua vida, no seu tempo e nos seus planos. Se você permitir que Ele tenha o seu lugar nessas coisas, mas continuar pensando que elas são do seu domínio, então nenhuma mudança ocorreu na verdade. É como se o prédio

pertencesse a você, mas você permitisse que Jesus morasse em um dos apartamentos. É como se o reino pertencesse a você, e você permitisse que Jesus tivesse uma das suas moradas. É como se a agenda de horários pertencesse a você, mas você permitisse que Jesus marcasse uma audiência com você.

Talvez você esteja pensando: “Ah, tá, agora entendi. Eu não deveria dar a Cristo um lugar tão minúsculo na minha vida. Eu deveria mesmo era dar a Ele um lugar imenso. Ah, tudo bem, eu posso fazer isso sim”.

Não, não. Não é isso que quero dizer. Mesmo você dando a Ele um lugar enorme na sua vida em vez de um lugar minúsculo, a vida continuará sendo sua. E é justamente esse o problema.

Jesus Cristo não quer um lugar na sua vida. Ele não quer apenas ser encaixado nos seus planos. Então, afinal de contas, o que Ele quer?

COMO INCORPORAR A SUA VIDA A CRISTO

Cristo não quer um lugar na sua vida; Ele quer a sua vida por completo. Ele não quer apenas ser encaixado nos seus planos; o que Ele quer mesmo é encaixar você nos planos dEle. Você é chamado a pertencer a Ele. Porém, não leve em conta o que estou dizendo; confirme você mesmo na Bíblia. Paulo diz em Romanos 1.6: “[...] sois também vós chamados para serdes de Jesus Cristo”.

Muitas pessoas ficam surpresas com essa ideia. Afinal de contas, quem Jesus Cristo pensa que é? Ele pensa ser Deus? Sim. É exatamente isso. Ele é Deus, e você não é.

Você pode até ter a posse da sua vida, mas não tem um título quitado da posse dela. Ele é o legítimo proprietário da sua vida, porque foi Ele quem pagou o preço. E onde foi que Ele pagou esse preço? Na cruz do Calvário. E como foi que Ele pagou? Com o seu próprio sangue. E agora, você é chamado a pertencer a Ele.

Outro motivo pelo qual algumas pessoas ficam surpresas diante dessa ideia é que ela parece retirar delas a sua liberdade. Eu não vou dizer a você que a liberdade não é importante. Ela é. O próprio Jesus falou sobre isso. Ele disse que veio para proclamar a “liberdade aos cativos” (Lc 4.19). Ele disse sobre si mesmo: “Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente, sereis livres” (Jo 8.36). Paulo disse: “Estai, pois, firmes na liberdade com que Cristo nos libertou e não torneis a meter-vos debaixo do jugo da servidão [...]” e que “vós, irmãos, fostes chamados à liberdade” (Gl 5.1,13). Ele disse que, um dia, a própria criação seria “libertada da servidão da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus” (Rm 8.21).

O crucial, porém, é entender sobre qual tipo de liberdade estamos falando. Não é algo diferente de pertencermos a Cristo; é justamente o pertencer a Cristo. Veja você mesmo: “Porque de quem alguém é vencido, do tal faz-se também servo” (2 Pe 2.19), e todos são controlados, ou pelos seus próprios desejos pecaminosos, ou por Cristo. Não existem outras opções. Na primeira forma, ficamos livres do controle da justiça, mas não obtemos nenhuma vantagem — somente a futilidade e a morte. Na segunda forma, ficamos livres do controle do

pecado e obtemos o benefício da santidade e da vida eterna (ver Rm 6.16-23). Escolhemos a segunda forma de liberdade.[1]

“Ah, vamos parar com isso” — você poderá dizer. “Isso não pode ser liberdade, ou pode? Você está falando sério? Como isso poderia funcionar?”. Passemos a considerar as perguntas, uma por vez: Quanto à primeira pergunta: Sim, pode ser liberdade. Quanto à segunda pergunta: Sim, eu estou falando sério. Agora, no caso da terceira pergunta, a resposta é: Eu não sei como as coisas funcionam! Eu não conheço a tecnologia espiritual. Disso é Deus quem cuida. Quando Ele assume o controle, Ele assume o controle mesmo. Tudo o que posso dizer é que as coisas, de fato, funcionam, e isso é maravilhoso.

Voltemos ao ponto no qual eu disse que Cristo não quer um lugar na sua vida, mas a sua vida por completo; que Ele não quer que você venha encaixá-lo nos seus planos, mas, sim, encaixar você nos planos dEle.

Talvez você esteja pensando: “Ah, agora entendi. Então, você quer dizer que eu devo entrar para o ministério de tempo integral, ou algo do tipo, não é?”.

Essa ainda não é a questão. Num certo sentido, todo cristão é um ministro de tempo integral, seja ele ordenado ou não (ver 1 Pe 2.9). Deus pode desejar que você seja ordenado, da mesma forma que Ele pode fazer você virar um adestrador de cães. Ele pode desejar que você seja um missionário, da mesma forma que Ele pode fazer você trabalhar como contador. A ideia é: seja lá o que Ele quer que você venha ser, Ele quer que você seja completamente dEle. Se você adestrar cães, adestre-os como se eles fossem do próprio Deus (e, na verdade, eles são mesmo). Se você fizer o balanço de empresas, faça como se o próprio dono daquele negócio fosse o Senhor (e, na verdade, Ele é mesmo). Entrega a Ele as suas noites e os seus dias, a sua chegada e a sua saída, o seu levantar e o seu deitar. Entrega a Ele as suas amizades, o seu namoro e — quando o dia chegar — o seu casamento e os seus filhos. Entrega a Ele o seu passado com humildade, o seu presente com dedicação e o seu futuro com esperança e confiança.

Agora é hora de ver como isso se desenvolve.

O RESTANTE DO TEMPO NA UNIVERSIDADE

Tomemos, portanto, como premissa, que Deus quer tirar de você a poeira, purificar a sua vida, moldá-lo e fazer de você um espelho claro da sua glória. Deixemos, então, de perguntar onde Deus é inserido no planejamento do seu curso superior; passemos a perguntar onde a universidade é inserida no plano que Deus tem na sua vida.

Uma das histórias contadas por Jesus dá algumas pistas a nós. Ela é chamada de "A Parábola dos Dez Talentos" (ver Mt 25.14-30), e ela fala de um senhor que confia aos seus servos o cuidado do seu dinheiro durante um longo período de ausência. Ao retornar, o mestre descobre que um dos servos havia enterrado as suas moedas para mantê-las a salvo, ao passo que os outros dois investiram nelas. Os dois servos ousados são elogiados e recompensados com responsabilidades ainda maiores, ao passo que o servo tímido é repreendido, demitido e, por fim, expulso da propriedade. Ele também entrega a parte daquele servo inepto para outro servo fiel.

Jesus contou essa história para ensinar-nos algo sobre o Reino dos céus. Ela não trata, na verdade, do uso do dinheiro, mas, sim, do uso dos dons de Deus. O dinheiro é só uma metáfora. Podemos expor essa ideia da seguinte forma: Assim como um comerciante deste mundo espera que os seus agentes corram risco e não enterrem o seu dinheiro — utilizando-o, antes, para obter retorno —, Deus, da mesma forma, espera que nós também assumamos riscos e não enterremos os nossos talentos, mas que os usemos para a edificação do Reino dos céus.

Enquanto crescia, as pessoas podem ter incentivado você a usar os seus talentos. Pois é, mas como fazer isso? Talvez, de tempos em tempos, alguém sugira que você deveria usá-los para Deus. A surpresa será descobrir que essa é a única razão por que eles foram dados a você num primeiro momento. É como se os talentos fossem dinheiro mesmo, e Ele dissesse: "Expanda o meu negócio para mim". Ou, então, como se eles fossem sementes, e Ele dissesse: "Cultive uma plantação para mim".

Você pode estar pensando: "E por que eu faria tudo isso? Seria Deus, de certa forma, preguiçoso?". Não é assim que as coisas funcionam. Uma forma mais

correta de entender a questão é que Ele está concedendo a cada um de nós o magnífico privilégio de tomar parte na sua obra. Ele poderia fazer tudo sozinho e dizer: “Saia do meu caminho!”. Ele poderia deixar-nos de fora. Mas ele prefere fazer com que tomemos parte na sua obra! Se aceitar a sua parceria, você um dia ouvirá a voz de Cristo dizendo: “Bem está, servo bom e fiel. Sobre o pouco foste fiel, sobre muito te colocarei; entra no gozo do teu senhor” (Mt 25.21).

Existe algum lado negativo nisso? Não se você usar os seus talentos para o Reino. Obviamente, haverá um lado negativo se você não os usar. Neste caso, os seus talentos serão tomados de você e entregues a outras pessoas. Somente o que estiver fundamentado em Jesus Cristo subsistirá no céu (ver Mt 25.28-29; 1 Co 3.10-15).

De certa forma, ficamos diante de um peso diferente nas decisões tomadas na vida universitária, não é mesmo? E, da mesma forma, também nas decisões da sua vida!

Alguns estudantes fazem os seus planos para a universidade de acordo com as profissões que lhes proporcionarão o maior retorno financeiro no futuro. Alguns preferem seguir a profissão que lhes proporcione mais satisfação. Outros, ainda, fazem os seus planos, simplesmente, imitando os seus amigos. E, também, há quem fique pulando — de atividade em atividade, de disciplina em disciplina, de assunto em assunto. Nenhuma dessas formas representa o modo como Deus deseja que você faça os seus planos. Deus deseja que você faça o seu planejamento vislumbrando qual será a melhor forma de descobrir, desenvolver e investir os seus talentos.

Acabei de mencionar o descobrir, o desenvolver e o investir. Passemos, agora, a abordar esses estágios um por vez.

Descobrir seus talentos significa mostrar o que eles são. A universidade proporciona a você a oportunidade de experimentar muitas coisas para descobrir o que você faz bem. E não me refiro simplesmente ao que ocorre em sala de aula. É verdade! Sara descobriu que tinha talentos literários por intermédio do seu curso de línguas. Wendy descobriu que tinha talento musical ao tomar parte no clube de diversões da universidade. Natã descobriu que tinha potencial como conselheiro por intermédio das suas aulas de trabalho social, e Sean aprendeu que seria um bom trabalhador braçal ao tomar parte em projetos missionários junto com o seu grupo cristão no campus.

Desenvolver seus talentos significa praticá-los de forma a torná-los mais aguçados e acrescentar conhecimento de forma a torná-los mais aprofundados. Isso também pode ser levado adiante tanto dentro, quanto fora da sala de aula. Sara juntou-se à equipe que preparava o Jornal da Escola. Wendy foi fazer aulas de voz no Departamento de Música, e Natã adquiriu experiência em aconselhamento ao trabalhar como um voluntário num telefone que atendia pessoas em crise. Ao perceber que a maioria dos trabalhadores braçais trabalha por conta própria, Sean fez alguns cursos de desenho arquitetônico e práticas de comércio; depois, ele foi trabalhar como auxiliar de carpinteiro em alguns verões.

Investir seus talentos significa colocá-los a serviço da edificação do Reino de Deus. Sara tornou-se uma “freelancer”, escrevendo artigos a partir de uma perspectiva cristã e vendendo-os para revistas. Wendy organizou um coral infantil na sua igreja. Natã e Sean continuaram o trabalho voluntário que já haviam iniciado nas situações de crise e na reconstrução de casas para a comunidade.

Como você pode ver, Sara, Wendy, Natã e Sean foram descobrindo, desenvolvendo e investindo os seus talentos ao longo dos anos no ensino superior. Mas o que ocorre depois da formatura?

O RESTANTE DO TEMPO DA SUA VIDA

A descoberta, o desenvolvimento e o investimento dos seus talentos continuarão ao longo da sua vida. Quando o seu tempo de faculdade chegar ao fim, a descoberta e o desenvolvimento tornar-se-ão menos importantes, e o investimento assumirá um grau maior de importância para você.

Agora, vejamos algo surpreendente: Os seus talentos não são as únicas coisas que você poderá usar para servir a Deus. Na verdade, você poderá colocar toda a sua personalidade a serviço da sua obra. E por que não? Não foi Deus quem a deu a você? Outra maneira de pensar no assunto é considerar que os "talentos" não incluem somente habilidades como aconselhamento e canto, mas também traços de personalidade, como, por exemplo, a percepção e a empolgação. Afinal de contas, tudo isso vem de Deus; isso também nos foi dado para a sua glória. Porém, são coisas que também precisam ser desenvolvidas. Passemos a analisar algumas formas com as quais você pode usar a sua personalidade como um todo — os seus talentos, tanto no sentido mais estrito, como no sentido mais amplo — para glorificar a Deus.

No seu trabalho regular. Muitas pessoas têm a ideia de que a única maneira de servir a Deus num trabalho regular é mediante o ministério ordenado. Mas a verdade é bem outra. É claro que alguns trabalhos oferecem melhores oportunidades do que outros para falarmos sobre a nossa fé — neste momento, tenho em mente os trabalhos onde se faz uso da "conversa" como na área do ensino, do aconselhamento e no funcionalismo público. No entanto, de uma forma ou de outra, Deus pode ser glorificado em qualquer trabalho honesto. Por exemplo, um contador cristão pode glorificar a Deus por meio do uso de um padrão tão elevado de integridade que fará com que as pessoas conheçam ao seu Senhor. Um médico cristão poderá glorificar a Deus ao curar tanto ricos, quanto pobres, independentemente da sua capacidade de pagamento, demonstrando não somente habilidades, mas também compaixão. Um advogado cristão poderá glorificar a Deus ao lembrar sempre que a fonte da justiça humana é a justiça divina, recusando-se a usar os seus conhecimentos para fazer o mal.

Nas suas atividades voluntárias. Outro erro comum é pensarmos que a única maneira de servir a Deus em atividades voluntárias é fazer alguma coisa dentro do templo de alguma igreja. Mas é claro que não! Grande parte da obra de Deus realmente ocorre ali — o ensino na Escola Dominical, as atividades dos departamentos, a preparação da igreja para os cultos. Todavia, Deus também tem várias tarefas a executar fora das quatro paredes de um templo cristão. Por exemplo, algumas pessoas consolam os enfermos, vestem os pobres e fazem visitas aos presos no cárcere. Um dos meus amigos usa as suas férias para fazer serviço voluntário em missões médicas em países pobres. Ele não é um enfermeiro, nem médico, nem técnico treinado; por isso, ele passa a maior parte do tempo limpando urinóis utilizados por pacientes nas camas. Segundo ele mesmo diz: "Não é um serviço glamouroso, mas é glorioso".

A seguir, falaremos de outras boas formas de utilizar os seus dons. Elas podem até parecer óbvias, mas você ficaria surpreso por ver quantos cristãos deixam-nas passar despercebidas.

1. Mentoreie alguém.

2. Ensine na Escola Dominical.

3. Crie filhos tementes a Deus.

4. Prepare refeições em alguma cozinha comunitária.

5. Mantenha uma casa onde haja paz e ordem.

6. Seja um voluntário em alguma instituição filantrópica.

7. Escolha uma carreira adequada aos seus talentos.

Nos seus relacionamentos pessoais. Um terceiro erro popular é achar que a única forma de servir a Deus nos relacionamentos pessoais é evangelizando os seus amigos. Não acredite nisso. Nem precisamos dizer que você deve evangelizar os seus amigos, mas não se esqueça da evangelização silenciosa de ouvi-los quando eles estiverem aflitos e oferecer o seu braço quando eles tropeçarem. E quanto à sua família? Você glorifica a Deus honrando os seus pais, entregando-se ao homem ou à mulher com quem se casar e criando todos os filhos que Deus possa conceder a vocês no conhecimento e no amor do Senhor. Nós pecamos, obviamente, mas você glorifica a Deus perdoando outras pessoas, submetendo-se aos outros e carregando os fardos uns dos outros. O Senhor quer que toda família cristã e toda amizade cristã seja um posto avançado do Reino dos céus, um farol de esperança em um mundo que não costuma ver essa mesma esperança com muita frequência.

No amor. O último erro que as pessoas cometem é pensar que dar glórias a Deus é uma obrigação. Mas nem por um minuto! O que você pensaria de um pai que protegesse os seus filhos meramente porque achasse ser isso sua obrigação, e não por amor a eles? Ele não seria digno de muita consideração, não é mesmo? Você consideraria um amigo que o ajudasse somente porque sente obrigação em fazê-lo, e não porque se preocupa com a sua vida? É claro que não! E como seria com Jesus? Será que Ele entregou-se por nós por obrigação? Não. Ele fez isso porque nos ama. Paulo disse: "Sede, pois, imitadores de Deus, como filhos amados; e andai em amor, como também Cristo vos amou e se entregou a si mesmo por nós, em oferta e sacrifício a Deus, em cheiro suave" (Ef 5.1-2). A passagem está dizendo que imitar Deus é copiar Cristo — é amar do jeito como Ele amou. Se eu não amar as pessoas em cujas casas estou trabalhando, que virtude haverá em passar todo o meu tempo livre na reconstrução de casas para a comunidade? Eu serei simplesmente um par de mãos cegas, ou uma caixa tilintando com o ruído de ferramentas. Se eu não amar o próprio Deus, que mérito haverá em ter o dom da música e mergulhar no ensino de músicas de

louvor a Deus para criancinhas que nada conhecem de música? Eu serei, simplesmente, um toca-discos de CD, ou um computador multimedia. "Aquele que não ama não conhece a Deus, porque Deus é amor" (1 Jo 4.8).

O RESTANTE DA ETERNIDADE

Agora que já falamos do restante da sua vida na universidade e no restante da sua vida secular, vamos falar um pouco do restante da eternidade. Você já percebeu que muitas pessoas não gostam de falar sobre o céu? Você não seria uma delas, seria? Eu, com certeza, já fui. Eu achava egoísmo da minha parte querer entrar lá. Mas não é egoísmo; queremos entrar lá porque Deus fez-nos assim. O céu é o nosso Verdadeiro País — o nosso Lar. Você considera loucura pensar nas coisas do céu quando há tanto a pensar nessa vida? Mas não é loucura; nós passaremos mais tempo lá do que aqui. Oitenta ou noventa anos não parecem muita coisa quando comparados à eternidade. Você considera ingenuidade esperar pelo céu porque nós estaríamos meramente crendo naquilo que queremos crer? Mas não é ingenuidade; depois que conhecemos a Deus, aprendemos que as suas promessas são dignas de confiança. O ateu é uma pessoa que crê naquilo que deseja crer, pois ele quer que Deus e o céu não existam. Você considera demérito servirmos a Deus na esperança de chegarmos ao céu quando deveríamos servi-lo somente por Ele ser Deus? Isso, porém, não é demérito algum; servir a Deus na esperança do céu é servi-lo por Ele ser Deus, porque desfrutar o céu será desfrutar da presença dEle próprio. Se houvesse perigo na nossa esperança pelo céu, Cristo não nos teria dito tantas coisas sobre esse lugar.

Portanto, não é loucura esperarmos pelo céu. Loucura seria esperarmos pelo céu sem sujeitarmo-nos a Cristo, porque o próprio Cristo é a nossa esperança de atingirmos o céu. Ele é a Porta.

Vamos dar passagem para a esperança do céu. Vamos falar sobre isso. Imaginemos o céu conforme ele é descrito nos dois últimos capítulos do livro de Apocalipse de João. Considere as palavras ali escritas como representações poéticas, e não como descrições literais. Lembre-se, porém, que a realidade será muito melhor do que as imagens.

Imagine toda a natureza recriada e tão viva como no dia da Criação: uma nova terra e um novo céu onde não haverá dor, sofrimento, nem corrupção.

Imagine uma bela cidade que fica nos ares, descendo do céu, da parte de Deus:

uma cidade tão bela que fará com que você pense numa noiva, toda arrumada para o seu noivo no dia do seu casamento.

Imagine-a refletindo raios de luz, como um diamante. Imagine os seus portões. Imagine o seu interior.

Imagine a cidade, sem a necessidade do sol e da lua para iluminação porque o próprio Senhor Deus e o Cordeiro irão iluminá-la. Imagine-a sem um templo, porque o Senhor Deus e o Cordeiro de Deus serão o seu templo. Nesta vida, entramos na igreja para estarmos com Deus; lá no céu, porém, Deus estará conosco de forma muito mais perfeita do que aqui, quando estamos na igreja.

Imagine um trono agora. Imagine um rio de vida que flui diretamente do trono para a rua. Ao lado desse rio, imagine árvores com folhas que não murcham. Imagine o povo de Deus olhando em direção ao trono. Deus terá enxugado todas as lágrimas dos seus olhos.

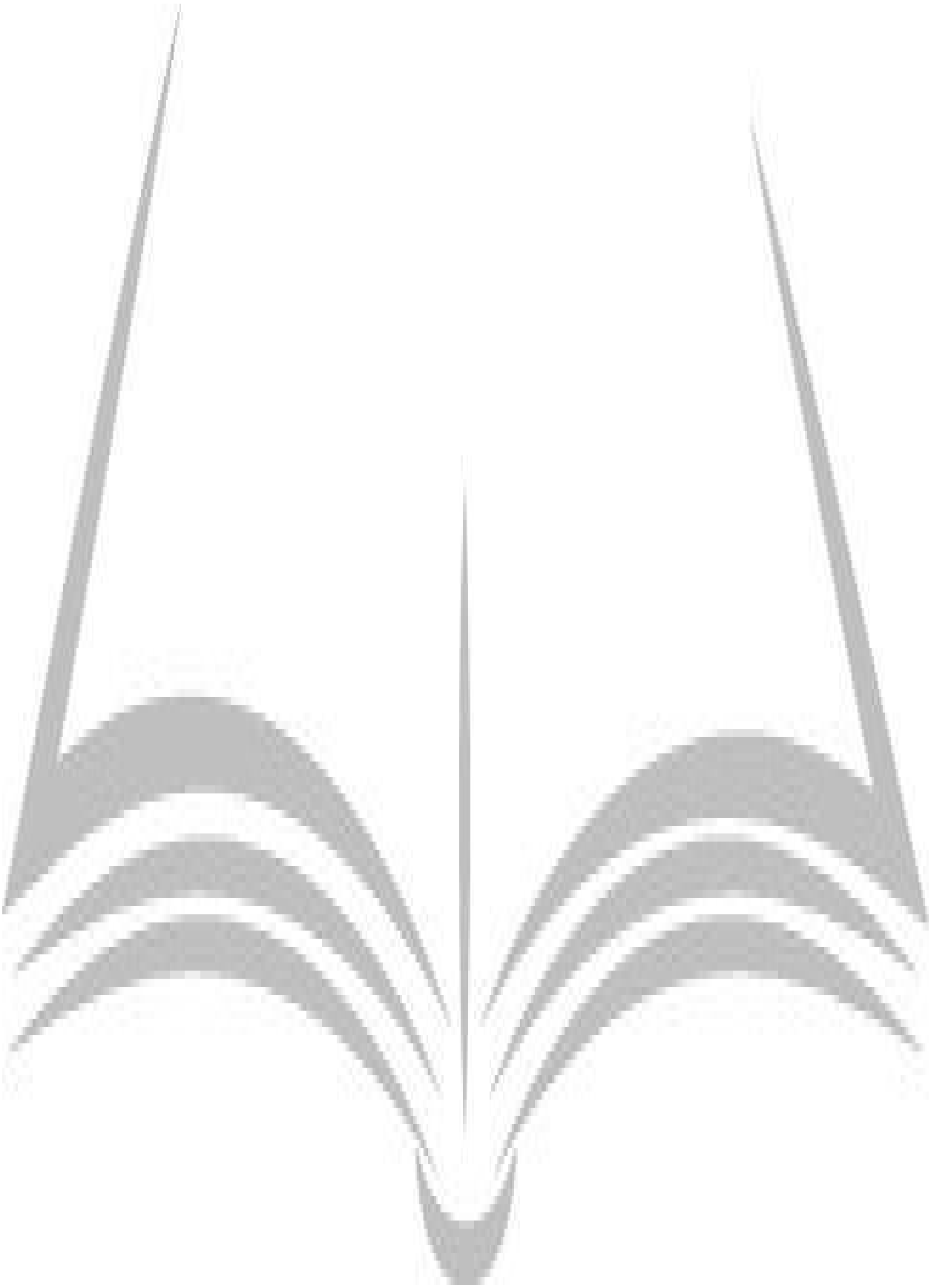
E eu vou terminando por aqui porque a outra parte vai além das imagens poéticas. Eu sei como se sentiu João nos seus dois últimos capítulos porque me dou por vencido. É, simplesmente, isto:

“E verão o seu rosto, e na sua testa estará o seu nome. [...] e reinarão [com o Senhor] para todo o sempre” (Ap 22.4,5b).

Você poderá estar no meio deste povo. As decisões que você tomar e o caminho que você seguir neste exato momento determinarão se você será ou não chamado de filho ou filha de Deus. Na universidade e ao longo da sua vida, haverá momentos de triunfo e momentos de desânimo. Haverá momentos em que o desânimo será tão profundo que, talvez, você chegue a duvidar da vitória. Não se deixe confundir; coloque essas experiências na perspectiva eterna. Quando a trombeta do anjo soar o início da eternidade, essa será a vitória, esse será o triunfo.

As pessoas irão vê-lo face a face. E você pode estar no meio deste povo. Siga a Cristo.

NOTAS



CAPÍTULO 1

[1]. Richard John Neuhaus, “Martyrs, Correct and Incorrect”, First Things: Revista Mensal Sobre Religião e Vida Pública 37, (Novembro de 1993), 46–47,

CAPÍTULO 2

[1]. Devo a expressão “um único Ente com três Personalidades” a Norman Geisler, que a expressa no interessante livro Answering Islam [Respondendo ao Islã], (Grand Rapids, Mb Baker, 1993), 2, 267.

CAPÍTULO 3

As palavras citadas vêm do paleontologista neo-darwiniano George Gaylord Simpson, que escreveu: “O significado da evolução é que o homem é o resultado de um processo natural e sem propósito que não nos tinha em mente,” George Gaylord Simpson, The Meaning of Evolution, edição revisada (Yale University Press, 1967), 344–345. Estou tentando evitar notas de rodapé neste livro, mas quando o assunto do Darwinismo vem à tona você precisará conhecer as suas fontes porque as pessoas dirão que os seus fatos estão errados.

Existem muitas evidências para a Micro-evolução — por exemplo, os bicos dos pássaros vão se tornando maiores ou menores ao longo de várias gerações. Isso está acima das controvérsias. No entanto, as evidências se despedaçam quanto falamos da Macro-evolução — de onde os bicos dos pássaros inicialmente vieram ou como foi que os peixes se transformaram em sapos.

Para mais informações acerca de como lidar com adeptos do Darwinismo, pesquise a obra Defeating Darwinism by Opening Minds [Derrotando o Darwinismo Pela Abertura das Mentes] (Downers Grove, 1ª Ed.,InterVarsity,

1997).

Para obter uma apresentação clara das evidências científicas em favor do Design Inteligente, vide Michael J. Behe, Darwin's Black Box: The Biochemical Challenge to Evolution, (Nova York: Free Press, 1996). O professor Behe, um bioquímico da universidade de Lehigh, não alega que a Ciência pode provar que o "Designer" foi Deus — somente que, forçosamente, houve um "Designer" (ou Projetista) no Universo.

Richard Lewontin, "Billions and Billions of Demons," The New York Review of Books, 9 de janeiro de 1997, 28–32. Ao mencionar o termo "construções" Lewontin se refere às hipóteses, com "fenomenal" ele refere-se ao mundo tal qual nós o experimentamos, com o termo "contraintuitivo", ele refere-se àquilo que é contrário àquilo que esperaríamos, e com "aderência a priori", refere-se ao preparo mental que precisamos ter para crer em algo antes de ouvir a respeito das evidências.

O filósofo Thomas Nagel expressa uma hostilidade similar para com Deus: "Quero que o Ateísmo seja verdadeiro e fico desconcertado pelo fato de que algumas das pessoas mais inteligentes e bem informadas que conheço são crentes e religiosas. Não é apenas que eu não acredito em Deus e, naturalmente, espero que eu esteja correto na minha crença. O fato é que eu espero que Deus não exista! Eu não quero que haja um Deus, e não quero que o Universo seja assim... O meu palpite é que esse problema da autoridade cósmica não seja uma condição rara e que ele seja responsável pela maior parte do Cientificismo e Reducionismo da nossa época". Thomas Nagel, The Last Word, (Nova York: Oxford University Press, 1996), 130–131.

Blaise Pascal, Pensées [Pensamentos], traduzido por W. F. Trotter, (Nova York: E. P. Dutton and Co., 1943), citação nº 422.

G. K. Chesterton, Orthodoxy [Ortodoxia] (Nova York: John Lane, 1909), 238–239.

Doug Groothuis resume os novos erros principais da Religião da Nova Era na obra “Evangelizing New Agers,” Christian Research Journal, edição de Inverno/Primavera de 1987, 7. Eis aqui uma paráfrase: (1) “Todas as coisas forma um único todo”. Refutação em Gênesis 1. (2) “Todas as coisas são Deus”. Refutação em Romanos 1.18-25. (3) “Eu mesmo sou Deus.” Refutação em Ezequiel 28.1-9. (4) “Eu posso salvar a mim mesmo.” Refutação em Efésios 2.8-9. (5) “Depois da morte nós reencarnaremos”. Refutação em Hebreus 9.27. (6) “Toda moralidade é relativa” Refutação em Êxodo 20.1-17; Mateus 5.17-20. (7) “Todos os ‘espíritos’ e tudo o que é ‘espiritual’ é bom”. Refutação em Deuteronômio 18.9-14. (8) “Os seres humanos estão evoluindo em direção a uma Nova Era harmoniosa”. Refutação em 1 Tessalonicenses 5.3, Mateus 24.3-31. (9) “Todas as religiões, na verdade, ensinam a mesma coisa”. Refutação em João 14.6; Atos 4.12.

CAPÍTULO 4

[1]. A palavra formal para a defesa da fé cristã contra objeções é Apologética, (que deriva da palavra grega apologion). Se você realmente quiser ser capaz de responder aos seus amigos, leia o Handbook of Christian Apologetics [Manual de Apologia Cristã], de Peter Kreeft e Ronald K. Tacelli.

CAPÍTULO 5

Vejamos aqui como John R. W. Stott explica “a razoabilidade da revelação”: “Como... seria possível (se, verdadeiramente, existem graus de possibilidade) penetrar nos pensamentos do Deus Onipotente? A sua mente é infinita. Os seus pensamentos elevam-se acima dos nossos pensamentos, assim como os céus se elevam acima da terra. A simples suposição de que poderíamos penetrar na mente de Deus já é absurda. Não existe escada pela qual as nossas mentes pequeninas poderiam subir até a sua mente infinita. Não existe ponte que possa ser estendida através do abismo da infinitude. Não existe forma de alcançar, nem

de compreender a Deus. Portanto, é realmente razoável dizer que a menos que Deus assuma a iniciativa de revelar o que tem em mente, nós jamais seremos capazes de descobri-lo. A menos que Deus se torne conhecido para nós, nós jamais o conheceremos, e todos os altares do mundo — como aquele visto por Paulo em Atenas — realmente, terão aquela trágica inscrição ‘ao deus desconhecido’ (At 17.23). Este é o lugar para começarmos o nosso estudo. É o lugar de humildade diante do Deus infinito. É também o lugar de sabedoria, à medida que percebemos a razoabilidade da ideia da revelação.” John R. W. Stott, You Can Trust the Bible (Grand Rapids, ML Discovery House, 1991), 14.

“Talvez, como o meu antigo colega Francis Crick sugeriu, ninguém deva ser considerado como vivo antes de três dias depois do nascimento. [...] Se uma criança não fosse declarada viva até três dias depois do nascimento, então todos os pais poderiam ter a permissão de escolher que apenas alguns bebês fossem aceitos segundo o sistema atual”. Essas citações foram extraídas da obra “Crianças de Laboratório,” Prism: The Socioeconomic Magazine of the American Medical Association 1:2 (1973): 12-14, 33-34.

Ao comentar sobre a sua entrevista com o teórico da Ética da Princeton University, Peter Singer, Mark Oppenheimer escreve que “apesar de Singer acreditar que se assassinar um bebê de três dias não é pior do que se assassinar um feto no seu último estágio, ele acredita que, em algum ponto será preciso demarcar uma linha limite. Ele costumava sugerir 28 dias depois do nascimento. ‘Hoje penso que um corte de 28 dias é impraticavelmente preciso’, disse ele. ‘Só que o ponto permanece: os cortes [para limitação] permanecem necessários’. Perguntei se ele estenderia o ‘corte para a eutanásia para, por exemplo, três anos de idade, uma idade na qual as crianças ainda têm pouquíssimas preferências. ‘Três anos de idade entre na escala cinzenta’, disse ele. Mark Oppenheimer, “Who lives? Who dies? (The Utility of Peter Singer)”, Christian Century (3 de julho de 2002).

4. A Bíblia fala com frequência sobre a verdade. O Salmo 145.18 diz: “Perto está o Senhor de todos os que o invocam, de todos os que o invocam em verdade”.

João 14.6 cita Jesus declarando: “Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim”. Em Efésios 6.14, o apóstolo Paulo nos diz: “Estai, pois, firmes, tendo cingidos os vossos lombos com a verdade, e vestida a couraça da justiça”. Em 2 Timóteo 2.15, ele diz ao seu amigo e discípulo, Timóteo: “Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade.

[5]. Personal communication, 26 de fevereiro de 1996. Agradeço ao Professor Plantinga por permitir o uso desta citação sua feita em uma carta.

[6]. John Bunyan, The Pilgrim’s Progress (Nova York: Washington Square Press, 1957), 54–55. Publicado originalmente em 1678.

CAPÍTULO 6

A propósito, não é verdade apenas que todo mundo está “fazendo isso”. Há poucos anos, alunos da Princeton University fundaram uma organização dedicada à promoção da castidade, a qual eles chamaram de Anscombe Society em honra à grande filósofa cristã Elizabeth Anscombe. A organização ficou tão popular que organizações similares, agora, têm surgido em dezenas de campi, unindo-se a uma organização nacional chamada Rede do Amor e da Fidelidade. Você pode aprender mais sobre esta rede no endereço www.loveandfidelity.org.

O pesquisador Glenn Stanton cita vários estudos que indicam: “Casais que moram juntos antes de se casar têm taxas de divórcio de 50% a 100% maiores que os casais que não moram juntos. Em um estudo canadense sobre casais casados a menos de 10 anos, a taxa de divórcio foi 31% para aqueles que moraram juntos antes, e apenas de 14% no caso daqueles que não moraram. Estudos também demonstram que casais que moraram juntos antes do casamento brigam mais, comunicam-se menos, separam-se com maior frequência, procuram mais aconselhamento, e têm mais probabilidade de manter casos extraconjugais. Eles têm mais problemas com drogas e álcool, e consideram o

casamento como uma parte menos importante das suas vidas. Os casais que coabitam têm taxas superiores de depressão e taxas inferiores de satisfação sexual do que casais casados. As taxas de violência são duas vezes mais altas, e as suas taxas de violência severa são cinco vezes mais altas. Em três dentre quatro relacionamentos, pelo menos um parceiro relata ter pensado que o relacionamento estava problemático ao longo do último ano. Isto corresponde a duas vezes a taxa dos casais casados em situação similar". Glenn T. Stanton, Why Marriage Matters: Reasons to Believe in Marriage in Postmodern Society (Colorado Springs, CO: Pinon Press, 1997), 57–69.

CAPÍTULO 7

Hopwood v. State of Texas [Hoopwood contra o Estado do Texas], 861 F. Supp. 551 (1994). O caso foi ouvido no Quinto Circuito do Tribunal de Apelações, que lida com casos no Texas, em Louisiana e no Mississippi. Enquanto escrevo, a questão da preferência racial retornou aos tribunais.

Para saber mais sobre os mitos liberais e conservadores, consulte os meus artigos "The Problem with Liberalism" [O Problema do Libealismo] e "The Problem with Conservatism" [O Problema do Conservadorismo] no website da revista First Things, no endereço http://www.firstthings.com.

"A respeito do" significa "sobre," e "estabelecimento de religião" significa "igreja oficial". A redação também implica que o Congresso não tem a permissão de impedir os estados de definir religiões estatais oficiais, porém por causa da maneira como a Décima-Quarta Emenda é interpretada, os estados também não têm permissão para ter religiões oficiais.

O caso foi Everson contra o Comitê de Educação (1947). Em outro caso, Lemon contra Kurtzman (1971), essa corte declarou que "a linha de separação, longe de ser um 'muro', é uma barreira turva, indistinta e variável, a depender de todas as circunstâncias de cada relacionamento específico".

Mateus 5.3 coloca de outra forma — nesta passagem os bem-aventurados não são os pobres, mas os “pobres de espírito”. Essa não é uma situação de ou/ou. Apesar de alguns autores enfatizarem uma passagem e outros enfatizarem a outra, a interpretação tradicional é que os dois tipos de pobres são bem-aventurados.

Guenter Lewy, Why America Needs Religion: Secular Modernity and Its Discontents (Grand Rapids, ME Eerdmans, 1996).

CAPÍTULO 8

[1]. Neal Donald Walsch, Conversations with God, Livros 1 (Nova York: G. P. Putnam’s Sons, 1996), 124, 126, 130–132, e 2 (Charlottesville, VA: Hampton Roads Publishing, 1997), 75,76. Esses livros não são, na verdade, conversas com Deus; chega-se à conclusão de que o autor pensa que ele próprio é Deus.

CAPÍTULO 9

[1]. As organizações universitárias protestantes, normalmente, são afiliadas às organizações nacionais, tais como a InterVarsity Christian Fellowship, Cru e os Navegadores. As organizações universitárias católicas, normalmente, estão associadas às paróquias locais e são chamadas de Centros Universitários Católicos ou Associações Estudantis Católicas. Os estudantes das faculdades de Direito devem procurar a Sociedade Cristã de Direito e a Sociedade Thomas More (nos Estados Unidos).

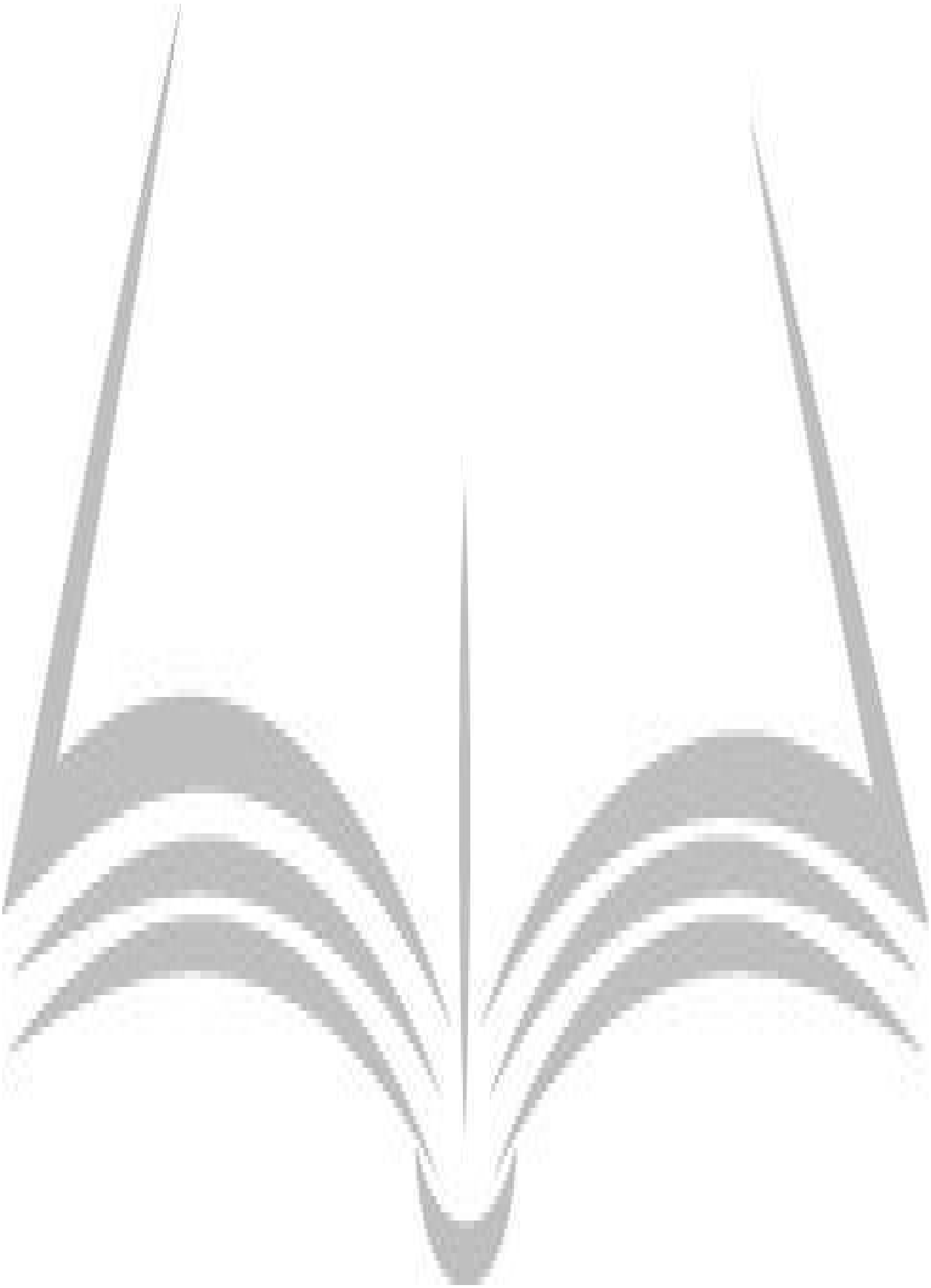
CAPÍTULO 10

[1]. Caso queira ler o restante da minha história, acesse o endereço http://www.leaderu .com/real/ri9801 /budziszewski html.

CAPÍTULO 11

[1]. Para saber mais do segundo tipo de liberdade, confira as seguintes passagens das Sagradas Escrituras. “Jesus dizia, pois, aos judeus que criam nele: Se vós permanecerdes na minha palavra, verdadeiramente, sereis meus discípulos e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará... Em verdade, em verdade vos digo que todo aquele que comete pecado é servo do pecado. Ora, o servo não fica para sempre em casa; o Filho fica para sempre. Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente, sereis livres” (Jo 8.31, 32; 34-36). “Porque não recebestes o espírito de escravidão, para, outra vez, estardes em temor, mas recebestes o espírito de adoção de filhos, pelo qual clamamos: Aba, Pai.” (Rm 8.15). “Ora, o Senhor é Espírito; e onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade” (2 Co 3.17). “Estai, pois, firmes na liberdade com que Cristo nos libertou e não torneis a meter-vos debaixo do jugo da servidão” (Gl 5.1).

SOBRE O AUTOR



J. BUDZISZEWSKI (Boo-dji-chefski) é um ex-ateu, ex-radical político, ex-soldador de estaleiro de navios e que já fez várias coisas, inclusive um ex-jovem e um ex-magro. Graduou-se como Ph.D na Universidade de Yale e, desde 1981, atua na Universidade do Texas, em Austin, onde ensina nos Departamentos de Governança e Filosofia. Ele escreve sobre lei natural e, se você perguntar a ele o que é isso, Budziszewski dirá que é Aquilo que não Conseguimos Saber sobre o certo e o errado (o que também acaba sendo o título de outros dos seus livros). Ele é casado há mais de 30 anos com a sua namorada do tempo de Escola Secundária, Sandra, e tem duas filhas. As pessoas acham que as duas são descendentes da dinastia Romanov porque os seus nomes são Alexandra e Anastasia. E o que mais? Bom, ele ama lecionar, odeia burocracia, ama escrever, odeia canetas e papeis. Diz ele que ama música contemporânea, mas depois se descobre que essas músicas são as “contemporâneas de Johann Sebastian Bach”. Ele abandonou a fé durante os anos de universidade, mas voltou para Cristo 12 anos depois. Caso queira saber mais sobre a sua jornada, você poderá acessar o seu website , www.undergroundthomist.org.